

Rev. 1325

1325

V.

Nº 19

HEROES



JANEIRO
1907



ABR. 1910

Cartões-me ?

V. IV

2.^a Série

SERÕES

1907

19 a 24
ca. 1907

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE—VOLUME IV



LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — EDITORES
132 — RUA DO OURO — 138

—
1907

SEBROS

WAGNER & BROS

NEW YORK



Summario

MAGAZINE

PAG.

NEGAÇAS

Quadro de EMMANUEL SPITZER FRONTISPEIO

UMA ARRIBADA EM CALMA BRANCA

(2 illustrações e 1 vinheta) por BULHÃO PATO..... 3

AS CASCATAS DE KOBE

(4 illustrações e 1 vinheta) por W. DE MORAES..... 4

O TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»

(A ronda) Photographia do sr. LEAL JUNIOR..... 12

(Depois da merenda) Photographia do sr. ANTONIO FRANCISCO DE LEMOS 23

(Visita inesperada) Photographia do sr. ALVES JUNIOR 53

(A' hora da calma) Photographia do sr. LUIZ A. MARQUES DE SOUZA 88

A RAINHA E A ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

(12 illustrações) por ALFREDO LUIZ LOPES 13

RECORDAÇÕES DA CAMPANHA CONTRA O GUNGUNHANA

(9 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO DE NORONHA..... 27

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRIPTORES

(22 illustrações, 1 vinheta e 12 autographs) por ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO 36

MIGUELA

(3 illustrações e uma vinheta) por MAURICE HEWLETT..... 54

ESPIRITUAL — POESIA

Por JAYME CYRNE 68

MARINHAS DE GUERRA

(5 illustrações e 2 vinhetas) por CELESTINO SOARES..... 69

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O BANDOLIM MAGICO

(1 illustração e 1 vinheta) 76

ACTUALIDADES

(19 illustrações)..... 79

OS SERÕES DAS SENHORAS (24 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS — NOVIDADES DA ESTAÇÃO — MANEIRA DE USAR PENNAS DE AVESTRUS — ESCOLHA DE ESPARTILHOS pag. 105

Os NOSSOS FIGURINOS » 107

Os NOSSOS CHAPEUS » 110

A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... pag. 110

LAVORES FEMININOS..... » 113

PELOS ALTOS..... » 116

CONSULTORIO DE LUIZA..... » 116

NOTAS DE DONA DE CASA..... » 119

A MUSICA DOS SERÕES

PREAMBULO

Por FRANCISCO BAHIA..... 4 paginas

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte :

Uma paisagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paisagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.^a — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, com tanto que o minimo seja 9×12 centimetros.

2.^a — As photographias premiadas serão publicadas nos «Serões» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «Serões» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.^a — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «Serões».

4.^a — A direcção dos «Serões» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.^a — A decisão do jury, escolhido pelos «Serões», será definitiva.

6.^a — As provas devem ser enviadas á direcção dos «Serões» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.^a — Haverá tres premios, sendo o primeiro de 10\$000 réis; o segundo Uma colleção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES; o terceiro Uma assignatura de um anno dos SERÕES, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia :

Local em que foi tirada :

Nome e endereço da photographia :

Declaração — Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que unto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura :

Endereço : Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138
— No verso do envelope a indicação : Quarto concurso photographico.

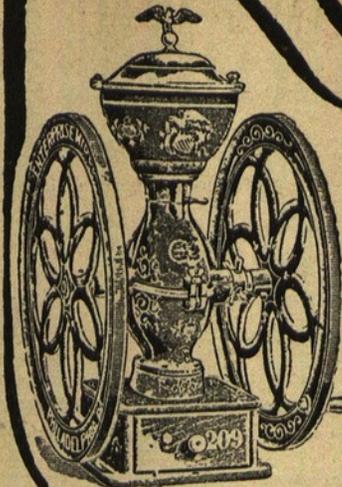
Ottoni. Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

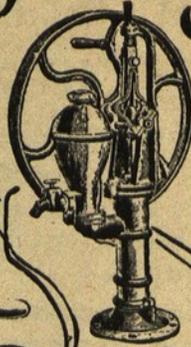
13 e 15

TELEPHONE 912.

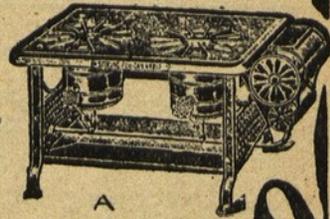
RIO DE JANEIRO



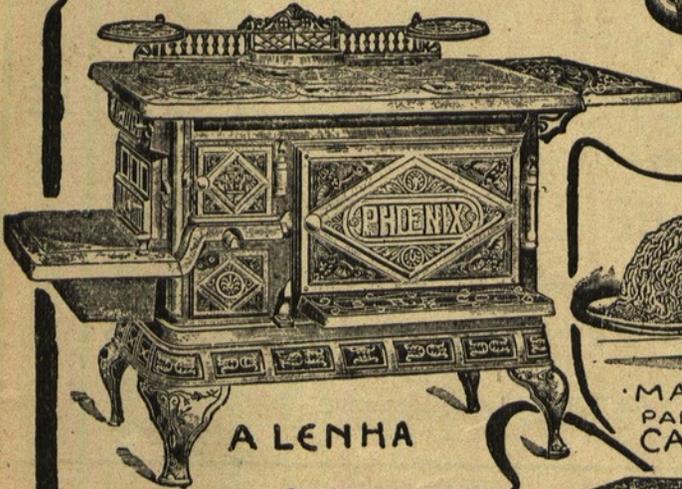
MOINHO
PARA CAFE



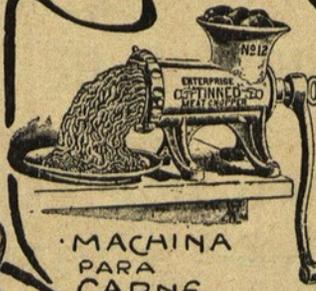
BOMBAS



A
PETROLEO.



A LENHA

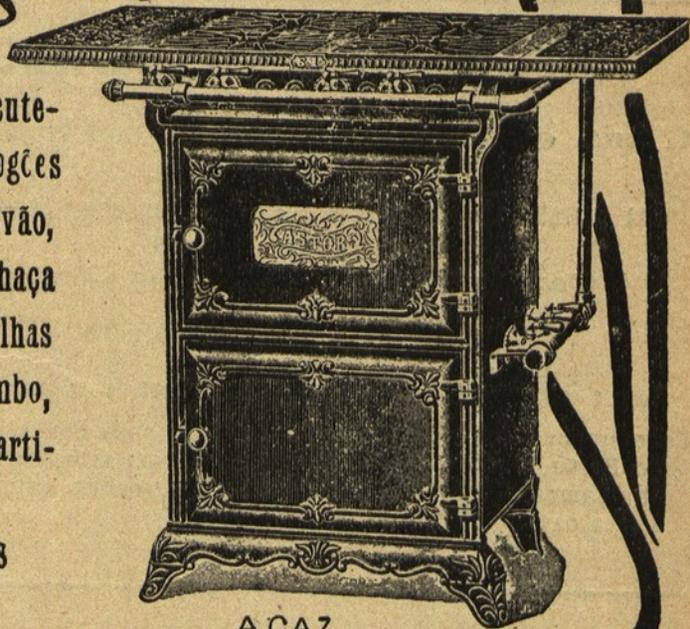


MACHINA
PARA
CARNE.



Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS



AGAZ



PASTA DENTIFRICA
A
— HYGIEÑICA —
Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta
a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO



54, Praça dos Restauradores, 56

— LISBOA —

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de Minas Geraes

BRAZIL

Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador t.m direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes especialidade d'esta casa.



Chamamos a attenção para as condições dos
annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da *Renascença* — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

VINHO VELHO DO PORTO



O impulso de entusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse so-

berbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fôrma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra



P. Marinho sr

MARCO



DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros

Mtuos sobre a vida

terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMOES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á sêde ou á filial.

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, LIMITADA

Rua Aurea, 132 a 136 — LISBOA

DEPOSITO GERAL DE VENDAS

DAS SEGUINTE PUBLICAÇÕES DO

Annuario Commercial de Portugal

Annuario Commercial de Portugal. — 27. ^a Edição — volume de 2:450 paginas, Preço (só a de 1907), Réis	2:500
Agenda do Annuario Commercial de Portugal. — Preço: Réis.....	1:000
Diccionario Criptographico, — para corres- pondencias secretas. Unico n'este genero — Preço: Réis	1:500
Guia Illustrada de Lisboa e seus arre- dores. — Edições especiaes em Francez e Inglez — Preço: Réis.....	1:000
Pautas das Alfandegas do Continente de Portugal, ilhas e Ultramar. — Preço: Réis ..	400
Tabellas de Cambio. — Directo entre Portugal, Inglaterra e Brazil — Desde 6 ^d a 54 ^{31/32} ^d por 1:000 réis — Preço: Réis	200

NOTA — Aos preços acima mencionados acresce a importancia do transporte para fóra de Lisboa.

.....
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

— DO —

ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES (PALACIO FOZ)

(Passagem do Annuario Commercial)

LISBOA

PHONOGRAPHS
 CLINDROS
 IMPORTAÇÃO
 DAS PRINCIPAES
 CASAS DE
 NEW-YORK
 BERLIM
 E
 PARIS

REPRESENTANTE DO CENTRO
 PHONOGRAPHICO
 PORTUGUEZ

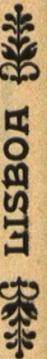
RUA DOS OURIVES Nº 109
 RIO DE JANEIRO
 AGENCIAS NO PARA e RIO GRANDE DO SUL



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83



ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wiskey, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

SANTOS REIS

Medico-cirurgião

Affecções pulmonares, partos e clinica geral

Consultas das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite

Chamada a qualquer hora, dia ou noite

RUA AUGUSTA, 166, 1.º

A VIDA SEXUAL

* * * **A VIDA SEXUAL** * * *

PELO
DOCTOR EGAS MONIZ
Lente de medicina pela Universidade de Coimbra

1.ª Parte: **PHYSIOLOGIA**

Extracto do indice: Os orgãos sexuaes. A puberdade. A menstruação e a menopausa. O instinto sexual. O acto sexual. Fecundação. A hereditariedade. (Origem dos sexos). A esterilidade artificial na mulher. A fecundação artincial na mulher. O casamento e a hygiene na vida sexual.

1 vol. in-8.º 350 pag. com gravuras Br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

2.ª Parte: **PATHOLOGIA**

Extracto do indice: Preambulo. Introducção Neuroses sexuaes. Heterosexualidade morbida Homosexualidade. Asexualidade. Perversões moraes. A vida sexual dos alienados

1 vol. in-8.º br. 1\$000 rs., Encad. 1\$250 rs.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS Pelo correio, franco de porte

A VIDA SEXUAL

FERREIRA & OLIVEIRA, LIM DA — Livreiros-Editores — 132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição ilustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

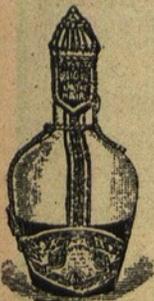
Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L. DA

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

ORTIGUIL
FOR THE HAIR

900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.PERFUME ESQUISITO
Vende-se nos bons es-
tabelecimentos de Por-
tugal.DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

CAXAMBU

AGUA DE MESA



GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.º 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

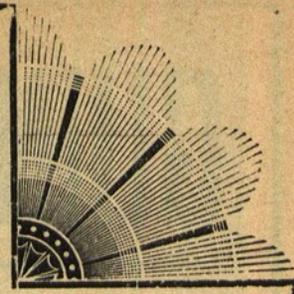
Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

- | | |
|---|---|
| General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz. | Cincinnati Tool Co. Ferramentas. |
| Felton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc. | Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas. |
| Mercedes Daimler. Automoveis. | Globe-Wernicke Co, Mobilia de escriptorio. |
| Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor. | Worthington Pumping Engine Co. Bombas a vapor. |
| J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagon. | Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene. |
| The Chloride Electrical Storage Company Ltd. Accumuladores electricos. | Otis Elevator Co. Elevadores electricos. |
| A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal" | The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha. |
| Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido. | Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes. |
| Cleveland Twist Drill Co. Brocas americanas. | Swan & Finch Co. Lubrificantes. |
| L. S. Starrett Co. Ferramentas finas. | International Paper Co. Papel para impressão. |
| John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica. | Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro. |
| Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc. | Standard Varnish Works. VERNIZES. |
| J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira. | Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever. |
| Lozler Motor Co. Motores e lanchas a gazolina. | Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios. |
| American Locomotive Co. Locomotivas. | Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos. |



Typographie DO ANNUARIO COMMERCIAL

DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239         **LISBOA**

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

No Circo — Critica quinzenal — n.º 1 — 28 de novembro de 1906 — por Vasco da Silveira — Satyras e rasinhas afiadas pelos dominios da politica e da litteratura.

Novos Orisontes — *Publicação semanal operaria de propaganda e de critica* — Anno I — n.º 6.

Novos Poemas — por Manuel da Silva Gayo — Coimbra, 1906 — Nova e preciosa contribuição que o conhecido e distincto poeta acrescenta ao seu thesouro de gloria.

● **Archeologo português** — *Collecção illustrada de materiaes e noticias* publicada pelo Museu Ethnologico Português — Vol. XI — n.ºs 5 a 8 — *Artigos principaes*: — Summario: Antiquidades do Concelho do Sabugal — Estudos de numismatica colonial portugueza — Documentos para a historia do castello de S. Jorge — Musée Ethnologique Portugais, (Belem Lisbonne) — Moedas illegaes destinadas á Africa Portugueza, etc., etc.

Visão do monge — Idyllio dramatico em verso por M. A. Pinheiro — Guimarães, 1906 — Tentativa sympathica de um novo, que precisa de estudar.

Tuberculose — *Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos* — *Artigos principaes*: — Um relatorio de Bronardel — A lucta contra a tuberculose — A alimentação racional — As doenças populares — Assistencia á primeira infancia — O Sanatorio Maritimo de Outão — Dispensario anti-tuberculoso de Lisboa.

Cantigas da minha terra — por Santos Luz — Lisboa, 1906 — Folheto de 63 pag. — Collecção de trovas de character accentuadamente portuguez, cheias de melancholia e de voluptuosidade.

● **Cunha** — Almanack humoristico e illustrado — 2.º anno — 1907.

● **ensino** — *Mensario de Pedagogia e Litteratura* — Anno I — Fasc. 1.º, Belem — Pará.

● **Instituto** — Revista Scientifica e Litteraria — Volume 53.º — 11 — Coimbra.

● **Os Sports** — Jornal illustrado — Anno II.

Portugal Agricola — *Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias* — 17.º anno — n.º 22.

Revista do Bem — *Publicação illustrada quinzenal, de propaganda educativa* — Anno II — N.º 46.

La Lectura — *Revista de Ciencias y de Artes* — Anno VI — n.º 71 — Novembro, 1906.

Seguros e Finanças — *Revista economica e industrial* — Anno I — n.º 6.

The Teikokugaho and illustrated monthly magazine — *The Fuzando Publishing C.º* — Tokio, Japon — Mez de Novembro.

Breves considerações sobre a hygiene das nossas escolas — Attitudes viciosas nas escolas — Educação physica — 3 folhetos por S. C. da Costa Sacadura. — O 1.º impresso em Famalicão, os dois ultimos em Lisboa — As qualidades profissionaes do auctor, inspector sanitario escolar e chefe da clinica de partos na Escola Medica de Lisboa, abonam a auctoridade com que trata da interessante materia.

Horas perdidas (versos) — por Ildefonso Bezerra — Parahyba do Norte (Brazil) — folheto de 72 pag. — Inspiração juvenil, inexperiencia de fórmula, calor de sentimento.

Arte — *Archivo de obras d'Arte* — 2.º anno — n.º 24 — Porto, Dezembro de 1906 — Summario: — A lição dos anjos — José Geraldo da Silva Sardinha — Trechos do Discurso proferido no Theatro de S. João, em honra do pintor Vieira Portuense.

Renascença — *Revista mensal illustrada* — Anno III — Rio de Janeiro — Dezembro 1906 — n.º 34 — Summario: — O amiguinho morto — O esperanto — Paginas d'um livro inedito — Os sertões — Fidel Franco — Beloto — Sapho — O Lacrau — Uma criada de truz — Haddock Lobo — Nossos autographos — A vingança — A Concha — As sete Dores de N. Senhora — Kosmogonia — Avós — Praça do Comercio — Chronica musical.

Lectura (La) — *Revista de Ciencias y Artes* — Año VIII — Janeiro 1907 — n.º 73.

The Theikoku Gaho and illustred monthly magazine — *Magazine japoneza escripta no seu idioma*. — Dezembro de 1906.

Semana Azul — *Publicação de luxo, illustrada, Arte, Litteratura, Critica, Novidades d'interesse e notas elegantes* — 3.º anno — Porto 13, Janeiro de 1907 — n.º 18.

Vinha portugueza (A) — *Revista mensal de viticultura e de agricultura geral* — Anno XXI — Dezembro 1906 — n.º 12 — Summario: — Chronica e Noticias — A proposito de densidade — Trasfega precoce — Vinificação e hygiene — Noticias offi-

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

ciaes — Vinificação — Consulta — Trabalhos do mez de Janeiro.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 3.^a Serie — n.ºs 34 e 35 — Summario do n.º 35 — O caminho de ferro e o porto da Beira — Mais um anno — Descanço dominical — Governador Geral de Moçambique — População do Territorio em 1905 — Milandos cafreaes — Variedades — Como se estabeleceu em Africa a primeira companhia de Moçambique (continuação). — Relatorio d'uma viagem por Abeillard Gomes da Silva (continuação) — Alguns usos e costumes indigenas de Sena (continuação) — De toda a parte — Chronica, Notas e informações — carteira da Revista — As nossas gravuras.

Vera Cruz — *Quinzenario Politico, Litterario, e Humoristico* — Anno III — n.º 16 — S. Paulo.

Echo Feniano e Girondino — *Revista portuense d'Arte e acontecimentos* — Anno I — n.º 11 — Summario: — O carnaval no Porto em 1906, com gravuras — A lei d'imprensa — Mez a mez — Politica alegre — A minha mãe — O carnaval Portuense no seculo passado — Os «Esquecidos» — Casada — Odio aos ricos — De Lita — Vida Triste — O Velho Kan e o seu filho — Os nossos concursos.

Tribuna (A) — Grande edição de luxo, profusamente

illustrada e com um texto excellente. — Anno XIII — n.º 244 — 6 de Janeiro de 1907 — Santos.

Mujer ilustrada (La) *Revista Ibero-americana de Artes e industrias Feministas* — Año I — n.º 14 — Madrid.

Semana Illustrada (A) — *Revista semanal illustrada* — n.º 18 — 26 de Janeiro de 1907.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — Anno II — Novembro 1906 — n.º 11 — Summario: — A insunuação régia dos vigarios capitulares — Escravidão e christianismo — Casas baratas — A questão social — O socialismo — O liberalismo de Carlos Martel — Chronica social do estrangeiro.

Instituto (O) — *Revista Scientifica e Litteraria* — Volume 53 — n.º 12 — Dezembro 1906 — Index — A alliança inglesa — Les Mathematiques en Portugal — O radio e a radioactividade — A jardinagem em Portugal — Fallencia d'Arte — O Japão no seculo xvi.

Novos Horisontes — *Publicação mensal operaria de propaganda e de critica* — n.º 7 — 1 de Janeiro de 1907.

Revue d'Italie et courrier d'Europe — *Rome-Paris* — Politique, Finance, Arts, vie mondaine — IV année — 12 Janvier 1907.

Construção Moderna (A) — *Revista illustrada* — Anno VII — n.º 16 e 17.

LIVROS Á VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Raul Brandão

A FARÇA

NOVELLA DRAMATICA

1 vol. br..... 600

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol..... 600

Luiz Guimarães, F.º

Pedras preciosas

VERSOS

1 vol. ed. de luxo... 1\$000



A NACIONAL

Companhia Portugueza de Seguros
sobre a vida humana

CAPITAL 200.000\$000 RÊIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathogorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde 20 réis.

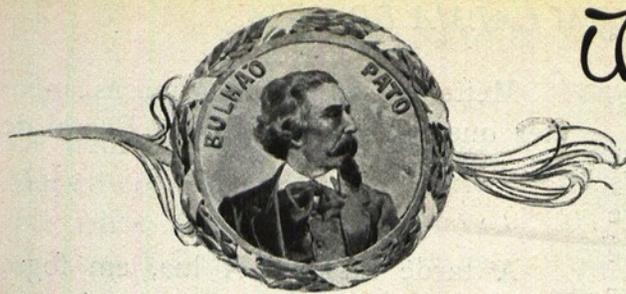
PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA



NEGAÇAS

Quadro de Emmanuel Spitzer



AOS 45 ANNOS

Uma arribada em calma branca

UM dia de dezembro, um soberbo dia de dezembro no nosso paiz é, para mim, o ideal da belleza diurna de todas as quadras do anno.

Não tem os relvões esmaltados, pomares floridos, searas ondeantes, gorgear de ninhos como na primavera; nem os vinhedos colmados de cachos, o trigo loiro, sombras remorosas de arvores de fructos opimos como o verão e o outono. Mas tem o pungir virginal da esperança nas folhas das terras lavradas, os cristaes serpentinos dos corregos e algares, as veias prateadas dos ribeiros e as calhandras aos paíros pelos ares.

Vem abrindo a manhã; é rapido o crepusculo; o norte brando e limpido menea a coma flexivel dos pinheiros bravos; o azul do ceu carregado como o dos Apeninos, o sol, incendiado, resae da orla do nascente, os diamantes da geada á ffor da terra, e na rede das arvores desfolhadas. Na esphera immaculada, no ar luminoso e vivificador a suprema formosura, annunciando, no poder latente da natureza, os dias prosperos do futuro.

Foi n'uma d'essas madrugadas inolvidaveis de dezembro, em 1877, que eu sahi a bater os montados da Rosa e da Oliva. Na volta á Trafaria, encontrei de improviso Julio Mardel. Vinha com um rapaz que eu conhecia — Lucio do Sacramento — regente

agricola, protegido de Simões Margiochi.

*

Duas palavras sobre Julio Mardel. Conheci-o no berço. Não ha ninguem de certa roda e certa idade, que o não conheça e o não aprecie no muito que vale. O que nem todos podem calcular é o que elle foi em pequeno. Não conheci na minha longa vida criança equal. Tinha conceitos, replicas brilhantes — algumas já correm impressas. Quando convinha, guardava a composutura de um homem feito. Era tal a vivacidade, o talento a borbotões, que sahia d'aquelle cerebro infantil, que infundia mais do que espanto; quasi medo! A precocidade assombrosa, reunia a simplesa e as graças da puericia. Um dia, teria elle dez annos, levei-o a jantar a casa de Rebello da Silva. Vinha galantissimo; todo de veludo preto, e trajando com o bom gosto peculiar n'aquella excepcional familia.

Por essa época, o eminente escriptor e orador recebia ás quintas, e domingos, a jantar, os seus intimos: Rodrigo Felner, A. Xavier Rodrigues Cordeiro, Francisco Maria Bordallo, Antonio Pedro Lopes de Mendonça. Alexandre Herculano nas quintas era quasi sempre certo. N'esse tempo morava Rebello na rua de S. Bento, proximo á travessa de Santo Amaro. Ao lado vivia Latino Coelho, e em frente João de Andrade Corvo. Corvo, tambem

não raro, vinha jantar; Latino, abste-
mio como um anachoreta, apenas ap-
parecia ás noites.

Com taes convivas, póde calcular-se
como corria o tempo, e talvez devesse
tomar-se como leviandade minha levar
um pequeno, que mal teria dez annos,
a passær largas horas com homens
d'aquelles. Pois encantou e maravilhou
a todos.

Pena foi, di-lo-ei, pena foi, que ape-
sar do que vale, Julio Mardel não hou-
vesse desenvolvido mais profusamente,
n'um estudo methodico e aturado, as
poderosas faculdades do seu engenho
nativo.

*

A canoa, que havia de transportar-
nos a Lisboa, era tripulada por tres
rapazes braceiros e pelo velho mestre
Casaca, já entrado em annos, porém
robusto ainda. Os meus companheiros
de viagem: Julio, Lucio e meu afilhado
Antonio Tovas.

Quatro remeiros para atravessar o
Tejo em noite plenamente calma e n'um
dos pontos mais estreitos do rio, talvez
pareçam de sobra. É que as aguas do
monte vinham de tal modo arrebatadas
que proximo á barra eram doces.

As chuvas do outono haviam sido
caudaes.

Julio Mardel, ao pôr os pés no barco,
invocou o grande epico, exclamando:

Oh! mal haja o primeiro que no mundo
Nas ondas vela poz um secco lenho!

E commentou o texto, declarando
que não havia homem em todo o uni-
verso mais poltrão do que elle no mar.

Vendo, porém, a tranquillidade da
noite, continuou dando largas á veia
inexgotavel da sua faiscante palavra.

Mettemos ao rez do Almarás, mon-
tes que vão da Trafaria ao Pontal de
Cacilhas.

*

A tarde findava. A lua, em fogo,
como o sol posto, levantava-se do nas-
cente.

Momento que raras vezes, sob um
céu diaphano e luminoso, logram apa-
nhar os que adoram os paineis inimita-
veis da natureza no incomparavel rio
do nosso paiz.

Como descrever os tons das aguas,
dos horisontes, onde a mancha de ru-
bim vae cambiando na violeta da ame-
thysta; os picos de Cintra, como ondu-
lando; a desaparecer na penumbra do
occidente, a cidade a envolver-se no
veu da neblina crepuscular!

Não ha tintas, nem linhas, nem arte
de genio humano que possam repro-
duzir com o pincel, com a palavra, com
todo o vago e intenso das proprias par-
tituras, a maravilha arrebatadora!

A alma do admirador enternece-se,
extasia-se, abysma-se na contemplação
momentanea do indisivel quadro!

*

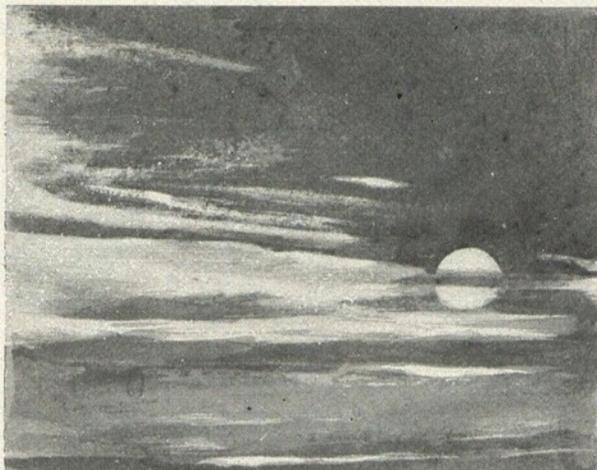
Tinhamos embarcado havia largo es-
paço. Nos vãos, reconcavos, grutas e
largas fendas d'aquelles rochedos, o
impeto da corrente dava uns rugidos
surdos e sinistros, contrastando singu-
larmente com a funda e majestosa se-
renidade da noite.

Julio Mardel emmudeceu. Os rema-
dores, arrancando com alma, procura-
vam chegar a uma altura que lhes per-
mittisse descair no caes de Belem. Ao
cabo de mais uma hora, supondo mo-
mento propicio, tentaram a travessia. A
poucas remadas entravamos no fio da
corrente.

O barco a descair a olhos vistos.
Os homens redobrando na faina.
Mar estanhado, porém a ondulação,
que vinha do largo, aumentava.
Ouvia-se já distintamente o som pe-
sado da vaga nos cachopos da barra:

Como o confuso bramar
D'um mar ao longe movido,
Que á praia vem rebentar!

.....



QUANDO SALTÁMOS EM TERRA, OS CALHAUS DA PRAIA PARECERAM-NOS TAPIS DA PERSIA

Ninguém proferia palavra.

N'isto, um dos remeiros d'estibordo levou a mão á cabeça, e tirando o barrete disse, suffocado de afflicção:

— Nossa Senhora do Cabo!

Os outros responderam sombriamente:

— Nossa Senhora do Cabo!

O mais leve esmorecimento era a perdição. Se o barco desse a pôpa á corrente, em poucos minutos estavamos todos perdidos.

Então, com a energia dos momentos supremos, acudi aos dois canos da minha espingarda.

A disciplina restabeleceu-se. O pânico passou. Os rapazes, resolutos e vigorosos, arrependidos e envergonhados d'um momento de fraqueza, com a alma de marítimos portuguezes, atiraram-se ao punho dos remos de voga arrancada, e, soando em grossas bagas, lograram tomar a revessa, e deitaram-nos adiante do Dá Fundo.

Quando saltámos em terra, os calhaus da praia pareceram-nos tapis da Persia.

As estrellas no ceu profundo, desvanecidas com o luar esplendido; na

superficie espelhada do Tejo e, barrafóra, a tremulina.

Encanto ethéreo de noite e de mar! O mar, porém, embora manso como cordeiro, é sempre perfido e tigrino.

*

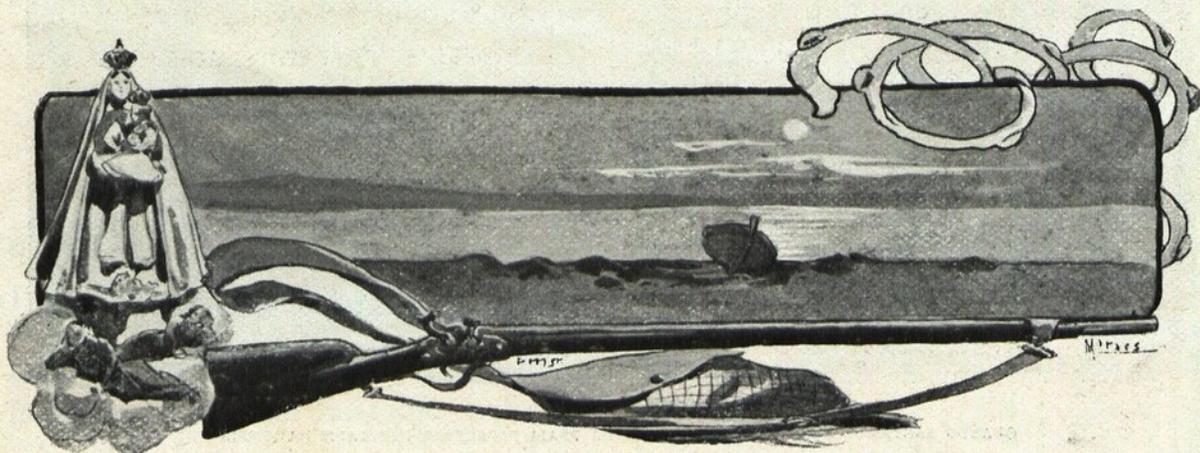
Mettemos caminho de Belem. Os Jeronimos inundados de luz nas linhas altivas e elegantes. Nós, perdido o senso esthetico, não tinhamos olhos senão para ver se estava allumiada ainda a casa de pasto do Caçador d'Elrei, João Lourenço, por antonomasia — o João da Burra. Estava e tinha a canja de gallinha, a sua cosinha á portugueza e o trato fino e polido da sua pessoa opulenta de formas e sympathica. Tambem se foi na força da vida.

Eu não lamento a solidão dos velhos. Os velhos sempre teem alguns vivos, e sempre uma legião de mortos!

Dos meus companheiros d'aquella notavel travessia, Lucio do Sacramento sucumbiu ha muito. Julio Mardel, e meu afillhado Antonio Maria Tovas, estão vivos, e Deus os conserve!

Monte de Caparica, Torre.
Outubro, 25 — 906.

BULHÃO PATO.





As cascatas de Kobe



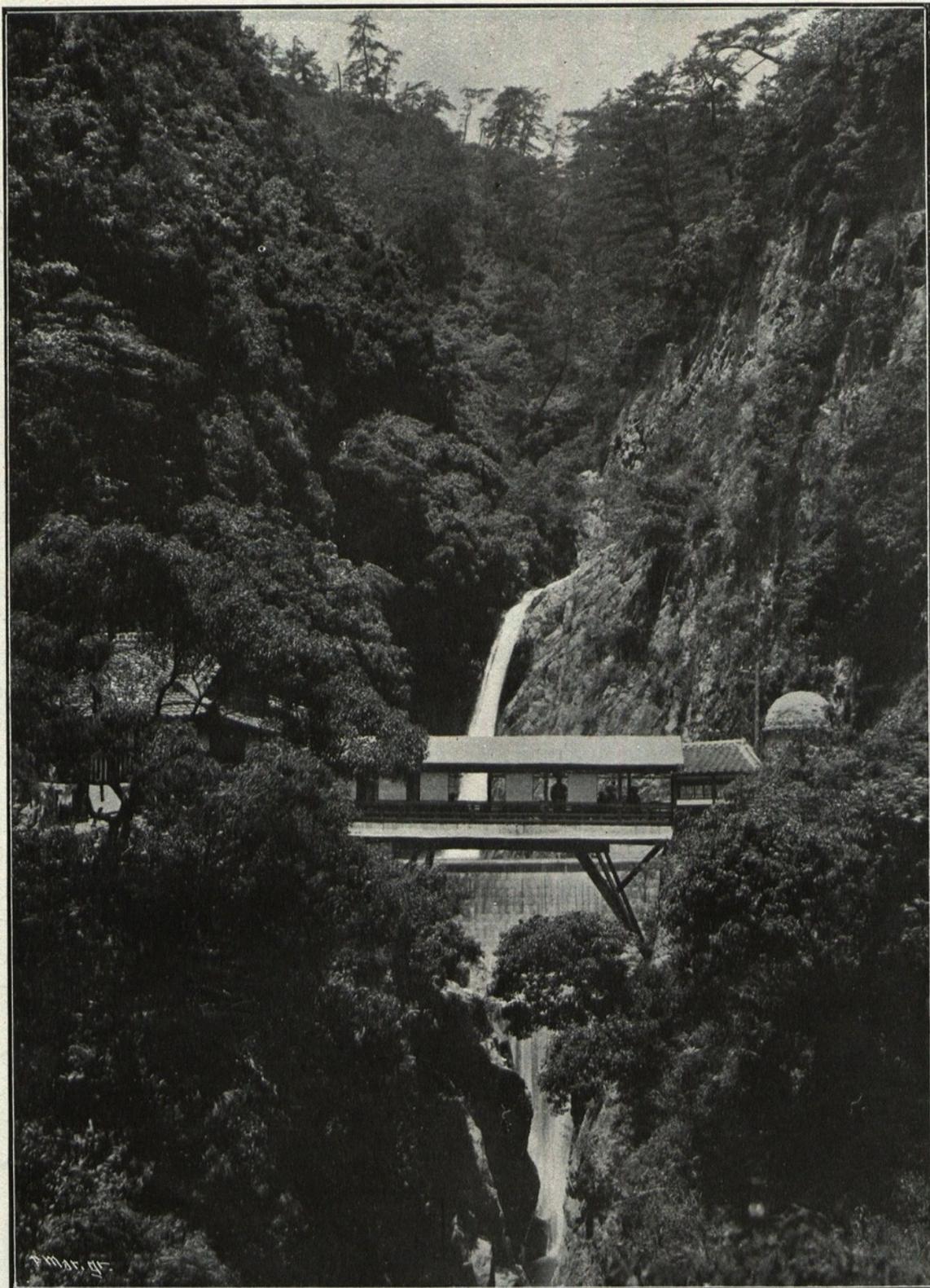
ORA, palestrando de coisas do Japão com portugueses, será hoje a primeira vez — louvado Deus! — que vá fallar-lhes de assumpto que conhecem. Quando digo — *portuguezes*, intendâmo nos bem que faço referencia aos quinze ou vinte funcionarios nossos, que n'estes ultimos annos, vindo de Portugal para Macau ou regressando de Macau a Portugal, fizeram viagem pela America, via Japão, e n'esta cidade de Kobe por algumas horas passaram. Quem passa por Kobe e desembarca, corre logo a ver as suas cascatas, as cascatas de *Nunobiki*, que constituem excursão obrigada de todos os *touristes*. Não resam as chronicas que o nosso *touriste* emérito, Fernão Mendes Pinto, aqui estivesse e as visitasse. em 1543; não estariam talvez então em moda. Mas, excluindo-o, e com elle os sisudos missionarios, visitaram-n'as, desde aquelle anno até agora, todos os outros portugueses, isto é, os quinze ou vinte já citados; podendo accrescentar que a maioria d'elles commigo fez essa visita, regalando-me eu por esta forma com o raro aprazimento de entrar em rela-

ções, face a face, por gestos e palavras, com patricios.

O que dá particular interesse e enlevo a estas cascatas é o salto brusco, inesperado, do scenario. Deixa a gente a cidade, com as suas aglomerações de povo, com as suas ruas interminaveis, por onde as lojinhas enfileiram; e, após dez minutos de corrida em *kuruma* (carrinho puxado por um homem), eis de improviso um recanto pitoresco de paizagem agreste, furando por entre rochas a prumo, em pleno isolamento de uma densa floresta de pinheiros, por onde até ha pouco tempo, consta-me, ainda surdiam aqui e acolá cabecitas travessas de macacos, fazendo-nos caretas, motejando da nossa compostura; e finalmente, a curto trecho, apparece-nos a alva golfada murmurante, despenhando-se dos altos recortes da montanha.

São duas as cascatas: uma inferior, facilmente attingivel; a outra superior, sobrepondo-se-lhe, de acesso mais custoso. A de baixo é a cascata femea, *Mentaki*; a de cima é a cascata macho, *Ontaki*.

Esta curiosa distincção offerece um exemplo interessante dos velhos prin-



MENTAKI

cipios philosophicos, enraizados na mentalidade chinesa e herdados pelos nipponicos, profusamente applicados ás coisas inanimadas da creação (inanima-

das para nós, não para elles, chinezes e japonezes, especialmente os ultimos, que distinguem espiritos nas arvores, nas montanhas, nas pedras, que ado-

ram o sol, a lua, as estrellas, o deus dos terremotos, o deus dos mares, o deus dos rios, o deus da chuva, o deus dos poços, o deus dos ventos, o deus do fogo, o deus dos fornos, o deus das comidas, o deus do arroz, o deus das hervas, o deus das colheitas, que offerecem refeições aos mortos, que animam, n'uma palavra, de vivas intenções todas as coisas, excepto talvez elles proprios, isto é, o homem, viajero fortuito, que atravessa rapido a scena, para não mais apparecer). A cascata superior, originaria, fonte de iniciativas, é o elemento positivo, é o macho; a cascata inferior, mera consequencia de um phenomeno passivo, isto é, do facto da agua que vem de cima se deter nas anfractuosidades da penedia, para transbordar após e precipitar-se em espumas, é o elemento dependente, é o elemento negativo, é a femea. Perto das duas cascatas, ha pequeninos poisos, gentilmente dispostos: são as *chayas*, casas de chá, onde o excursionista descança por momentos, toma uma chavena de chá, contempla tranquillamente o quadro. Apesar da profunda solidão selvatica do logar, não são os corvos — embora abundem, — que vos servem; nem tão pouco as fadas das montanhas se dão a este mister; authenticas *musumés*, de carne e osso, garridas, sorridentes, vos acolhem com mesuras e com doces phrasinhas polyglottas — «*good-morning, bonjour . . .*» — trazendo-vos a chavena ou o copo com cerveja, os bolos, os fructos e, ainda por cima, o estendal das photographias, dos bilhetes-postaes illustrados, tentando os vossos olhos, tentando a vossa bolsa. Os dois mundosinhos alpinos, o da *chaya* de baixo e o da *chaya* de cima, teem, como é de crêr, a sua historia, transparente e ephemera como uma bola de sabão.

Ha alguns annos, n'um breve conto que intitulei "*A primavera*" e algures foi publicado, occupei-me do mundo-sinho da *chaya* de baixo, composto principalmente de tres graciosas irmãs, que desapareceram da scena, por morte e casamentos, sendo substituidas por umas mulheres quasquer, insignificantes. A *chaya* de cima tem agora jus á minha chocha prosa; é d'ella que passo a occupar-me.

Galgando por ingremes caminhos, que chamaria de cabras se no Japão cabras houvesse — mas não ha, — chegamos á cascata superior, *Ontaki*, a mais attraente das duas, pelo aspecto virgem da paisagem, onde a picareta e a enxada municipaes ainda não ousaram penetrar; e deparamos com uma pequena venda, defrontando com a queda de agua, de pendurada dos rochedos como se fôra um ninho de aguias. A venda é habitada, durante o dia, pela proprietaria, uma velha mais do que septuaginaria, geralmente invisivel, dormindo a um canto, por varias moças serviçaes e pela sobrinha da velha, — *O-Kiku-San* (a Senhora Chrysanthemo). — Rigorosamente, a rapariga tem dois nomes: o que citei, falso, para uso exclusivo dos *touristes* e outros frequentadores da *chaya*, com o qual provavelmente foi chrimada por algum apaixonado dos livros de Loti; outro, o seu verdadeiro nome, só proferido entre a familia e conhecido de raros iniciados, — *O-Tsuné-San* (a Senhora Serenidade). — O segredo, confesso aqui, foi-me revelado por uma velha anachoreta, meia freira, meia bruxa, que ha mais de vinte annos vive sosinha sobre uma lasca de rochedo ainda superior á cascata superior, abrigando-se n'um nicho que é ao mesmo tempo lar e templo, votada a ritos mysteriosos.



ONTAKI

O-Kiku-San, ou *O-Tsuné-San* (como quizerem) é uma moça de cerca de vinte annos, fresca como uma das nossas rosas de abril, delicadamente graciosa e sem a desenvoltura propria a algumas *musumés* do seu officio; o quadro onde a encontramos, — pleno bos-

que viçoso animado pela orchestra eterna das aguas, — mais lhe realça o encanto. Possui a mais, para seu regalo e para o de todos os olhos que a conhecem, uma das boccas mais bonitas e uma das mais lindas enfiadas de dentinhos, que é licito contemplar em terra



O-KIKU-SAN OU O-TSUNÉ-SAN

japoneza. Esta minha opinião assim lançada a publico, sem outros documentos de valor, poderá parecer suspeita a muita gente; mas todos os viajantes a confirmam, incluindo ministros, embaixadores, principes de sangue e até os mais severos criticos na materia, que são as proprias velhas inglezas, de grandes boccas escancaradas e sem dentes; as quaes velhas — com sua licença, — de lunetas a cavallo nas pontas dos narizes, se quedam em pasmo defronte da *musumé*, como se a pobre fôra uma panthera em jaula, exhibida no jardim zoologico de Londres.

O-Kiku San, ou *O-Tsuné San* (como quizerem), pode ainda ufanar se de outra maravilha: as suas mãositas, especialmente quando vistas do lado da palma, na attitude piedosa das mãos de Buddha, e os seus finos e longos dedos são de uma gracilidade que deslumbra, que enternece até os mais rudes visitantes — gente embarcadiça por exemplo, alcatroada das enxarceas dos navios. — Taes dedos estão cheios de aneis, que variam de dia para dia: ora são os aneis lisos, de ouro massiço do paiz, sem liga, malleavel como chum-

bo; ora são os aneis ao gosto occidental, cravejados de opalas, de rubis, de perolas, de diamantes. Dádivas, certamente; uma especie de tributo á graça; presentes dos *touristes*, dos officiaes dos paquetes. Eu chego a imaginar a este respeito que, a exemplo do que succede com certas peregrinações votivas aos templos buddhistas de Kwanon (a deusa da Bondade), os visitantes — verdadeiros peregrinos tambem, — galgam offegantes até á cascata superior, para irem enfiar um anel no dedo do idolo, retirando-se após, solemneamente. Quantos aneis ao todo? Eu sei lá! .. uns vinte, uns trinta... Mas, como os peregrinos se contam por dezenas durante o santo dia, e sem duvida por centenas durante cada mez, e por milhares durante cada anno, presumo então, com certa perspicacia, que os peregrinos pobres, e mesmo os mediocremente endinheirados — que devem constituir a grande maioria, — se contentam em subir até á cascata superior e em beijar os dedos roseos do delicioso manipanço, esquivando-se a enfiarem o anel... galanteio sem duvida pacientemente consentido, porque a *musumé*, já com alguns annos de cascata, vae conhecendo e desculpando todos os platonismos romanescos da nossa feição de occidentaes, todos os desmandos da raça loira, amorosa de exotismo...



FESTEJANDO A VICTORIA DE LYAOYANG

Agora, pa-

ra terminar, uma nota patriótica. *O-Ki-ku-San*, ou *O-Tsuné-San* (como quizerem), quando os japonezes ganharam galhardamente a batalha de Liaoyang, fez sueto na cascata, passando todo o dia na intimidade discreta do seu lar, a arrebicar-se, a pentear-se; á tarde, vestiu-se á europeia, pôz chapelinho

na cabeça e calçou botas nos pés; e assim foi para a rua, para vêr as luminarias e lançar vivas de jubilo, deliciosamente ridícula, divinamente caricatural, o monstrosinho mais catita, mais captivante, em que jámais olhos humanos enternecidamente se poisarão!...

Kobe-Junho de 1906.

W. DE MORAES.



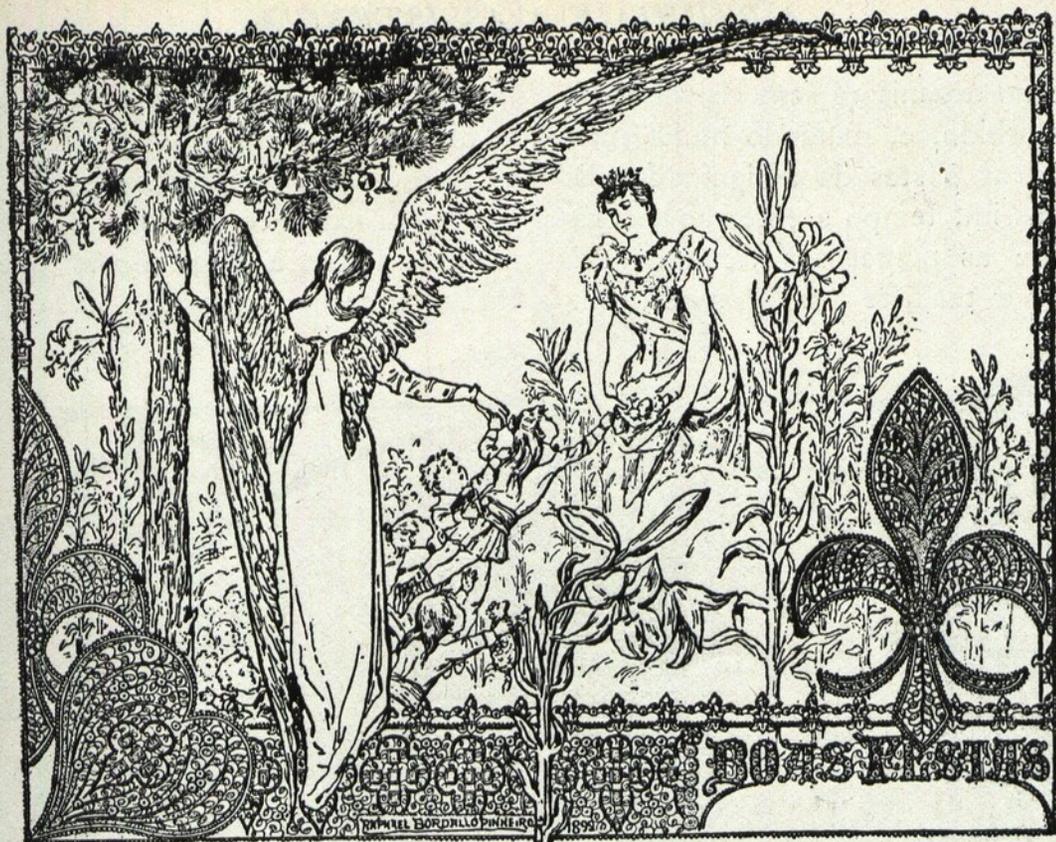
Terceiro Concurso Photographico dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA



A RONDA

Photographia do sr. Leal Junior — Lisboa



PROJECTO DE BILHETE POSTAL DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS.

Desenho inedito de Raphael Bordallo Pinheiro

A Rainha e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos

As pestes antigas e a tuberculose — A invasão e as modalidades d'esta doença — Lucta antituberculosa — A Rainha D. Amelia — O ideal da caridade — A capa da Rainha — O que a tuberculose faz — A obra caritativa e antituberculosa da Rainha — A Assistencia Nacional aos Tuberculosos — O Dispensario de Lisboa.

As antigas péstes, com tão negras cores descriptas nos livros do tempo, pouco são na verdade quando comparadas com o moderno flagello da tuberculose.

E' certo que horrorisavam, porque invadiam de repente extensas regiões, matando inplacavelmente, e sem escolha, milhares de individuos; mas quando, decorridos alguns mezes, os cadaveres das victimas se apinhavam aos montes, quasi sem tempo para

serem enterrados, o flagello como que se envergonhava da sua ferocidade, retrahia a virulencia, e, aniquilado e arrependido, recolhia-se de subito ao seu limitado berço de origem.

A tuberculose, porém, não é assim. Assentou ha seculos, fria e subrepticamente, os seus firmes arraiaes em todo o mundo culto, escolhe de preferencia os individuos novos e esperançosos para n'elles exercer com maior crueldade os seus rigores, infiltra-se insidiosamente

mente no organismo sem visivel apparatus morbido, e, matando muito mais do que as péstes da antiguidade, dá, ainda assim, tempo a enterrar socegadamente as numerosas victimas, evitando por tal arte o doloroso especta-

até a outras especies de animaes ataca e dizima.

Com requintes de extrema crueldade, procura com ardor os adolescentes, flôres a desabrochar que em breve murcha e desfolha, e aos mais



S. M. A RAINHA D. AMELIA

culo do amontoar dos cadaveres e a consequente impressão de terror. Nunca se retráe nem descança, fére a occultas, sem privilegios de logares nem de posições sociaes. Collaborando com a miseria para o exterminio da humanidade, não deixa de invadir os palacios dos ricos, arrebatando-lhes os seus mais dilectos filhos. Não ha raças humanas que escapem ao seu rigor, e

mimosos e sympathicos, desapiedada e feroz, ameiga-lhes as feições, enternecelhes o olhar, adoçalhes as maneiras, e acalentando-os com sorridentes sonhos de esperançoso futuro, a occultas toma posse de todo o organismo, despenhando o a breve trecho para a sepultura.

Invade surdamente. Todos os seus primeiros ataques são feitos no intimo,



DISPENSARIO DA ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

sem reacção nem consciencia da victima, e quando surgem os tenues symptomas do mal, já este está devéras arreigado. Pequenas febres começam a excitar o pobre doente, cujas faces ardozadas contrastam em geral com a côr empannada da esbranquiçada pelle, e quasi sempre a rutila hemoptyse é então o primeiro alarme que para os profanos faz pensar na temerosa enfermidade. E bom é que esta impressionante manifestação se produza, porque sem ella enfermos e familias continuám em regra descuidados, negligencia tão frequente como culposa e funesta, porque deixa desenvolver o mal, que um tratamento, infelizmente demorado, dispendioso e exigente, pode então, e muita vez só

então, ter grandes probabilidades de ser proficuo.

A fraqueza indiscutivel das modernas gerações, fructo fatal dos vicios e defeitos inherentes a uma civilisação por vezes mal orientada, dá pasto facilmente accessivel ao microbio productor da tuberculose, que em incalculavel quantidade por toda a parte pullula e nos envolve. Apenas raros individuos lhe apresentam resistencia para a invasão, e d'estes, grande numero são ainda assim offendidos, soffrendo, sem d'ellas terem dado fé, lesões insignificantes que só as autopsias revelam. Aos milhares, porém, caem as victimas por todo o mundo, umas mais felizes com fórmulas attenuadas constituindo a escrofulose e certas doenças cutaneas; outras



ENTRADA DOS DOENTES

com affecções de relativa benignidade manifestando-se de variadas fórmas, simples ameaças de maiores males sempre promptos a irromperem se o organismo não tem ou não adquire a necessaria resistencia; mas grande numero com modalidades inicialmente graves, que pela frequencia e rapidez do caminhar impressionam, commovem e desolam.

Os medicos vendo a toda a hora mil casos d'estes, assombraram-se, e d'elles partiram por todo o mundo e de ha muito, os primeiros gritos de alarme, secundados pelas lagrimas de tantos que choram os entes queridos que a tuberculose arrebatou. Era o seu dever, porque ao verdadeiro medico cumpre ainda mais prevenir o mal que remedial-o.

Este clamor unisono soou por toda a parte, e os clinicos em Portugal fôram dos primeiros a enveredar por este humanitario caminho. A sua voz, porém, desde o principio echoou felizmente no peito de quem, pela culminancia social em que vive, podia não a ter ouvido. A Rainha de Portugal, cujo coração está sempre aberto para o bem, tomou logo a peito a santa cruz-

da do combate contra a tuberculose, e os que, como eu, desde o principio a acompanham na sua humanitaria missão, comprehendem intimamente toda a energia da sua vontade e toda a espontaneidade do seu entusiasmo pela obra que entre nós iniciou, anima e patrocina.

A caridade é muita vez a mascara da vaidade, simples pretexto para se apregoar o nome do doador, quando não é dissimulado requerimento para honrarias e louvores que por outra fórma não poderiam ser obtidos. E' essa a falsa caridade, falsa na intensão e falsa quasi sempre no destino, e por tanto indigna de elogios e improficua muita vez de resultados. Mas a verdadeira caridade nem sempre tambem é exempta de defeitos. Com a melhor das intensões pode ser applicada sem discernimento, a favor principalmente do especulador e deixando sem auxilio o verdadeiro necessitado, a quem a vergonha, o desanimo, e o consecutivo abandono proprio immergiu na obscuridade e no esquecimento. E' preciso saber ser caritativo, como é preciso saber ser bom. Dar ás cegas é dissipação quasi sempre inutil e alguma vez so-

cialmente prejudicial, ser bom sem restricção é indifferentismo, quasi sempre sem significação e alguma vez imbecil. Por isso, quem sabe e pode ser opportunamente caritativo e bom, attinge a méta do ideal. Conquista as benções dos que merecem ser protegidos e con-

do dinheiro dado a occultas, se a consolação da palavra feita francamente. Os seus beneficios ultrapassam geralmente o fim material que o tempo exgotta, e perpetuam-se como uma lenda que a tradição avigora.

Um dia, no meio da afadigosa lida



SALA DE ESPERA

solados, e os louvores dos eonscenciosos, ainda que desperte resentimentos de especuladores e reparos de mal-dizentes.

E' esse o ideal a que visa entre nós a Rainha D. Amelia. Protege, conforta e consola, sábia e bondósamente, todos os que se lhe deparam precisando realmente do seu auxilio, envolvendo o beneficiado n'uma atmospherá de calmo e doce bem estar, que, como uma vez me disse um dos seus soccorridos, não se sabe que mais agradecer, se a esmola

do Dispensario, entrou, como sempre, inesperadamente, a Rainha. Eram dez horas da manhã, as salas regorgitavam de doentes esperando a vez de serem consultados ou tratados. Com sincero interesse, ao atravessar as extensas alas que respeitosa lhe abriam os enfermos, a dedicada fundadora da Assistencia parava junto de cada um d'elles a informar-se cuidadosamente do seu estado. Os medicos envolvidos nas suas protectoras bluzas, muito amplas e muito brancas, forneciam-lhe os escl-



O PRIMEIRO EXAME D'UMA PEQUENA TUBERCULOSA

recimentos desejados. E assim chegou á sala das consultas onde estavam sendo examinados pela primeira vez as doentes inscriptas n'esse dia. A que eu auscultava era uma rapariga costureira, de uns vinte annos de idade, morena, sympathica, de grandes olhos pretos protegidos por compridas pestanas. Vestia pobremmente, mas com uma graça natural que attrahia as atenções. A Rainha interessou-se logo por ella, como era natural. Soube-se então que o excesso de trabalho para occorrer ao sustento de sua velha mãe de ha muito viuva, e as privações a que a obrigavam os seus minguados recursos, a tinham predisposto para a tuberculose que, annunciada por uma hemoptyse, lhe despontava no vertice do pulmão direito. A desalentada doente chorava, anteendo a crueldade do mal que a invadia, e a morte que a ameaçava, e considerando

desfeito o doce ideal do casamento que lhe acariciava o espirito. Animou-a a Rainha, incitando-a a tratar-se regularmente e prometteu-lhe, como succedeu, que no dia seguinte receberia em casa um donativo para lhe minorar as faltas. Effectivamente assim succedeu. Do cofre da Assistencia obteve ella o jantar quotidiano, do Dispensario o tratamento adequado, e do bolso da Rainha farta quantia, e tão farta que a garridice da enferma a levou a comprar uma modesta mas vistosa capa encarnada, da que dizia muito necessitar, visto ser inverno e ter de ir todas as manhãs receber curativo ao Dispensario.

Ficou para todos os efeitos sendo essa capa, a *capa da Rainha*, e era interessante ver o cuidadoso carinho em que a doente procurava evitar-lhe qualquer nodoa ou outro desastre.

Passaram-se mezes, a doença curou-se, a rapariga estava gorda e radiante, o noivo a quem a fortuna também tinha bafejado, ganhava bem e decidira casar, e até a velha mãe parecia ter remoçado. Tudo estava mudado n'aquella casa. Dezoito mezes depois da scena que descrevi, realisou-se o casamento; e a noiva, que á protecção da Rainha attribuia todas as suas venturas, exigiu levar á cerimonia a estimada capa. E lá foi, exuberante de alegria e de felicidade, cobrindo o vestido novo côr de flor de alecrim, com a usada capa

N'outra visita, chegou a Rainha quando eu examinava um desgraçado rapaz de 19 annos, typographo, cujo pae e



COLHENDO A HISTORIA DA DOENÇA

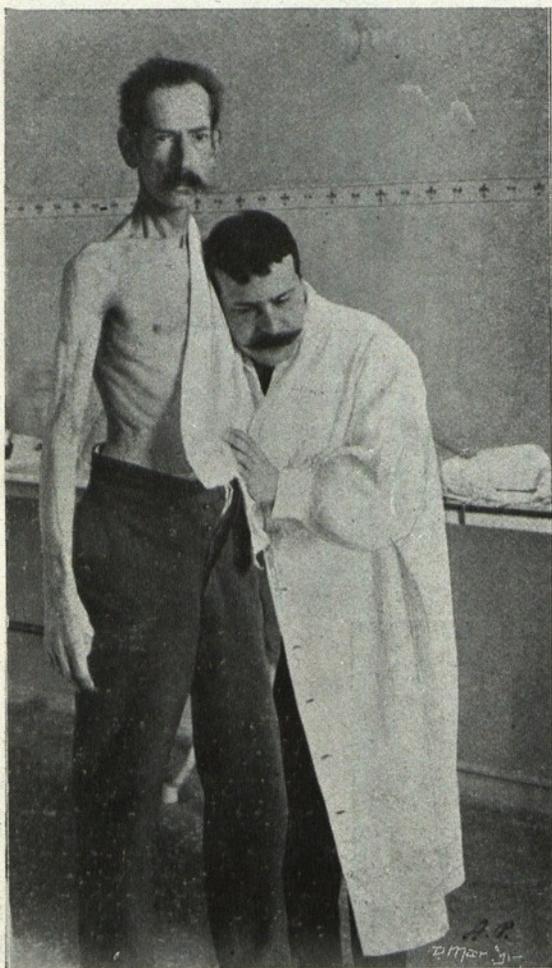
CHAMADA PARA O TRATAMENTO

um irmão tinham já morrido tísicos. O seu aspecto era na verdade impressionante; extremamente pallido, com farta cabelleira de um castanho baço e amarellado, cobria o corpo resequido com um velho fato de côr indefnida, pendente como se estivesse n'um cabide. Os tristes olhos do doente, muito humidos e muito meigos,

encarnada, e promettendo que n'esse precioso talisman envolveria os filhos que tivesse, para lhes transmittir as felicidades que lhe parecia dever.

cravaram-se fixamente na Rainha, como n'uma visão inesperada. O exame clinico revelára incuravel doença, a que a morte poria breve termo. Os dois pulmões

tinham-se fundido, deixando em seu lugar vastas cavernas em que a debil voz e a funda tosse echoavam lugubrememente. A Rainha condoida, com os olhos marejados de lagrimas como tanta vez lhe tem succedido no Dispensario, dirigiu ao pobre enfermo affaveis e carinhosas



AUSCULTAÇÃO D'UM DOENTE

palavras, mas elle, estatico na occasião e quasi aphonho pela invasão da tuberculose para a larynge, nada lhe pode dizer. A mãe, que dolorosamente o acompanhava, uma mumia de quarenta annos, á qual os desgostos e a miseria tinham precocemente envelhecido, foi quem referiu á Rainha e a mim a negra vida dos dois e a rapida marcha da doença. «Ha dez mezes, dizia ella, ainda o meu Jayme trabalhava, era compo-

tor n'um jornal, mas as noutadas a que o emprego o obrigava, as constipações e os poucos alimentos déram cabo d'elle. Depois, não poude ir á officina, vendemos tudo quanto tinhamos. A nossa casa, — uma lugubre loja d'uma das travessas da Bica, que n'esse dia visitei — não tem nada; recorremos por isso á Assistencia e naturalmente tenho de o metter no hospital.»

Era o que havia a fazer. Os poucos dias que restavam de vida deviam ser de socego n'uma cama de enfermaria. Assim ficou decidido, e na manhã seguinte a Rainha levou pessoalmente á pobre casa da Bica um obulo destinado ao transporte do doente n'um trem até ao hospital, e á alimentação da desolada mãe.

Era tempo. Dois dias incompletos esteve o Jayme na enfermaria. Enorme hemoptyse proveniente da ruptura de uma arteria da parede da maior caverna, poz termo a tanto infortunio.

Ao sahir do hospital, encontrei n'esse dia a mãe com a expressão quasi indifferente que por fim dão os continuos desgostos a quem vê o caminho da vida sem sahida, sem um raio de esperanza, d'esse bem inestimavel que ainda dá ao desgraçado a illusão d'um futuro risonho, que muita vez nunca chega. Apenas uma lagrima, resto de tantas que tinha chorado, lhe descia lentamente pela face enegrecida. Ia pagar o enterro do filho com o dinheiro que lhe déra a Rainha, e depois... deixar-se morrer para qualquer canto. Pelo Governo Civil consegui passagem gratuita para ella ir para a Beira, onde ainda tinha um parente que em casa a recebeu, e... nada mais soube d'essa desgraçada!

Ha poucos mezes passei por acaso pela rua onde morava o pobre Jayme.

Lembrei-me do que tinha visto n'aquella triste casa, e surprazo parei deante d'ella. Estava completamente transfor-

doença, agora ninho aconchegado de velhice e bem estar.

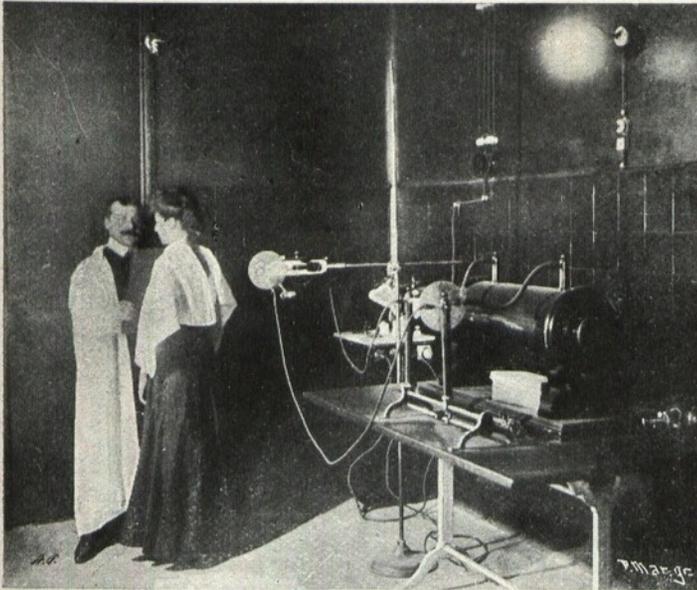
Maldita doença, que assim aniquila tanta vida, tanta esperança e tanto gozo. Quando os meios de fortuna não são grandes, com ella entra a miseria. Tudo é pouco para a sua voracidade. Os alimentos teem de ser fartos e succulentos, a casa ampla e aceiada, as roupas renovadas e desinfectadas, o descanso continuo e absoluto, e tudo isto exige dinheiro, muito dinheiro.

Bem dita pois, a Rainha que vendo estes horrores escolheu de preferencia para seus protegidos os tuberculosos, tendo creado para seu amparo e prevenção a Assistencia Nacional,

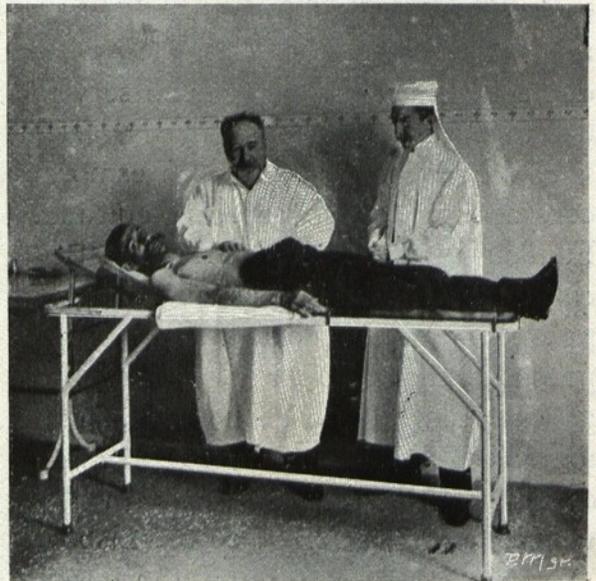
o mais bello e significativo monumento com que o seu nome será perpetuado. Por isso eu disse que ella sá-

mada, muito caiada, muito limpa, com um tom de aceio apurado e de conforto pobre que encantava. A' porta um velho, com o typo de antigo maritimo, de longas barbas brancas, camisola de riscado e largo chapéu de oleado, estendia o tremulo e vacilante braço para dar uma folha de alface a um dourado canario que saltitava n'uma gaiola muito garrida, e ao lado uma velha, um pouco menos edosa do que elle, de farta cabelleira de linho, e esboçando um sorriso feliz, interrompera a costura para com verdadeiro interesse gosar a festa que o estimado passaro devia fazer ao appetecido acepipe.

Que contraste! A tuberculose desfizera cruel e tristemente uma familia de novos, a saude conservava alegre e ditosa, uma familia de velhos, e ambas as familias eram igualmente pobres, ambas viviam na mesma habitação, outr'ora antro medonho de miseria e



EXAME D'UMA DOENTE PELOS RAIOS X



EXAME CLINICO D'UM DOENTE

biamente se orienta pelo ideal da verdadeira caridade, professando-a simplesmente, sem apparato, como um de-

ver social, a que não pode nem querer eximir-se.

Quando em 11 de junho de 1899, na memoravel sessão preparatoria da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, a Rainha reuniu em torno de si algumas dezenas de individuos que pela sua posição, competencia ou bens de fortuna a podiam secundar na sua bella intensão, disse-lhes ella que «afflicta

pelo que via nas casas pobres, nos hospitaes que percorria e pelas misérias que em innumerables requerimentos lia, e em que a tísica apparecia sempre com a nota mais sombria, já havia muitos annos

tinha o ardentese desejo de se dedicar ao serviço dos tuberculosos».

E desde então, sem nunca esmorecer, a esse serviço se tem dedicado. Fundou em bases seguras a Assistencia, da qual já ha hoje espalhados pelo paiz multiplos padrões beneficos — dispensarios em Lisboa, Porto, Faro, Bragança, Vianna do Castello, etc., sanatorios em Outão, na Parede e quasi completo na Guarda, hospitaes em Portalegre e dentro em pouco em Lisboa, — mas além d'isso promoveu a hospitalisação adequada e isolada dos tuberculosos em Lisboa, tem pugnado denodadamente junto dos governos pela abolição do imposto do consumo, procura revigorar as futuras gerações tra-

tando, á sua custa, milhares de creanças em cada anno nos seus Dispensarios de Lisboa e Porto, visita amiudadamente em suas casas e auxiliado seu bolso particular centenas de tuberculosos pobres, etc.

E' justo, por tanto, que o Instituto Central da Assistencia, esse bello edificio na capital construido pelo Ministerio das Obras Publicas, tenha o seu

venerado nome gravado na frontaria, como nas suas salas para sempre o seu egregio espirito, quando em presença a propria Soberana, que tanto o visita, alli não está.

E' n'esse edificio, no seu pavimen-

to baixo, que se encontra o grande Dispensario de Lisboa, que fartos louvores mereceu aos medicos estrangeiros que durante o ultimo Congresso de Medicina, e por outras occasiões o tem visitado. Para avaliar os beneficos que este estabelecimento tem prodigalizado, basta dizer que nos cinco e meio annos da sua existencia tem alli accorrido perto de 36:000 doentes, aos quaes entre outros serviços de prophylaxia, tratamento e amparo se tem feito 456:000 consultas e tratamentos, fornecido 54:000 jantares, 3:000 escarradores, desinfectado 5:000 habitações, praticado grande numero de operações cirurgicas, etc.

Nenhum outro dispensario do mun-

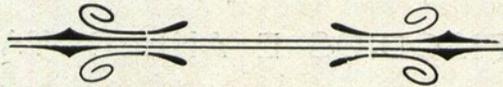


SAIDA DOS DOENTES

do, — e bastantes ha já espalhados por varios paizes, — tem no seu activo um tão grande numero de serviços, e nenhum outro possui instalação mais aprimorada. Tál é a opinião unanime dos conscienciosos que o teem visitado, e que acompanham os trabalhos alli executados.

O dispensario de Lisboa, bem como o novo Instituto de que faz parte e a Assistencia Nacional aos Tuberculosos sob cuja egide se fundou, são as maiores joias da immorredoura corôa de sua regia fundadora, a quem o futuro sem duvida prestará a justa e bem merecida homenagem.

ALFREDO LUIZ LOPES.



Terceiro concurso photographico

MENÇÃO HONROSA



DEPOIS DA MERENDA

Photographia do sr. Antonio Francisco de Lemos, Juiz de Fora (Minas, Brazil)



Recordações da campanha contra o Gungunhana

EPISODIOS E ANECDOTAS

II

UM DESAFIO CAVALHEIRESCO



FUZILEM OS TRES.

- Mas dois são mulheres!
- Não se averiguou serem todos espiões?
- Da maneira mais categorica.

— O conselho não se pronunciou n'esse sentido?

— Por unanimidade.

— Ha motivo para lhes perdoar?

— Absolutamente nenhum. O homem foi aprisionado com as armas na mão; as mulheres occultas no matto, a espreitar a columna, faziam depois signaes para denunciar os nossos movimentos aos rebeldes. Não quizeram confessar nada, nem conseguimos que nos prestassem o mínimo esclarecimento; conservaram-se mudas como os troncos carbonisados d'essas espinhosas por ahi dispersas.

— Militam a seu favor qualquer circumstancia attenuante, qualquer acto que os recomende á nossa clemencia?

— Nada.

— Então fuzilem-n'os.

Este curto e peremptorio dialogo ricochetava entre o commandante d'uma força da columna sul em operações no interior de Lourenço Marques, em 1895, e um official seu subordinado. Rodeavam os dois interlocutores varios camaradas, e entre esses, o medico naval, representante da Cruz Vermelha, dr. Rodrigues Braga.

— Vou cumprir as suas ordens — declarou o official ainda na esperanza de ouvir revogar a inexoravel, mas necessaria, sentença.

— Cumpra — assentiu o commandante sem hesitar, solemne e tranquillo como o gladio da justiça.

— Uma palavra, capitão?! — solicitou o medico approximando-se do chefe.

— Diga, doutor.

— Eu represento aqui a Humanidade no meio dos horrores da guerra.

— Ninguem lhe contesta esse sympathico papel.

— Está disposto a acatar uma das minhas prerogativas?

— Conforme; sempre que não prejudiquem, proxima ou remotamente, a segurança dos nossos e o bom exito da campanha que tenho de realizar.

— Conceda me a vida das duas mulheres.

— Seria um pessimo exemplo; os revoltosos chamam-nos *galinhas* e que já não sabemos matar pretos; se poupo a vida aos espiões, se não atalho com medidas energicas o rastilho de sublevação que se propaga e inflamma em redor de nós, se não intimido as mulheres que nos hostilizam ainda mais que os homens, e a quem instigam á lueta aberta e implacavel, nem todo o exercito portuguez bastaria para suffocar a revolta.

— São as primeiras capturadas.

— Exactamente porque o são; não as viu



CAPITÃO TENENTE DA ARMADA GUILHERME IVENS FERRAZ

com as mãos na obra, não assistiu aos seus interrogatórios?

—Em nome da Cruz Vermelha; como arrhas das existencias que ella ha-de salvar no proseguimento das hostilidades...

—Seja— respondeu o commandante depois de vacillar um segundo;— pertencem-lhe as duas mulheres, faça d'ellas o que melhor entender; oxalá que ambos não tenhamos de nos arrepende de esta manifestação de pueril benevolencia.

As duas creaturas foram mandadas para a cidade; o landim passado pelas armas. A columna poz-se de novo em marcha, em direcção da Macaneta. Era obrigada, pela natureza do caminho, a desfilar pelo sitio onde se effectuara a execução. Os bisonhos soldados de infantaria 2, de artilheria 4, de engenharia, idos de Portugal, só conhecendo do serviço militar os inoffensivos exercicios, sentiram um violento sobresalto ao deparar-se-lhes o lúgubre e hórrido espectáculo. Sobre a areia calcinada da vereda tortuosa, acamando uma eça verdejante no capim flexivel, estirava-se o cadaver d'um negro com o arcabouço varado por quatro balas. Tombara de costas, ainda com uma varonil expressão de repto altivo estampada na physionomia desdenhosa. Os

brancos não o viram tremer, não! As lagrimas tinham-se estancado tímidas nos olhos das mulheres attonitas e o estrídulo alarido das exequias cafreas emmudecera de pejo ante aquelle orgulhoso desapêgo da vida. Ellas a quem o *molungo da mésinha* privara de o acompanharem á presença de Tilo (1), relatariam mais tarde nos ensurdecedores batuques, nas frias noites de humido cacimbo em redor das apetecidas fogueiras de clarões rubros, nas typicas festas da colheita da ocanha (2), a maneira como elle encarara os canos das espingardas, que, á semelhança do raio que paira por cima dos Lebombos, o prostraram fulminado.

Esse bando de rostos pallidos, em quem, na pelle, nos labios e nos olhos, se imprimiam já os primeiros symptomâs denunciadores do veneno palustre, apartados apenas ha dias do seio das familias, aconchegaram-se instinctivamente uns aos outros e afigurou-se-lhes, ao contemplarem o inimigo morto, que o coração se mirrara tanto que caberia na pequenina semente da molambeira. Era o primeiro e sangrento trophéo do insaciado monstro da guerra. Arredaram a vista. Muitos lembraram-se da sua aldeia, do cura que leva a extrema-uncção aos muribundos, do cemiterio que guarda os restos dos entes chorados, da cruz de braços estendidos que vela e protege o derradeiro e eterno somno.

Depois habituaram-se. A multiplice repetição de scenas análogas adormeceu-lhes a juvenil sensibilidade. O instincto de conservação, incitado pela crueza nativa, que converte o bondoso adolescente em caçador e o caçador em guerreiro, apagou lhes da memoria a noção do respeito pela vida alheia e apontou-lhes a Kropatschek como dogma convincente do evangelho do mais forte.

A invasão progressiva do miasma dos pantanos enfraquecia o organismo robusto dos nossos intrépidos peões, mas retemperava-lhes a energia, duplicava-lhes a força nervosa, inspirava-lhes no afastamento do torrão natal, a crença vigorosa do amor da patria, desempanava-lhes os cerebros e arrancava-lhes de lá iniciativas, conhecimentos, dedicações, cultos, que se mantinham até ahí embryonarios.

O então capitão de engenharia Freire de Andrade, briosamente secundado por Henrique

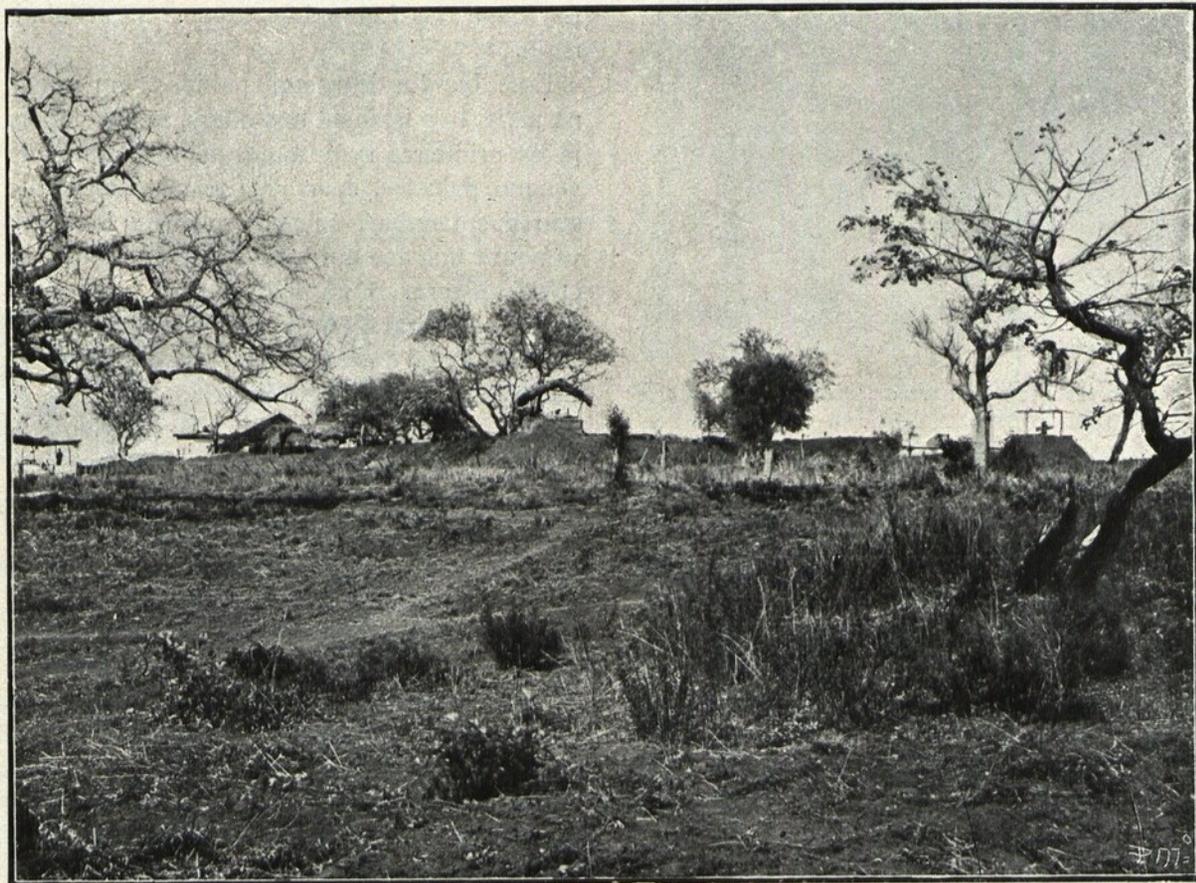
(1) Ente supremo.

(2) Fructa africana.

Couceiro e por quantos officiaes obedeciam ao seu plano, estrangulava a rebeldia dos indigenas nas malhas apertadissimas d'uma solida rede de postos militares. Occupara-se o Marracuene, fortificara-se Incanine, varrera-se o Mapunga, socegara-se a Macaneta. Com uma columna que não formava mais de trezentos europeus válidos, dispunha se Freire de Andrade a assenhorear-se do Intimane, a bater o Magul, a firmar-se no Stokolo, a lançar uma ponte sobre o Magude e a submeter a Cossine. Se não fôsse heroica, apodar-se-hia de ridi-

operaram-se verdadeiros milagres, não só de coragem, de valentia individual e collectiva, mas muito particularmente de boa vontade. A victoria que coroou as nossas armas, colhida após os gloriosos combates do Marracuene, do Magul e de Coollela, fôra preparada pela resultante dos gigantescos esforços feitos por todos, sem discrepancia de arma, nem de gradação.

N'outro artigo trataremos detidamente das operações navaes effectuadas, mas seria imperdoavel esquecimento não mencionar desde já



LOURENÇO MARQUES — POSTO DE MAGUDE

cula a concepção de tal designio com tão minguada gente.

O, n'essa época, tenente de engenharia, Tavares Leotte, transformara a primitiva e incompleta fortificação do Mugude n'uma obra de defesa capaz de resistir ao embate de todas as mangas vátuas. O que elle consumiu n'esse trabalho, de paciencia, de tenacidade, de pericia technica, daria para escrever volumes. Caso digno de registrar-se. N'esta campanha, que nenhum outro paiz era capaz de realizar com tão escassos recursos de pessoal e material,

os destemidos marinheiros Assis Camillo, Alvaro Andréa, Diogo de Sá, Julio Alvito, Raul Furtado, Magalhães Ramalho, Alfredo Howell, Valente da Cruz, Henrique Metzener, Jayme Monteiro, Victor Sepulveda, Vieira da Rocha, Ladislau Parreira, Eduardo Santos e ainda outros que, por desventura, nos esqueçam.

Entre as inauditas temeridades que esses denodados homens do mar praticaram, avulta a viagem, do rio Zambeze para o surgidouro do Espirito Santo, das microscopicas lanchas canhoneiras *Carabina*, commandada pelo te-

nente Pedreira Caçador, e *Sabre*, por Ivens Ferraz. O canal de Moçambique, sempre revólto, espantava-se com a audacia dos dois intrépidos rapazes e da sua corajosa tripulação. As lanchas eram necessarias no sul, ninguém trepidou, metteram-se ao mar, arrostaram perigos, chegaram sem avarias de maior, galgaram por cima dos bancos, entraram pelos rios cobertos de baixios, attingiram pontos onde nunca se vira nenhuma embarcação de guerra e bombardearam as povoações sublevadas. Combateram, transportaram cargas, auxiliaram a construcção de pontes, dedicaram-se, mutiplicaram-se, foram, n'uma palavra as azas que proporcionaram á columna do sul víveres e polvora, o principal traço de união com a base das operações.

*

* *

No dia 30 de agosto de 1895 conversavam animadamente no posto de Magude o Silva *Maneta*, interprete da columna, e o 82 de artilheria 4. O Silva fôra soldado da policia de Lourenço Marques; conhecia o matto como se lá nascera. Apenas com o braço esquerdo mettia uma bala, a cem metros, no olho d'um negro, e com o pequeno couto que lhe restava do direito, atirava de costas, no chão, com força rara, o mais colossal dos auxiliares retos, que não lhe obedecesse acto contínuo. Era e é, porque ainda vive, o rebento d'um d'esses indómitos aventureiros, que gravaram, a tiro e á cutilada, na India, na America e em Africa, a assombrosa epopéa das nossas conquistas ultramarinas.

O 82, representaria vantajosamente em qualquer certamen sportivo o vigor physico da raça lusitana. Submisso e amovel como um borrêgo, outorgara-lhe a natureza um poder muscular desmedido. Domava-o uma creança, mas não o intimidaria um leão. Attestava-lhe a rijeza da musculatura dois exemplos eloquentes.

O, n'esse tempo, tenente da brigada de artilheria de montanha, Sanches de Miranda, um dos futuros collaboradores de Mouzinho de Albuquerque no aprisionamento do Gungunhana, orgulhava-se com a robustez da gente que commandava. Eram desempenados latagões, habituados a montar e desmontar reparos, a pôr e a tirar do dorso das mulas os canhões da bateria. Foi necessario uma vez

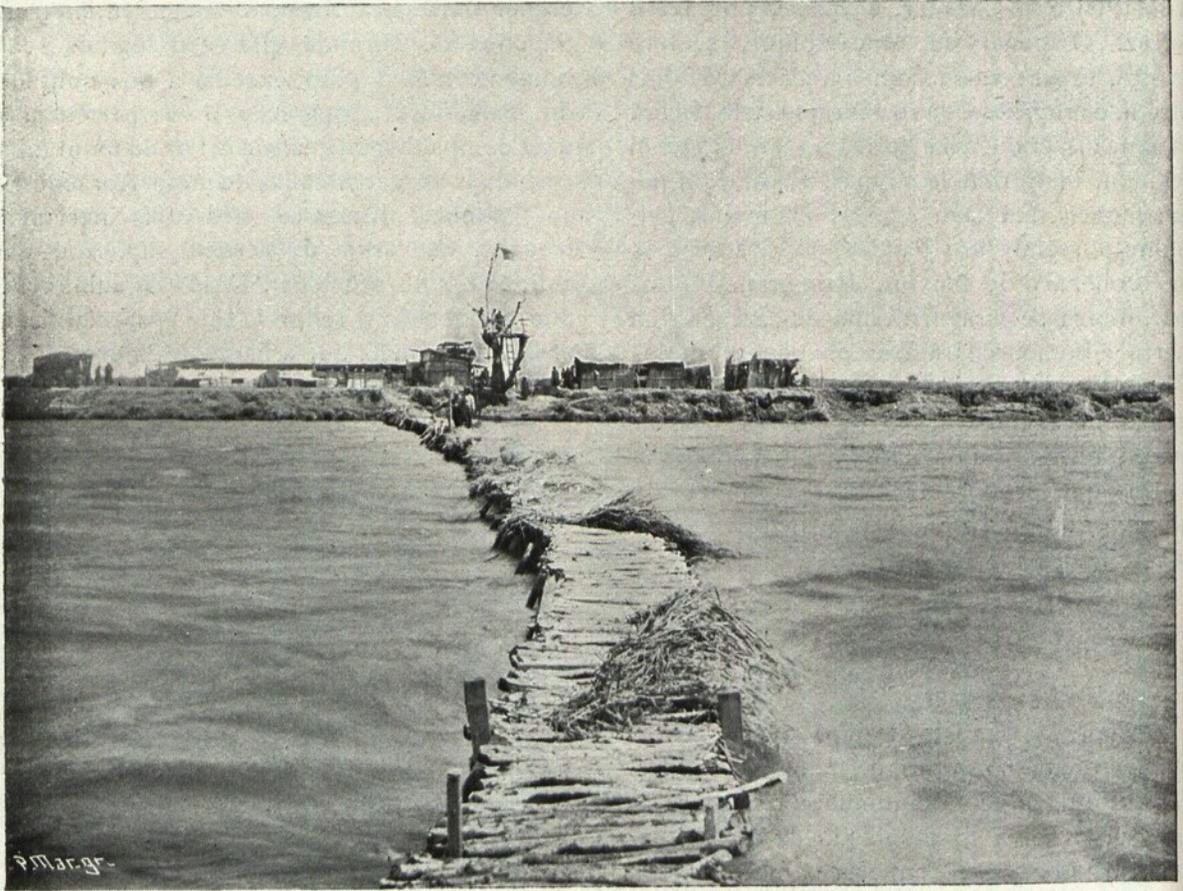
erguer uma peça Krupp de sete centímetros. Sanches de Miranda offereceu logo os seus homens, mas o pêzo excedia a boa vontade do mais duro. Apareceu o 82; pertencia a uma companhia de guarnição; os da montanha casquinavam gargalhadas de mofa. Abraçou-se ao canhão, firmou-se nos dois nervudos troncos, que eram as pernas, suppezou-o e collocou-o no seu lugar. O *ah!* de admiração que reboou em redor d'este pareceu surprehendel-o mais que o herculeo esforço exhibido espantara os seus camaradas.



CAPITÃO DE ARTILHARIA
HENRIQUE MITCHELL DE PAIVA COUCEIRO

Outra vez um boi tresmalhara-se. Não era facil conduzi-lo á arribana. Paus, laços, berros, e algazarra dos *macambuços* (1), o clamor das praças, nenhum effeito produzia no obstinado ruminante. O 82 zanga-se, consegue deitar-lhe a mão a uma das hastes, e ahi temos, não uma péga á unha segundo as regras tauromachicas, mas uma lueta semelhante á descripta no *Quo Vadis* entre o lygio Urso e o selvagem auroque. O animal teimava e fazia fincapé: pretendia desvencilhar-se por meio de movimentos bruscos, do seu detentor; recuava,

(1) Pastores



LOURENÇO MARQUES — PONTE DE CHINAVANE

sacudia-se, encorcovava-se, mugia; recorreu a todas as manhas, apelou para mil estratagemas, empregou ardís desleaes, serviu-se da astúcia combinada com a força, mas foi constrangido a ceder e entrou no curral vencido, envergonhado, humilde.

Conversavam os dois, dissemos.

— Que magote de negros é o que se abeira acolá? — perguntava o 82, alpendrando as duas mãos sobre os olhos e perscrutando ávidamente o limitado horizonte do fronteiro oceano de capim.

— E' o mouro que foi ao Magul, fingir que comprava gado, para saber o que lá se passa, e trazer-nos informações das terras e da gente que ahi se concentra — informou o Silva.

— E' além que se refugiou o Matibejana, régulo de Zichacha?

— E', foi renovar a vassalagem ao Gungunhana e recebeu d'elle o commando das mangas vátuas e landinas que nos hão de atacar.

— Mas o mouro vem acompanhado e não partiu d'aqui com tamanho séquito — observou o 82.

— Já reparei n'isso mesmo; depressa nos informaremos de quem são esses intrusos. E' necessario cautela. Se os cafres descobrissem a espionagem do mouro, nem a alma se lhe aproveitava.

Breve os dois metteram pela ponte que atravessava o rio e dirigiram-se ao encontro dos recémchegados. O mouro apenas avistou o Silva fez lhe um rapido signal de intelligencia com a vista. O *maneta* pôz-se de sobreaviso.

— Que quer este povo? — inquiriu o Silva.

— Vem buscar as fazendas com que eu ajustei os bois nas povoações da margem de além.

O *maneta* relanceou-lhes um olhar inquisitorial. Approximou-se do 82, e recommendou-lhe baixinho:

— Chama ahi uns dez soldados, e quando eu levantar a mão *fila-me* esta cambada toda; se resistirem dêem-lhes cabo do canastro.

O 82 afastou-se, e, dentro d'um minuto, caminhava ao lado dos supeitos visitantes uma duzia de brancos de espingardas carregadas e em bandoleira. O Silva, logo que se certificou que a escolta ia preparada para qualquer even-

tualidade, chamou o mouro de lado, e interrogou-o:

— Explica-me agora d'onde surgiram estes passaros de arribação?

— Posso falar á vontade, sem perigo?

— Podes.

— Os chefes das terras do Magul não queriam deixar-me retirar sem que trouxesse commigo estes pretos da sua confiança, devendo eu declarar aos brancos que eram carregadores designados para transportar as minhas mercadorias.

— Foram então mandados para nos espiar...

— Nem mais, nem menos.

— Olha lá, um d'aquelles figurões não é irmão do Mahazulo, regulo da Magaia?

— Quiz-me parecer isso mesmo, mas não tinha a certeza.

O mouro, os negros e os soldados entravam n'esse instante no terreiro do posto. O *maneta* abeirou-se d'um dos landins e disse-lhe, de chofre, no proprio dialecto, erguendo a mão:

— Como passa teu irmão Mahazulo?

Cada soldado agarrou-se ao seu negro, ameaçando-o com a baioneta. O interpellado pelo Silva foi agarrado como os demais, mas embateu tão violentamente no seu captor, que este recuou tres passos, o sufficiente para ficar com os movimentos livres. Os restantes não boliram amedrontados pelas laminas refulgentes dos sabres e largaram as azagaias.

Era um bello e soberbo exemplar da raça ethiophe, o guerreiro cafre que, n'um ímpeto de altiva e feroz independencia, se libertara á prêsa do seu estupefacto antagonista. N'um pulo arrogante de leopardo prestes a ser colhido pelo caçador, venceu uma distancia que nenhum prodigio da gymnastica conseguiria transpôr; arrojou-se para a frente como um corisco veloz sulca o firmamento opaco em noite de tufão; zumbiram-lhe as balas em redor da frizada carapinha á guisa de besouros sinistros cobiçando a carne putrefacta d'um cadaver; oppuzeram-se-lhe na carreira infrene os bicos agudos da velação de arame farpado, que lhe abriram no arcabouço, no ventre, nos membros, em todo o corpo offegante, tantos rasgões orlados de vermelho quantos os orificios d'um peneiro; quebrou, despedaçou, dilacerou, derubou a sebe artificial d'essa rêde de espinhos quasi insupperavel, os postes solidamente cravados e terminados em ponta esguia, os abatizes ouriçados de arestas cortantes, as tranqueiras compactas de toros sobrepostos.



CAPITÃO DE ENGENHARIA TAVARES LEOTTE

Nada resistia ao ímpeto vertiginoso e exterminador d'aquelle aneio de vida salva, de aspiração insoffrida á liberdade das selvas.

Corria, corria sempre, com o acompanhamento lúgubre dos projecteis que lhe desenhavam o contôrno n'uma tangencia milagrosa de indemnidade; galgou fossos em saltos que pareciam vôos; inclinava-se para deante n'um arranco de javardo perseguido por matilha infatigavel; fendia com a macissa cabeça obstaculos imprevistos, quasi impenetraveis, á semelhança das modernas machinas de ar comprimido que perfuram túneis; era a personificação do esforço physico logrando a tyrania da superioridade numerica, os inventos que aniquilam a distancia, a pertinacia crue do instincto sanguinario.

Chegou ao rio. Seria a salvação? Mergulharia, nadaria debaixo d'agua e attingiria a margem fronteira. O destino exigia outro desenlace a essa tragedia de minutos. Lançou-se ao Incomati, mas só encontrou corôas de areia, que lhe deixavam o busto a descoberto; não teve tempo de se deitar. Uma descarga das sentinellas proximas, mais certa que a dos seus nervosos perseguidores, arrancou-lhe a vida que defendera com singular denodo e energia.

Os restantes prisioneiros foram interro-

gados; dois d'elles insistiram bravamente em conservar o mais rigoroso silencio. Foram fuzilados.

Quando o chefe do posto ordenou ao commandante da força de infantaria que procedesse á execução, este ficou um tanto perplexo, sem saber quem devia nomear para presidir ao terrivel acto. Um dos sargentos presentes, por leviandade, por comprazer, declarou:

— Vou eu, meu tenente.

O official assentiu, mas logo um dos collegas do imprudente voluntario, commentou, baixinho, para elle:

— Offereceste-te para uma bella acção, não tem dúvida!

Ninguem mais descortinou um sorriso nos labios do estouvado militar, e d'ali para o futuro preparou todas as suas coisas para um passamento breve, dizendo com tristeza para os seus mais íntimos confidentes:

— A primeira bala que vier dos pretos é para mim.

Veremos se o vaticinio se realizou.

*
* * *

N'esse mesmo dia, 30 de agosto, principiou a concentração das forças cafreas fieis em Chinavane. Reuniram-se ali as mangas do Chibanza, do Chicuco, do Mancunene, do Capulana e do Mapanjanhana, entre dois mil e quinhentos a tres mil homens. Choveram as bravatas, multiplicaram-se as promessas de proezas inauditas; nada resistiria ao impeto bravio da horda assoladora. Quando, porém,

os informaram que o objectivo da acommettida era o Magul, todo esse ardor bellicoso se esvaiu como fumo vergastado por nortada rija, e o peor foi que se accentuaram logo deprimentes symptomas de deserção irremediavel. Contiveram a premeditada fuga, incutida pelo medo, os canos convincentes das metralhadoras e a linha de sentinellas brancas munidas de instrucções radicaes.

Na noite de 2 para 3 de setembro, os auxiliares reduzidos a pouco mais de mil, receberam ordem para effectuar um largo reconhecimento. O capitão Freire de Andrade chamou o Silva, e participou-lhe:

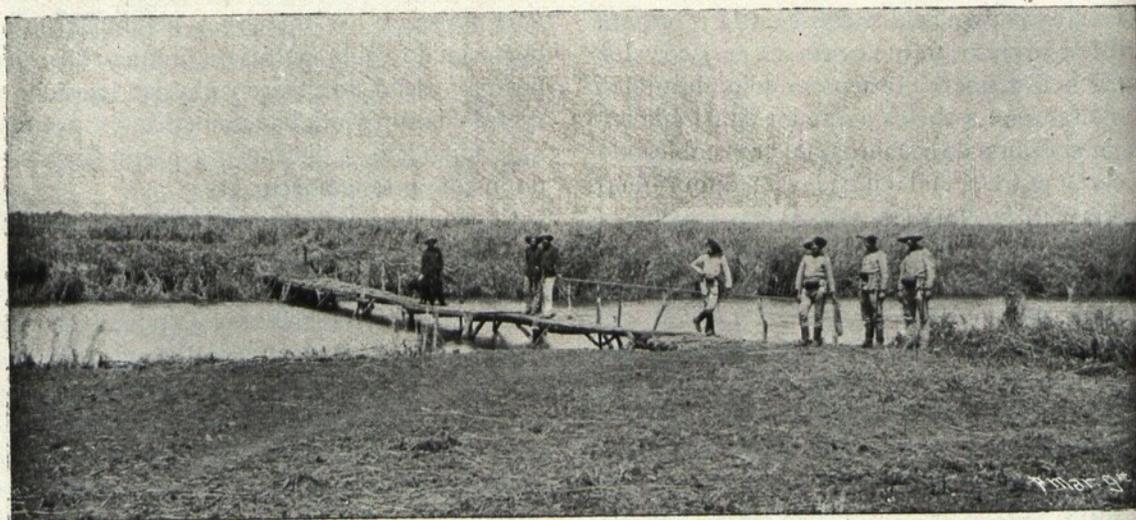
— És tu que vaes commandar essa sucia.

— Fogem todos ou matam-me.

— Se tens medo, vou eu — redarguiu o engenheiro.

— Meúdo, eu! — bradou o *maneta* com voz sibilante e olhar enfurecido; depois mais sereno, accrescentou: — O medo, a primeira vez que o vi fiz-lhe tão má cara, que nunca mais me tornou a apparecer.

E deu meia volta, sem querer ouvir mais explicações. As mangas caminharam pela margem esquerda do Incomati, a coberto do caniço, e, depois de varias peripecias, dissimularam-se no matto. A 4 marchou a columna européa, cento e cincoenta homens, se tanto, com dez cavalleiros. Atravessaram as forças o Incoluana á custa de illimitada paciencia e trabalho insano. De subito retumba o estralejar irrequieto da mosquetaria cafreal. O Silva corre a vêr o que é e communica-o a Freire de Andrade.



LOURENÇO MARQUES — PONTE DE INCOLUANE

— Lembra-se V. Ex.^a dos illustres cavalleiros que todas as manhans se divertiam a insultar-nos do lado de cá do rio?

— Lembro.

— Foram apanhados com a bocca na botija e pagaram capital e juros; aquelles não nos tornam a chamar *gallinhas*.

O movimento proseguiu. O quadrado europeu, commandado por Freire de Andrade, marchava vagarosamente. Os auxiliares, como não encontravam ninguem, corriam. Á sua frente, agora, cavalgava o capitão Henrique Couceiro, seguido de cinco europeus de cavallaria.

Uma desoladora paizagem, a d'esse terreno, plano como uma charneca alemtejana e pantanoso como um arrosal de Montemór. Os rios, que serpeiam perto, e a lagôa Chuale, alastram dos leitos e inundam de charcos empeçonhados a tristissima campina. Aqui e ali cresce o caniço e o junco pondo manchas biliosas na vegetação enfezada. N'alguns sitios d'aquella especie de lençol mortuario, pois não se distingue, em recuado perimetro, nenhum vistigio de ente humano vivo, a areia esmaecida difficilmente deixa transparecer hervas franzinas e sêccas, palha calcinada pelo sol abrasador, e, a longos intervallos, arbustos descarnados e galhos sem seiva que os alimente. E' um cemiterio da natureza no seu mais afflictivo isolamento. Povôa-o a formiga branca em substituição dos vermes dos campos santos. Para que a illusão ainda mais nos entenebreça o espirito, erguem-se em avultado abaulamento de funebres covaes os montes pacientemente architectados pelos industriosos insectos, revestidos n'um ou n'outro ponto da verdura de resistentes plantas parasitas. A muita distancia, encorcova-se um outeiro coroadado de acacias densas, a resaltar no azul claro do espaço; para as bandas de cá, n'um arqueamento suave do solo, esmaltam-se como pintas alvadiás e cinzentas, as abandonadas vivendas de zinco dos baneanes e as solitarias palhotas de colmo dos negros.

Henrique Couceiro e as mangas, que marchavam afastadas umas das outras, de cincoenta a cem metros, adeantaram-se ao quadrado europeu mais de tres leguas. Os auxiliares avançavam impávidos na persuasão de que o inimigo acampava muito longe. De subito os negros estacaram, perdendo o aspecto de arrogancia e de fanfarronice.

— Que é? interrogou Couceiro.

— Ali, *molungo*; não vês? os vátuas! — informou um dos chefes com os dentes a baterem uns nos outros, com a physionomia assustada, tranzido de medo.

Effectivamente a cêrca d'um kilometro, distinguia-se com a maxima nitidez, numerosos grupos de negros, armados em guerra e de attitude ameaçadora.

— Para deante! — bradou Couceiro.

Ninguem se mexeu. Houve até muitos d'aquelles ousados guerreiros, que olharam



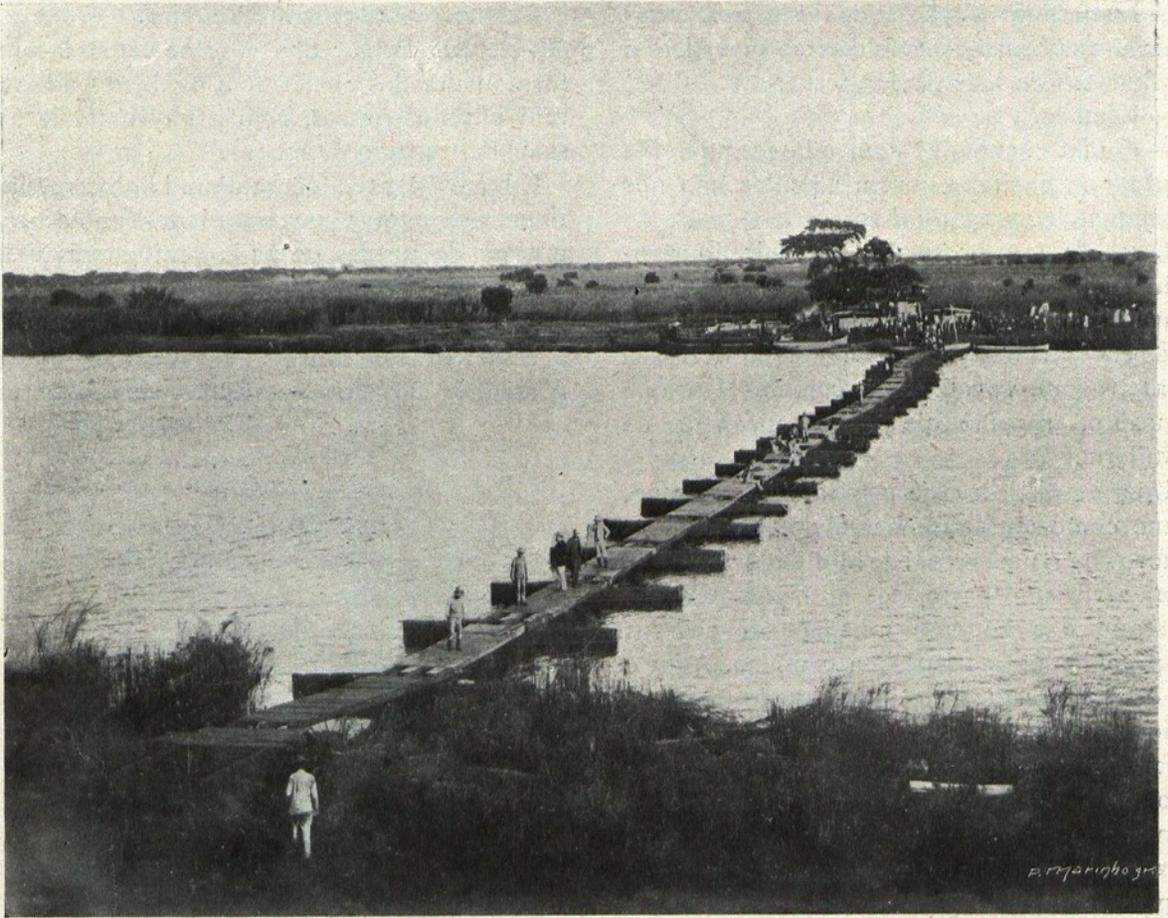
CAPITÃO DE ARTILHARIA SANCHES DE MIRANDA

para traz, em busca de sitio mais propicio para se furtarem ao primeiro choque dos temidos adversarios.

— Arranquem-me esses covardes de ahi, homens que deviam ser mulheres, bando de poltrões! — vociferava Couceiro animando os indunas (1), mostrando o punho fechado aos chefes, distribuindo pranchadas com a prodigalidade da sua intemerata bravura. — Vou eu só!

Os cafres assemelhavam-se a espargos nascidos ali, no areal, não se moviam; man-

(1) Grandes dos régulos.



LOURENÇO MARQUES — PONTE DE INCANINE

tinham-se hirtamente quietos, na immobilidade de muitas estatuas que incarnassem o terror. Se o inimigo esboçasse a mais insignificante evolução hostil não ficaria ao lado de Couceiro e dos seus cinco valentes subordinados um unico landim. Do quadrado ninguem lhe poderia acudir. A conjuntura surgia apertada e angustiosa. Recuar era impossivel; nem o bravo capitão de artilharia sabia o que significava essa palavra; demais, mesmo que o pretendesse fazer, os cavallos estavam de tal maneira anemicos e cançados que não aguentariam um galope de cem metros.

Couceiro tomou então o partido heroico que a sua grande alma lhe aconselhou. Atirou-se para deante n'um impeto de louca temeridade. Era arrostar com uma morte certa. Os nossos alliados de carapinha quedaram-se estupefactos. O brio não os incitou a avançarem, mas o espanto chumbou-os ao solo.

Na hoste contrária preponderava um sentimento analgo de pavor. Esse branco, apenas seguido d'outros cinco, possuia seguramente

um formidavel *feitiço* para assim desafiar tantos mil guerreiros. A gente que ficava parada atraz d'elle obedecia com certeza a qualquer infernal plano; adejava por ali um perigo imminente, denunciador de total exterminio, e permaneceram tambem em pusillánime expectativa.

Couceiro trotava sempre. Chegou ao alcance da voz. Os contrarios apertavam-se uns de encontro aos outros, intimidados, medrosos, cheios de assombro. Que lhes iria fazer o branco? O intrépido official distinguio no meio da plumagem, das rodellas, das azagaias, dos *munjovos*, dos rabos de boi, de todo o apparatus bellico da negralhada, o irmão do Chonguella, regulo da Cossine, e chamou:

— Pasman!

O preto encolheu-se: desejava mirrar-se com o chão, sumir-se por elle abaixo, mas obedeceu ao chamamento. Sahiu da muralha viva de que fazia parte, vagaroso, assustado, contra vontade, como hypnotisado. Couceiro passeou as pupilas rutilantes de energia pelas espingardas que começavam a visal-o, e disse:

—Matibejana, regulo do Zichacha, revoltado contra o rei de Portugal, refugiou-se n'estas terras...

—E' verdade, senhor — confirmou o negro.

—Exijo que m'o entreguem... ou não deixo uma palhota de pé, nem um homem com vida.

O preto ficou silencioso. Com grandes recursos contava esse branco para assim exigir a uma *impi* (1) do Gungunhana, a entrega d'um dos seus vassallos predilectos. Nada de respostas altivas, nem argumentos que o exasperassem. Era necessario contemporisar, e respondeu:

—Não depende só de mim o dar-te o Matibejana; está longe; outros chefes são responsaveis por elle, e alguns d'esses não se encontram aqui.

—Que tempo precisam para conversar e trazer-me o revoltoso ao porto de Chinavane? — informou-se com altivez Couceiro.

—Tres dias — redarguiu Pasman, tímido, e depois de cogitar um pedaço.

—Bem — condescendeu o pundonoroso official, com sobranceiro arreganho. — Esperarei até a noite do terceiro; se na manhan do quarto dia o Matibejana não me fôr apresentado, ao nascer do sol aqui me teem, e ai! dos que ousarem acoutal-o ou levantar-se em sua defesa.

E não se dignou mais encarar as mangas adversarias. Encaminhou-se para os nossos auxiliares estarecidos, que esfregavam os olhos, por não acreditar no que viam, e voltou para o posto.

Em toda a campanha, matizada de singulares manifestações de valor pessoal, nenhuma houve mais necessaria para a manutenção do prestigio das tropas europeas, nem que mais eloquentemente denunciasse a tèmpera heroica d'um homem e mais absoluto desprezo pela existencia.

*

* *

Freire de Andrade e todos os seus camaradas do acampamento de Chinavane resolveram, sem mais um segundo de hesitação, respeitar o *ultimatum* imposto por Couceiro. Findos os tres dias ou o Matibejana seria entregue prisioneiro, ou se arrazaria o Magul. Os elementos para a realização d'essa aventura

de cavallaria andante é que eram menos que defficientes... , chegavam a ser irrisorios. Depois de muito rebuscar, cerzir, emprehender, tirando d'aqui e d'acolá, reuniram-se duzentas e sessenta e cinco praças europeas, trinta e tres soldados angolas e onze officiaes — uma dentada para os seis mil e quinhentos cafres de Tope com quem se iam defrontar.

No dia 9 de setembro ás dez e meia da manhan, após uma marcha fatigante e difficil, descobriram-se as primeiras vedetas do inimigo. Formado o quadrado, avançou com uma metralhadora em cada angulo, tão exiguo com os seus dezasete homens na frente de cada face, que mal se divisava por entre os feixes dobrados do capim. Eram treze as mangas. Marcharam, manobraram, evolucionaram, mas não se atreveram a approximar-se dos brancos; não que lá estava o Couceiro e esse dispunha ainda de mais *feitiços* que qualquer outro.

A demora dos negros na investida foi aproveitada para espalhar em torno do punhado dos europeus alguns toscos abatizes, constituídos com os escassos elementos ali á mão. A meia duzia de soldados a cavallo avisinou-se d'elles e desfechou-lhes as cargas das suas carabinas. Era um repto e um chamariz. O regulo Chibanza, um dos poucos negros a quem se consentira acompanhar a diminuta columna, adeantara-se até perto dos adversarios, seus conterraneos, e vibrou-lhes os insultos mais deprimentes e ultrajantes da lingua vátua.

Á hora e meia da tarde o sol entornava sobre os desditosos militares do continente, como se fôra um cadinho arrombado, rubros caudaes de estanho em fusão. O calor asphixiava. O terreno, o ambiente, a cúpula celeste, as lufadas sacudidas e intermitentes do norte, abrasavam os pulmões, encandesciam as faces e inundavam os corpos enervados de suor doentio. A atmospha pesava sobre o peito de todos n'uma oppressão suffocante.

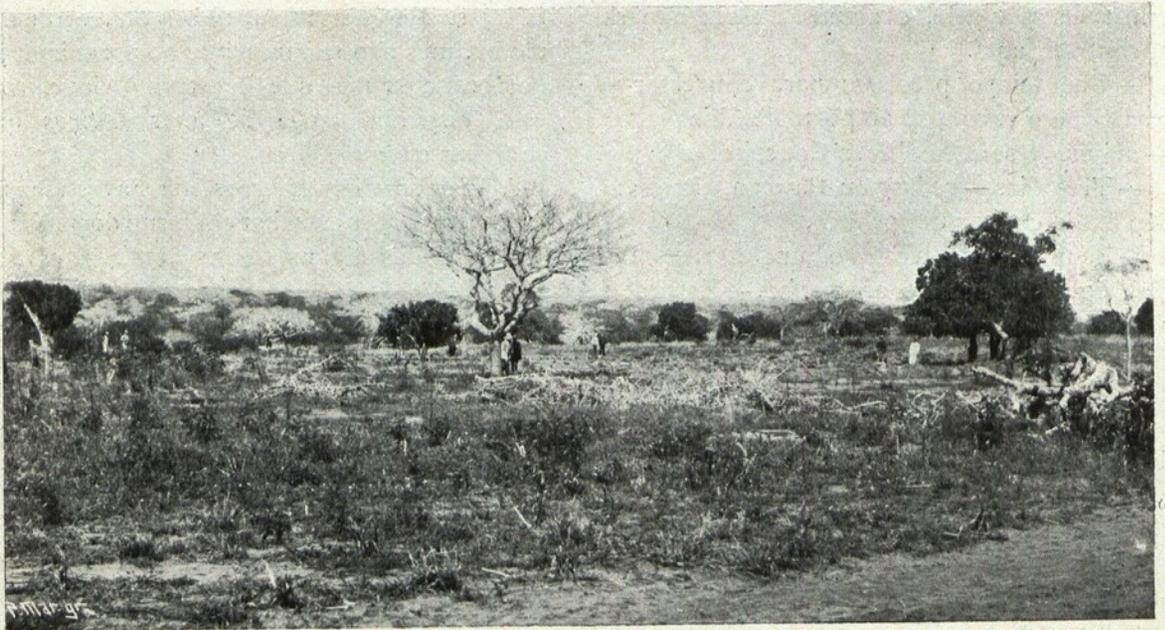
Surgiram primeiro receosos, desconfiados, espreitando através das moutas alguns cafres dispersos. Tinham resolvido o ataque. Estendiam-se, como uma linha de atiradores, a mascarar o desenvolvimento do grosso da força. Depois destacou-se no verde torrado da planicie, batida em cheio pela luz dardejante e tremuluzente, a massa escura e compacta das mangas. Evolucionavam n'um movimento surdo, caladas, ao contrario do que costuma succeder em

(1) Exercito.

emergencias idênticas. Alongaram-se, a principio, n'um interminavel rosario de escudos marchetados de branco e negro e recurvaram-se em seguida em meia lua. Dir-se-hiam a distancia, e eliminados alguns seculos, os esquadrões musulmanos envolvendo a hoste de D. Sebastião em Alcacer-Kibir.

Lá em baixo, a quinhentos metros, a custo se enxergava a resumida pinha ouriçada de sabres dos brancos. Causava dó examinar corpo tão franzino para amplexo tão gigantesco. Nem o poderiam apertar todo esses braços longos e colossaes. A investida effectuara-se lenta, methodica, sem pressas, n'um

tanto, que não as mangas cada vez mais cerradas e densas. Avante! E os rebeldes despeñharam-se n'uma carreira douda, sempre unidos, conhecendo por experiencia, ou adivinhando por intuição, o choque tremendo e irresistivel que representava, para objectivo de tão fraca consistencia, a massa formidavel de seis mil e quinhentos homens multiplicada pela velocidade estonteadora de muitas centenas de metros. Lá em baixo, o microscopico ouriço de baionetas nimbou-se de uma aureola esbranquiçada e resouou como o crepitar irrequieto e apressado de sal caído ao lume. No espesso muro de bustos côr de ébano



LOURENÇO MARQUES — O LOCAL DO COMBATE DO MARRACUENE

Os grupos de officiaes indicam cada angulo do quadrado na noite de 2 de fevereiro de 1805

antegosto vagaroso de iguaria anciada que se vae saborear. A prêsa agachava-se ali; podia debater-se um instante, mas não escaparia. Agora a recordação do Marracuene, o temor supersticioso dos *feitichos* e das armas aperfeiçoadas, varria-se-lhes da memoria. O instincto da lucta, a certeza do triumpho, o odio de raça, a vingança de tantos dos seus succumbidos á mão dos invasores, a expulsão para sempre de tyrannos seculares, o aniquilamento total d'esses aventureiros anêmicos que sempre os tinham vencido, exaltava-lhes a energia e acicatava-lhes o animo.

Silvaram, altos, alguns projecteis; attingiriam as nuvens, se os impelisse força para

e luzidios rasgaram-se soluções de continuidade, alongaram-se braços em busca de pontos de apoio, estrugiram brados de raiva e gemidos de dôr, incidiram na areia, em baques soturnos, n'uma senioridade lúgubre de urna funeraria, arcabouços esfuracados, a gottejar. O impeto vertiginoso das mangas afrouxou, diminuiu de rapidez, até que porfim se deteve n'um estacionamento raivoso e impotente. Esbarrara de encontro a uma acommetida mais forte; paralisou-o a rajada mortífera d'um tufo de balas.

Veamos agora o que se passava no quadrado.

Os primeiros tiros sahiram espontaneos,

n'uma cristação nervosa do dedo sobre o gatilho. Mas logo a voz serena de Freire de Andrade, ordenou:

— Deixem-n'os chegar mais perto.

Os negros distavam n'este momento do quadrado trezentos metros. Foi ordenado fogo vivo. As espingardas, as metralhadoras, commandadas pelos tenentes Sanches de Miranda e Pinto da Motta, despejavam incessantes jorros de metralha. Um sargento, a despeito dos conselhos dos camaradas, ergueu-se em cima d'uns caixotes para obter mais amplo campo de visão, mas logo levou a mão ao peito, golfando um jacto de sangue, e exclamando ao tombar desamparado para traz:

— Cá tenho a minha conta; não errei na prophecia; os negros vingaram-se!

Era o mesmo sargento que se offerecera para fuzilar os dois prisioneiros. Infelizmente para elle não se enganara nas suas previsões.

N'esta altura desencadeara-se sobre o minguido reducto, constituido pelos peitos europeus, uma estrondosa tempestade de ferro. Os milhares de armas de todos os systemas e adarmes, desde o reduzido calibre da Lee-Metford até as boccas enormes dos mosquetões dos caçadores de elephantes, tudo vomitava a destruição e o exterminio sobre o quadrado. A morte quasi instantanea do sargento e o furacão das balas, zagalotes, escumilha, chumbo grosso, quantos metaes podiam servir de projecteis, razando as baionetas, amolgando os canos, lascando as coronhas, abrindo lacunas nas fileiras, causara passageiro terror na face mais varrida pelo tiroteio contrario. Um segundo cabo de tal modo se inclinou para a frente, que não houve meio de o levantar e de lhe descobrir a cara. Freire de Andrade, exasperado, cravou-lhe dois centimetros da ponta da espada na coxa. Endireitou-se de prompto, e tão corrido de pejo, que luctou depois com singular denodo. Alguns soldados mais, poucos, teimavam em apontar deitados; o capitão Almeida, o tenente Krusse Gomes, os alferes Quirino Pacheco, Luiz Coelho, Aguiar, Gaspar e Paes, e os officiaes atraz mencionados, depressa os convenceram a desfechar de pé e de joelhos. Um sargento muito

novo, que não conseguira dominar os nervos, chorava, mas logo suffoçou o pranto e se transformou em homem, e dos mais destemidos, ao ouvir entre ironica e severa a voz sonora de Couceiro, com o sangue a borbotar d'uma ferida perto do olho esquerdo:

— Não se me faça piegas!

Mas breve se sumiram esses rapidos symptomas de instinctivo pavor, a que nem os mais temerarios heroes se eximem no baptismo de fogo. Cinco minutos depois de estralejarem os primeiros tiros, cada vacillante recruta metamorphoseara-se n'um veterano aguerrido e firme. As descargas tornaram-se regulares, disciplinou-se o combate, cada soldado confiou em si e todos nos chefes. Duas vezes foi necessario interromper a lucta. O fumo condensara-se tanto em redor do grupo dos brancos, fizera-se tão opaca e irrespiravel a atmosfera que envolvia n'um fusco resplendor de morticinio o impavido quadrado, que ninguem sabia a quantos metros estavam os contrarios. A metralha obrigara-os a refugiarem-se na herva alta, a esconderem-se por traz dos troncos, a mirrarem-se com o solo, a acoutarem-se á retaguarda dos morros de muchem. Quando a fuzilaria se calou, arrojaram-se n'um novo e desesperado esforço sobre o punhado dos europeus. Troaram mais céleres as metralhadoras, desfecharam-se mais apressadas as espingardas, e no fim de meia hora outra interrupção.

D'esta vez do teimoso adversario só restavam os mortos e os feridos, que não pudera conduzir, mais de trezentos, no numero dos quaes se incluia o chefe, o valente e intrépido Tope.

O desafio de Couceiro, como a manopla d'um paladino da civilização atirado ás faces da barbarie, fôra corajosamente sustentado por esses esqualidos e febris mantenedores, que ao bradarem: «Por minha dama!» — a patria — se irmanavam com os mais afamados cavalleiros medievos. Renovara-se, nas linguas desoladas do Magul, um d'esses cavalleirescos e deseguaes prélios, que nos valera a independencia oito seculos antes. A raça, ao medir-se com o inimigo, não degenerara. Portugal pode ainda confiar no futuro.

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRIPTORES

*Abel Botelho, Affonso Lopes-Vieira, Carlos Ma-
lheiro Dias, Eduardo Schwalbach, Eugenio de Castro,
Fialho d'Almeida, Gomes Leal, D. João da Camara,
João Penha, Julio Dantas e Theophilo Braga.*



CAMILLO CASTELLO BRANCO
Do *Album das Glorias* —
Caricatura de Raphael
Bordallo Pinheiro.

A inconfidencia não existe quando se trata de artistas celebres ou homens de letras que fizeram nome. Hoje o publico quer saber da vida dos seus grandes homens e não param os photographos a kodakisar a casa de cada um e os *reporters* a satisfazer a sua natural curiosidade.

A *interview* triumphha em toda a linha. Como trabalham os nossos escriptores? Essa pergunta suggeriu esta meia duzia de paginas que se seguem, rabiscadas sobre o Joelho, ainda sob a directa impressão da meia duzia de palestras que as motivou.

Toda a França, por exemplo, sabe como trabalham os seus homens de letras, as suas manias, as suas predilecções. E não sabe só como elles trabalham: Sabe como elles dormem, como elles comem e quanto ganham. Sabe que Anatole France é doido pelo seu cachimbo de espuma, um cachimbo que é já celebre na litteratura mundial; e que Bourget fuma cigarro desalmadamente; que Rostand ganha rios de dinheiro e costuma desenhar nas margens do manuscrito; que Lemaitre é um incorrigivel bibliographo e um mau politico. Publica todos os dias volumes de inconfidencia

sobre os seus escriptores. Nada lhe escapa. Nem que Balzac viveu sempre sob a obsessão do dinheiro, nem as caricaturas que Beaudelaire fazia quando gatinhava. Nem o collete vermelho, o collete vermelho-berrante de Theophilo Gauthier, nem as salas asiaticas de Pierre Lotti. Tudo, tudo quanto tenha relação com um grande homem é amorosamente colleccionado, commentado, reduzido a volume e impingido ao publico á razão de 3,50 fr. por cabeça.

Portugal, em compensação, n'isso não é curioso. Que sabemos nós dos nossos litteratos?

Que Camillo escreveu as *Memorias do Carcere* na cadeia e que depois, quasi cego, accendia todas as velas de dois candelabros para afugentar as trevas. Que Eça de Queiroz tirou um retrato de caiba mandarinesca, escrevia em largas folhas de papel, emendava as provas como Balzac e fumava propositalmente cigarros tísicos. Que



EÇA DE QUEIROZ
Em traje de mandarim

Calvesam

xix

onde só ~~erescem~~ cardos que o vento estorce. Oh aquella carne rija, e ~~posada~~ e sangrenta que exhala um cheiro tão salino e ~~ore~~! As suas ~~grossas~~ mandibulas ~~redosamente~~ se escancaram n'um bocejo enfasiado e famelico. O oceano arfa como adormecido. Então ~~Adão~~ ~~irresistivelmente~~ mergulha n'uma das ~~feridas~~ do saurio. Os dedos que lambe e rechupa, ~~todos~~ molles de sangue e gorduras. O espanto d'um sabor novo immobilisa o homem ~~Avoca~~ que vem das hervas e das fructas. Mas logo, com um salto, arremette contra a montanha d'abundancia, e arranca uma febra que trinca e ~~masca~~ e traga a grunhir, n'um furor ~~f~~ uma pressa ~~fem~~ que ha o gozo e ~~em~~ que ha o medo da primeira carne comida.

Tendo ceado assim postas cruas d'um monstro marinho, nosso Pae veneravel sente uma grande sede. São salgadas as poças que na areia rebriham. Pesado e triste, com os beiços empastados de banha e sangue, Adão, sob o ~~silencioso~~ crepusculo, ~~transpõe~~ as dunas, repenetra nas terras ~~fazendo~~ soffregamente agua doce. Por toda a relva, n'esses tempos de universal humidade, ~~refulgia~~ e ~~sussurava~~ um regato. Em breve, enrolado n'uma riba lodosa, bebeu consoladamente, em ~~avidos~~ sorvos, sob o vôo espantado de ~~grossas~~ moscas, ~~conora~~ lhe prendiamha gue delha.

Era junto d'um bosque de carvalhos e faias ~~loda~~ ~~e~~ foute, que já se adensara, ennegrecia o chão, todo ~~maio~~ e fofa de musgos, d'ortigas mansas, de malvas e d'hortelã. N'essa clareira ~~fresco~~ ~~origo~~ penetrou nosso Pae veneravel, estafado com a marcha, os espantos d'aquella tarde de Paraizo. E apenas se ~~estivera~~ na alfombra cheirosa, com a hirsuta face pousada sobre as palmãs unidas, os joelhos colhidos contra o ventre ~~maie~~ distendido ~~que~~ um tambor ~~f~~ mergulhou n'um somno ~~muite~~ vivo como elle nunca dormira, todo povoado de sombras moventes que eram aves construindo uma casa, patas de insectos tecendo

adinda viva, fresco e rombas, Adão frugal Depois de atravessa chabrava pequena entendido fundo a um a entera como

Adão

rebuscando

de plantar amarelos onde a malva se encostava a hortelã, e a salsa ao funcho leguro

de

dephano, cada de e ludo

PROVA EMENDADA POR EÇA DE QUEIROZ

Do artigo Adão e Eva no Paraizo, prefacio do Almanach Encyclopedico

Julio Cezar Machado escrevia conversando em todas as cousas d'este mundo desde a escola realista da novella franceza até ao nariz aquilino da vizinha de Camillo Castello Branco.

Conhece-se além de tudo isto o monoculo de João Penha, a barba branca de Bulhão Pato e a barba negra de Guerra Junqueiro. E aqui está o que Portugal sabe dos seus litteratos. Emquanto a como dormem, como comem e quanto ganham, isso não sabe nem lhe interessa, acho eu. Presume que comem e dormem, como toda a gente.

E no capitulo ganhos é melhor não fallar n'isso. Se o litterato amanuensa nos Proprios Nacionaes ou na Junta do Credito Publico já o publico sabe que tem o ordenado de julho rebatido em fevereiro, que isto de ganhar di-

nhairo pelas letras, n'um paiz onde toda a gente por pensamentos, palavras e obras se vangloria de não saber ler, é forte!!

*

Ha em toda a nossa litteratura cinco paginas formidaveis, cinco paginas de genio inegaladas e inegalaveis: A morte do lobo, O supplicio da marquezã de Tavora, Os ceifeiros, O Sergio e o Enterro do rei D. Luiz. As duas primeiras são de Camillo. As outras assigna-as o nome de Fialho d'Almeida. É pois o auctor d'essas paginas maravilhosas, o vigoroso pamphletario d'Os gatos, o commo-



EÇA DE QUEIROZ
Estatueta de Silva Gouveia

vido artista da *Ruiva* e da *Madona do Campo Santo* quem abre a galeria.

Fialho d'Almeida quasi nunca vive em Lisboa. Habitualmente existe em Cuba, mas se ahi o procurardes estará em Villa de Frades. Não vos aconselho porém a que vos dirijais a Villa de Frades. Fialho terá partido para Lisboa e d'aqui para Cuba. Foi sempre assim vagabundo.

Quem se recordar de um artigo publicado em 1892, *Lisboa em farrapos*, verá como elle já então trabalhava: «Como sou misantropo, e só trabalho na rua — tanto mais facilmente, quanto mais accelerada a marcha em que me estafo — a vagabundagem está indicada entre os meus processos de formação intellectual, e o meu alheamento á vida exterior, n'essas occasiões é tão completo que podem passar por mim desordens e ribombos; eu não nos oiço, eu não nos sinto, e para além das muralhas do meu craneo, o mundo cessa.»

Hoje ainda a vagabundagem está indicada entre os seus processos de trabalho e a sua confissão de hoje não diverge n'esse ponto da de ha 14 annos: «Trabalho andando. É preciso que as minhas pernas andem para que o meu cerebro funcione. Preciso de ruido, de animação, de variedade, para produzir. E é por isso que a minha gestação litteraria se faz na rua durante caminhadas interminaveis. Tenho a fadiga mechanica da carteira. Não posso trabalhar a ella mais de uma hora seguida.»

Quereis ouvir como elle faz um artigo? «Se o artigo é complexo faço n'um papel uma razão d'ordem onde vou cortando á medida que vou tratando os assumptos. Faço primeiro um rascunho. O meu principal trabalho é o de tornar a prosa elegante, de maneira que não tropece em *quès*, evitar que as palavras se repitam ou que haja palavras rimadas. Então emendo muito. Chego-me a desesperar. Depois passo a outro papel e tantas vezes quantas entender que fica bem e me dar por satisfeito. Então leio em voz alta e retoco até que o artigo está de todo prompto para a typographia. Nas provas não emendo nada.»

«Trabalho a toda a hora», repete. «Na provincia nunca de noite, mas principalmente entre o almoço e o jantar. De manhã nunca, porque me levanto tarde.

Quasi não durmo de noite. Mesmo que vá para casa cedo, como não tenho familia e vivo com creados velhos, apenas chego a casa, depois de pôr em ordem os meus apontamentos, deito-me. Leio até de madrugada d'aquellas horriveis noites da provincia.» A maneira porque as suas leituras são feitas é tambem bastante curiosa: «Levo cinco livros sobre diversos assumptos para o meu lado e vou lendo um capitulo de cada um d'elles, até que adormeço sobre a madorna das cinco, n'um somno que dura até ás 10 ou 11 horas.»

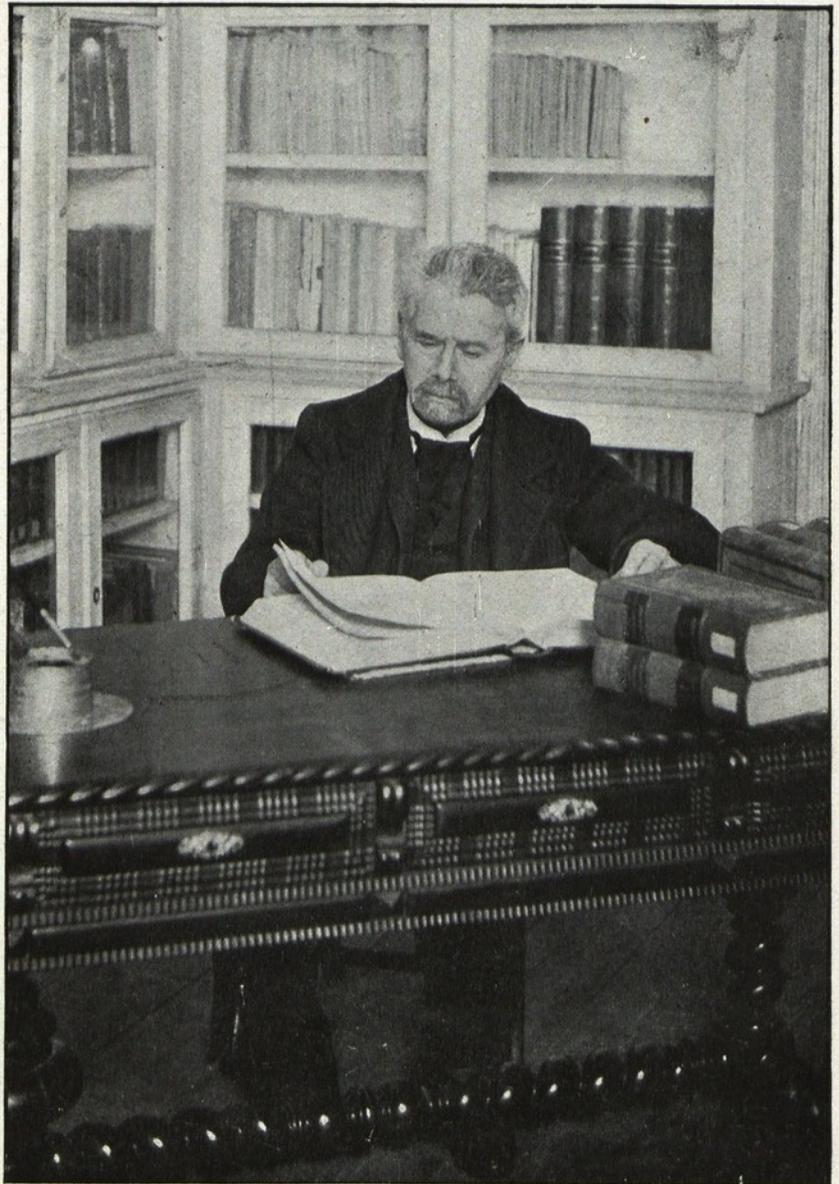
Fialho d'Almeida é um insatisfeito vivendo sómente da arte e para ella. Elle mesmo diz: «Vejo tudo na vida sob um ponto de vista pro-



FIALHO D'ALMEIDA
Photographia tirada em Cuba

fissional e tudo em mim são motivos de arte.» Dos seus livros nenhum lhe agrada. «Tirando seis ou sete individuos, que no mundo teem escripto, o resto é dispensado. Quatro milheiros de vinha bem postos valem todas as estancias dos *Lu-ziadas*.

O grande escriptor não fuma. Entre os escriptores que admira, a sua predilecção vae para Dostoïewsky «pela sua analyse, pelo pensamento e pela sua fantasia allucinatoria». Todos os homens do norte, — Ibsen, Strindberg, Björnson, Suderman, — lhe agradam. Dos hespanhoes aprecia tambem muito a Pio Baroja, e dos portuguezes quem não conhece a sua admiração por esse malaventurado homem de genio, que não teve estatuas nem amigos ricos, que não teve a gloriola da moda, esse maior do que todos, Camillo Castello Branco, que jaz esquecido porque foi grande de mais para lisonjeiro, e brutal de mais



THEOPHILO BRAGA

No seu gabinete da *Academia Real das Sciencias*



THEOPHILO BRAGA

Mascara por Christiano

para ser lisongeado. «O escriptor em Portugal não tem publico», e com esta phrase termina Fialho a palestra começada ás 11 e meia e terminada ás 2 da noite, em plena rua, — o habitual gabinete de trabalho do grande escriptor.

Theophilo Braga mora n'um prediosinho azulejado e estreito da travessa de Santa Gertrudes. É ali que tem o seu gabinete de trabalho, uma sala cujas paredes estão revestidas pela livreria e inteiramente cheia de papeis e documentos de que o escriptor se vae servindo para os seus trabalhos a fazer. Escreve em largas folhas de papel, de um lado e outro. A sua calligraphia é rapida, fina e irregular, e a sua forma, espontanea, regular e natural. Quando tenciona fazer algum trabalho leva para junto da sua mesa todos os livros e todos os materiaes que com elle se relacionam. Então começa escrevendo, isoladamente, sem convivencias mais que a dos seus livros e a dos seus alumnos e em curto espaço de tempo

dá-nos um volume cheio de erudição, desprezencioso e elegante e de uma leitura sempre suggestiva e sempre educadora. Com este methodo, o que é hoje o maior sabio e o maior trabalhador da Península, escreveu o melhor de 100 volumes que compõem a sua obra. A manhã passa-a a fazer a sua correspondencia. É metade do dia passado a «desimpedir a outra metade» segundo a sua phrase. Nunca pediu nada e nada deve senão ao seu proprio esforço. Uma vida de trabalho que é uma vida de exemplo. Que os que começam e mesmo muitos que já começaram ponham ali os olhos!

Dos romancistas o primeiro procurado é Abel Botelho. O seu gabinete de trabalho é na travessa do Salitre, dois segundos da Avenida, um confortavel interior de artista em que se está bem e se ganha predisposição para os trabalhos de espirito. A um lado uma alta estante de pau santo mostra as filas de livros preciosamente encadernados. Ao fundo a mesa de trabalho coberta de papeis. Um crucificado de bronze byzantino, sem cruz, repousa sobre um maço de manuscritos. Aquelle crucificado rigido, estorcido, e enclavinado, negligente-

mente posto ali deu-me um symbolo estranho. O de crucificados que são todos os que vivem de infundir ao papel a vida de realidade e de loucura que é a tara fervente do escriptor e do artista. As paredes são cobertas de quadros magnificos, manchas e estudos dos nossos melhores artistas. Na parede em frente está uma telasinha de Columbano. É o retrato do escriptor que ao lado nos apparece dentro de uma moldura rica de Leandro Braga, pintado pelo Ramalho, trajando uma cabaia multicolor. Eça, mostra o seu perfil adunco, o monoculo engastado no olhar amortecido, o bigode derrubado sobre o labio ironico e entreaberto, em cima de um contador, no busto de Raphael Bordallo. E ha por todos os lados gessos e telas assignados Teixeira Lopes, Simões d'Almeida, Silva Porto, etc. E, como motivo decoral, a um canto, alinham-se alguns projecteis de artilheria. E' só isto, esta nota insignificante que ali dentro recorda que o escriptor é militar.

Abel Botelho é um misantropo. O seu trabalho é todo feito no seu gabinete, de noite, de janellas cerradas e com pouca luz, para me-



Cliché de J. Barcia

ABEL BOTELHO
No seu gabinete de trabalho

lhor concentrar o espirito. Nunca trabalha mais que cinco horas seguidas e, como eu inquirisse, curioso, do tempo em que foram escriptas algumas das suas obras, Abel Botelho elucidou-me: «As paginas do *Barão de Lavos* e

é o romance. Tendo feito theatro e poesia justifica a sua dedicação pelo romance. porque «o theatro está cada vez mais rodeado de convenções».

Abel Botelho tem em grande a preocupação do estylo: «Não é uma affectação — esse escolho do amor proprio — porém o honesto esforço de procurar disciplinar a fantasia. Bem vê! o primeiro vôo da imaginação é naturalmente espontaneo, mas depois a não quereremos cahir em Ponson du Terrail ou Montépin é indispensavel applicar-lhe o lastro da analyse e trabalhar n'um labor cerebral insistente para que essa mesma imaginação, reflectida e tendo por instrumento a maxima plasticidade e riqueza da prosa, nos dê a imagem logica e exacta dos phenomenos e das coisas.»

A conversa minudencia-se em analyses e commentarios e eu toco um dos pontos caracteristicos da sua prosa: as descripções. Como as comprehende? E logo o meu interlocutor na sua voz pausada, mas solida, me diz como as visiona e como as considera: «Não devem ser simples roes de nomes mas havemos de total-as com arte. Então por muito longas que sejam nunca enfastiam, sempre que se saiba n'eilas fazer resaltar as arestas, as linhas caracteristicas. É a marca do escriptor, e o que transmite ao leitor a visionação do assumpto.»

Busco então as suas preferencias litterarias. Qual o romancista ou romancistas do seu agrado: «Os romancistas que eu prefiro? Sthendal, por exemplo, pela subtiliza do seu pensamento; Zola, pela envergadura epica dos seus processos; e o inglez Meredith pela profunda justeza da analyse dos protogonistas dos seus romances, verdadeiros manequins animados, sobre os quaes inalteravelmente converge a attenção e o dialogo de todas as outras figuras. Não se deve esquecer Camillo, talento complexo que só por si é uma litteratura, e o Eça pela linha ironica, caricatural, que soube imprimir ás suas figuras.»

Carlos Malheiro Dias, o auctor do *Filho das Hervas*, prefere a manhã para trabalhar. A sua prosa sae feita e por isso os seus originaes são limpos e as suas emendas se limitam a simples correcções typographicas. Escreve rapidamente e é á medida que vae enchendo os quadrados de papel da sua letra redonda e nervosamente saccudida que os seus livros se vão compondo na typographia. O *Filho das Hervas* foi escripto d'esta maneira em tres mezes, e é assim que actualmente trabalha o *Amor de*



Retrato de Ramalho

ABEL BOTELHO
vestido de cabaia

Cliché de J. Barcia

do *Amanhã* levaram a escrever de meia hora a tres quartos de hora cada; as dos livros de menos folego, como sejam o *Sem Remedio* e os *Lazaros*, de quinze a vinte minutos, em média, por cada uma.»

Os originaes são muito torturados e não lhe sahem das mãos senão completamente publicaveis. D'ahi as poucas ou nenhuma emendas e correcções que as provas das suas obras apresentam.

Antes de trabalhar nos seus livros documenta-os largamente e n'isso é o seu processo de trabalho muito semelhante ao de Zola. Eu vi entre os seus papeis o esquisso desenhado da casa do *Barão de Lavos*, da fabrica do *Amanhã*, e o da casa dos protogonistas do seu novo romance, no prélo, *Fatal dilemma*. Não fuma, e entre as suas paixões está a do bric-à-brac, a paixão dos Goncourts, mas o bric-à-brac com eleição, uma eleição artistica e cuidada. A sua feição litteraria predominante

Mulher, romance começado ha quatro annos, posto de parte mais de tres e meio, e agora de novo recommçado, sem pressa.

As duas grandes predilecções do escriptor são a arte sobre todas as coisas e depois da arte as viagens. Em arte a sua preferencia vae toda para o romance, genero em que a sua penna já conquistou um nome e uma reputa-

poeta, o dramaturgo deixassem de escrever. A critica vive do trabalho alheio. Tenho sobre ella as mesmas opiniões de Balzac. Nunca lhe devi nada de bom.»

Eduardo Schwalbach vive no Conservatorio de que é director. O gabinete onde trabalha é uma comprida sala no rez-do-chão do edificio, com janellas que deitam sobre o jardim.



Cliché de J. Barcia

CARLOS MALHEIRO DIAS
No seu gabinete de trabalho

ção. E, entre os grandes que cultivaram o romance, a sua admiração é incondicional por Balzac e Dostoïewsky «exactamente como por Shakespeare no theatro», diz. Fuma extraordinariamente, assombrosamente.

— Uma ultima pergunta. Qual a sua opinião sobre a critica ?

— «Não a leio», responde. «Não me interessa. Reconheço melhor do que ella os meus defeitos Não acredito na sua sinceridade, quando me aggride, nem lhe agradeço a sua benevolencia, quando me lisonjeia. Procuo, cada vez, fazer melhor. Demais, a critica vive do escriptor. Sem a nossa obra, não existiria o critico. Para o matar bastava que o romancista, o

Pelas paredes caricaturas de Raphael Bordallo, retratos de actores e de homens de letras. Ao centro um contador tendo em cima, n'uma desordem indscriptivel e muito flagrante que fez o meu pavôr, montes de brochuras, de jornaes, de manuscriptos, de revistas. Ao fundo, atravessada a um canto, a sua mesa de trabalho. É de manhã. Schwalbach acaba de receber o correio.

— «Qual é o seu methodo de trabalho ?»

— «Mas isso é uma *interview*! Não tenho. Ou por outra, tenho. Repare, vossê, n'essa banca, e ahi para cima! O meu methodo de trabalho é isso!» Olhei effectivamente. Era a sua mesa de trabalho cheia de coisas, com



Cliché de J. Barcia

EDUARDO SCHWALBACH
No seu gabinete de trabalho

montes de papeis empilhados, brigando uns com os outros e onde a confusão é eterna e extraordinaria. A um lado originaes destinados á *Revista do Seculo* que dirige: originaes em papeis de todos os tamanhos, com letras de todos os feitios, com idéas as mais diversas e de assumptos os mais variados; ao outro, mais papelada, uma confusão diabolica. Mas aquillo é que é o *methodo* de trabalho? Aquillo, santo Deus, é o cahos, o dia de Juizo, o inferno! *Methodo*, aquillo?!»

Schwalbach prefere a noite para trabalhar.

Quando pensa em fazer uma peça nunca traça um plano. A peça existe-lhe no cerebro; vê-a mentalmente e assiste ao seu desempenho á medida que a vae escrevendo. Escreve então seguidamente sem descanso. «É a carga cerrada.» Senta-se a trabalhar ás 10 da noite e só se levanta d'ali ás 10 da manhã. Durante este periodo de tempo escreve um acto. Se por acaso durante a feitura de um acto, se recorda de scenas de outro, rascunha-as rapidamente, findo o que segue com o trabalho primitivamente encetado. «A *Bisbilhoteira* foi escripta em tres noites; um acto por noite. Á

medida que os ia escrevendo ia-os mandando passar a limpo e succedia até que a pessoa encarregada d'esse serviço levava mais tempo n'essa tarefa do que o que eu levava a escrever.»

— De todas as suas obras quaes prefere?

— «A *Bisbilhoteira* e a *Cruz da Esmola*.» Emquanto me vae respondendo, Schwalbach, de pé, vae abrindo os jornaes do Brazil, percorre-os rapidamente com a vista e deita-os para o lado.

— Quaes são os actores que mais admira?

«Eu lhe digo: A Duse e o Coquelin. A Duse na *Segun-*



FIALHO D'ALMEIDA
Caricatura de Celso Herminio



A JULIO DANTAS

CARIC. DE CELSO

Esboço
20 de 1901.

da mulher de Tanckeray' e o Coquelin nas Preciosas ridiculas são as supremas interpretações da arte. Não se faz melhor. Mas admiro muito Suzanna Després e não deixo de reconhecer o grande talento de Sarah Bernhardt. No Hamlet, por exemplo, ella deu-me pontos de vista inéditos e fez-me ver coisas inteiramente novas, sob um aspecto e uma feição que eu não tinha visto em mais ninguém.»

— «E do publico? Quaes são as suas impressões do publico?»

— «Eu tenho a impressão de que o publico é o grande juiz, sempre justo nas suas deci-



Cliché de J. Barcia O GABINETE DE TRABALHO DE JULIO DANTAS

sões. E sempre, sempre, reconhece e protege o que é bom e merece o seu applauso e protecção.»

Como para me citar a *Segunda mulher de Tanckeray* a memoria lhe falhasse, voltou-me: «Não tenho memoria nenhuma, absolutamente nenhuma. Na escola a minha tortura eram as definições, porque uma definição não se inventa em dois segundos.»

Sabia o que precisava. E assim terminou a conversa com o auctor do *Intimo* e da *Cruz da Esmola*.

Julio Dantas habita um segundo andar da travessa da Estrella (a S. Pedro d'Alcantara), uma travessa socegada e solitaria. O seu gabinete de trabalho é um primor de bom gosto.

É uma salinha pequena onde os moveis são em negro, de pau santo e a decoração é toda carmezim. Ao fundo uma alta estante antiga, cheia de li-

JULIO DANTAS
Caric. de R. B. Pinheiro

vros, aponta as lombadas com tremidos de ouro e incrustações de pompa. A mesa de trabalho cheia de livros e de pa-



JULIO DANTAS
Caricatura de Francisco Teixeira

peis tem dispersos os trabalhos do dia antecedente. É ainda cedo. E o sol que se cendra pela vidraça dá a todo o interior uma luz solemne, hieratica, onde a côr da decoração dá uns leves tons de religiosidade. O trabalho de Julio Dantas é, quasi todo, feito de manhã. Levanta-se cedo e começa logo a trabalhar. Então, como a disposição é boa, escreve rapidamente, sem torturas nem difficuldades. Usa umas tiras de papel estreitissimas e tem uma curiosa letra symetrica e original. As suas provas não são muito torturadas. A tortura é toda no cerebro até que o verso ou a phrase estejam harmonicas e satisfaçam o seu espirito requintadamente artistico, de eleição. As vezes os seus versos são feitos na rua, andando. «N'essas occasiões, meu amigo, um encontro é um verdadeiro tormento.»

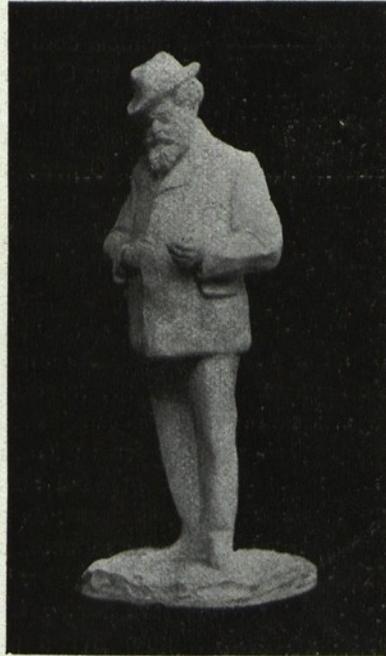
De toda a sua obra a que mais estima são *Os crucificados*, «essa peça tão mal comprehendida do publico e que eu retirei da scena, no dia seguinte ao da sua primeira representação». «Então escrevi a *Ceia* em seis dias. Tiham-me pedido um acto para a festa do Au-

gusto Rosa. Lembrei-me um dia, por essa occasião, de fazer dialogar tres cardeaes. Fui logo pedir a S. Luiz de Braga que me preparasse o scenario e mobilia para uma ceia no Vaticano. Dias depois entregava a *Ceia*, que agradou inteiramente.» Julio Dantas não fuma a não ser nas enfermarias, por hygiene. Trabalha actualmente em um estudo medico sobre as dynastias reinantes de Portugal, de que já tem publicado alguns excerptos. É um trabalho monumental, de largo alcance e bastante curiosidade e interesse. E, sabido isto, deixei trabalhando o auctor da *Severa* e d'*O que morreu de amor*.

Aqui tem o publico como trabalha o mais atacado, discutido e um dos mais apreciados homens de letras de Portugal

Quem entre nós não conhece D. João da

Camara, o adorado auctor dos *Velhos* e da *Rosa Engeitada*, o seu typo todo elle respirando despreocupação e bondade, a doçura do seu olhar e a sua falla arrastada e baixinha, falla de creança, e o seu corpo de athleta? Certamente que ninguem ha que o não conheça. Agora o seu methodo de trabalho é que ninguem lhe conhece. Como trabalha D. João da Camara? Isso é uma coisa que nem elle proprio saberá dizer. De qualquer maneira, a qualquer hora



D. JOÃO DA CAMARA
Estatueta de Silva Gouveia

e em qualquer parte. Os *Velhos* foram escriptos em tres jactos. Do 1.º para o 2.º acto medeou, sem lhe pegar, um intervalo de seis mezes. Depois recommçou-os novamente e do que ainda hoje se lembra foi que os acabou na noite de 20



D. JOÃO DA CAMARA
Caric. de R. Bordallo Pinheiro

para 21 de dezembro de 1892, ás 5 horas da manhã. E recorda-se porque foi o dia dos annos de um seu irmão que morreu pouco depois. A sua calligraphia é miudissima, como as contas de missanga. Os seus originaes não são torturados nem as suas provas estão sujeitas ao labor que as submete a maior parte dos intellectuaes. Tudo n'elle é simples, modesto e despretencioso. A falla, a pessoa e até, no seu grande valor, a propria obra.



GOMES LEAL

Caricatura de Francisco Valença — De *O Chinello* — 1902

Chega a vez aos poetas. O primeiro que abordámos é o revoltado da *Traição* e do *Hereje*, o artista bizarro e original das *Claridades do Sul*, dandy sempre, artista sempre e sempre *gentlemen* Gomes Leal. O poeta móra á rua da Bella Vista á Graça, uma rua solitaria, perdida n'um dos extremos da cidade. Anunciado, é o proprio Gomes Leal quem me apparece, estendendo-me a mão do limiar da porta. Uma sala modesta. Duas commodas estão inteiramente cobertas de livros, de revistas, de jornaes. E todos os dias aquelle montão de brochuras, se empilha, cresce e se avoluma. As gavetas estão inteiramente cheias de cartas, de versos, de brochuras, que rompem aggressivamente pelas frinchas entreabertas. Um canapé portuguezissimo a um lado e uma grande cadeira, para descanso, em frente. Ao fundo uma janella aberta perspectiva uma enfiada longa e longa de casaria branca, com vidros em que o sol rutila. E' a cidade. O poeta vê a cidade. D'ahi aquella maneira pittorescamente synthetica dos seus versos. Um mineiro não póde fallar do cosmos. O pensamento precisa de espaço. O horizonte é tudo.

As duas grandes paixões de Gomes Leal são as viagens e as flôres. Se Gomes Leal fosse rico vê-lo-hieis atravessar a Europa desdenhosamente, sempre sobrecaçado, o chapéu alto um tudo nada descahido, os bigodes kaiserescos, o cravo flammante na *boutonniere*, dandy-nante, em busca de remotos paizes, de exoticas floras, da polycromia de que a sua retina vive sedenta, de emanações exoticas, de perfumes, de bizarras estrondosas. Este homem teve por avatar algum philosopho grego ou algum Byron aventureiro. Iria á Terra Santa como Chateaubriand, aos valles do Nilo como Maxime du Camp e Flaubert. Mas isso é pouco. Iria a ilhas mysteriosas, a terras desconhecidas, sempre com a sua eterna flôr na lapella e os seus bigodes donjuanescos. Precisa de matizes raros, de bebidas bizarras, de scenarios principescos.

Habitualmente trabalha das 10 ás 4. A idéa amadurece no cerebro, a visão intensifica-se e completa-se. Uma bella hora, é preciso transladala ao papel. Ensimasma-se e essa transplantação faz-se. É uma hora de

ebriedade em que os sentidos vibram intensamente e o pensamento vac, como dizia o loiro Anthero :

«a galope, a galope á fantasia.
Armemos uma tenda em cada estrella.»

Para escrever um livro faz tres cadernos ou pastas. No primeiro, archiva as notas sobre a cor, apontamentos sobre a contextura geral, topicos a ferir; no segundo, a documentação propria, referencias, memorandum, excertos; finalmente no terceiro o que vac sendo distillado dos outros dois, versos já feitos que só esperam a sua inserção no volume. A *Historia de Jesus* foi escripta em 8 dias, em compensação só o plano do *Anti-Christo* levou sete annos a elaborar e um anno a escrever. É esta obra que de novo o prende, pois prepara uma nova edição refundida e augmentada que deverá sair em muito proximo. As suas provas são regularmente emendadas. Se ha paginas de manuscrito em que os versos vão sem uma emenda ha outras, em compensação, em que as emendas são mais que muitas e dão á pagina um aspecto curioso de hieroglifo cabalístico.

Os novos são vistos por Gomes Leal, como merecem: desapiedadamente. Da critica cita Bruno e um ou outro mais, e o publico é, na sua opinião, «uma creança malcreada que é preciso dirigir e educar».

As suas preferencias vão na poesia para João de Deus e Anthero; no romance para o Eça e Malheiro Dias. Sobre theatro diverge muito das opiniões contemporaneas. «A' parte as escolas e a critica que sobre ellas se possa fazer, eu reputo como escriptores dramaticos de merito os contemporaneos Julio Dantas, Lopes de Mendonça, D. João da Camara, e Eduardo Schwalbach, Malheiro Dias, no *Grande Cagliostro*, etc. Supponho porém que o drama moderno não attingiu ainda a sua perfeição nem mesmo com Dumas, filho, e Rostand, com G. Mendés e Ibsen.» E aqui

teem como trabalha o revoltado poeta, o sonhador bizarro do *Hereje*, da *Traição* e das *Claridades do Sul*. Mas, fallámos em flôres. Qual é a sua flôr favorita? «Eu sei! As flôres são como as creaturas. Ha tambem nas flôres uma hierarchia. Quem póde deixar de adorar uma d'essas rosas do Japão, avelludada, enlanguescida, aristocrata, soberana? A rosa chá é uma duqueza formosissima e decotada. Ah! a rosa chá, meu amigo! Mas eu tenho uma decidida predilecção pelo cravo rubro, o cravo sangue, estridoroso, flammante como uma bandeira desfraldada. O cravo petulante! A violeta é uma menina romantica. Ha violetas que sabem, de cor, versos inteiros de Soares de Passos. A camella é uma delambida. Não veste bem. Tem algo de uma burguezinha carnuda e affectada. Mas não desudoro na sua humildade o cucto silvestre e a flôr de lys.» É aquil está o que o meu querido poeta me disse das flôres.

Lembram-se de João Penha, o João Penha das *Rimas* e do *Vinho e Fel*, o mais espirituoso, o mais bohemio, o mais incorrigivel artista das gerações colmbrãs? Fallar d'elle é recordar as discussões no *Homem do gaz*, o vinho do *Conselheiro*, e o savel frito da *Tia Camella*, onde o Eça pagava a ceia sempre com um tostão em prata, mysterioso e fatal; é lembrar mil ditos, mil travessuras, mil partidas scintillantes que lhe deram o ducado no armorial da folla doirada e soberana. João



JOÃO PENHA

Para cantar.

Leve a briga das plumas.
Mas neste feio desterro
Pisa-me a tua lembrança
Como uma estatueta de ferro.

Minhas lagrimas no chão
Abriam duas covinhas,
Plantá lá duas gaudadas
Em sendo tuas são minhas.

Eugenio de Castro

AUTOGRAPHO DE EUGENIO DE CASTRO
Cedido expressamente para os SERGONS

Penha é a bohemia. Não se lembram do duello a versos com Guerra Junqueiro? Do mangericão curado com vinho? Pois é ler o artigo de Gonçalves Crespo sobre o

«Nervoso mestre, domador valente
Da rima e do soneto portuguez.»

É d'esse mesmo João Penha que se trata. Do João Penha de Coimbra, do João Penha a quem Camillo deu o foral de primeiro poeta e que é, já, quasi a figura lendária do espirito, da graça foliônica, e a evocação de uma Coimbra menos insulsa e mais florente que a Coimbra de hoje, e de uma bohemia que nunca mais voltará, nunca.

João Penha é hoje advogado em Braga. O seu formosissimo espirito ainda conserva a mocidade e os seus versos ainda são os do João Penha de outr'ora. Ainda usa o mesmo monoculo; o monoculo que o tornou temido nos tempos de Coimbra.

Quereis saber como o poeta trabalha? «Em toda a concepção artistica, ha a gestação da idéa, que tem sempre origem na observação quer do mundo exterior, quer do interior, e a producção propriamente dita. Para aquella não ha horas de trabalho, e é quasi inconscientemente que o feto se vae formando, até se achar em condições de sahir á luz. Aqui é que principia o verdadeiro trabalho artistico: *hoc opus hic labor est*. Para mim, esse trabalho é, e não é, laborioso, torturado.»

Trabalha de noite, n'uma das salas da sua casa, e «ahi, n'um silencio absoluto, lanço-me á obra, como um bull dog se filia á orelha d'um toiro recalcitrante, e não a largo senão depois de lhe ter dado uma forma toleravel. Já se vê que essa primeira fórma me não satisfaz, sendo ás vezes necessario duas ou tres operações successivas para que eu, severo, a julgue viavel. Durante esse trabalho, em que

não gesto nunca mais de duas horas, não fumo, não como, não bebo, nem, ainda em calores tropicales, um copo de agua, droga que detesto.

«Mais tarde, n'uma sala completamente solitaria, e depois de me assegurar que ninguém me pôde ouvir, recito a composição acabada, e vendo que ella resiste ao meu modo de recitar fico satisfeito e digo: *Pode seguir*. Depois de publical-a nunca mais a torno a ler.»

Enquanto ás suas preferencias litterarias João Penha quasi que não

as tem. Toda a leitura e todos os auctores, sem discrepancia de escolas, lhe servem, conquanto que sejam bons. No entanto, dos modernos, aprez-lhe a leitura de F. Goppée e de Sully Prudhomme e dos prosadores a de Anatole France, Marcel Prevost, Lavedan e Jean Lorrain, etc. Ha só um escriptor ante o qual o poeta confessa a sua admiração e o considera «cima de tudo, n'uma altura inacessivel». Esse, é Shakespeare.

Entre todos os seus livros o preferido é



EUGENIO DE CASTRO
No seu gabinete de trabalho

as *Novas Rimas*. João Penha ama a leitura a ponto de a considerar «a unica voluptuosidade duravel que existe sobre a terra». Nos seus tempos de Coimbra a sua vida passava-a ora a ler, ora em discussões infundaveis com os seus companheiros. Foi n'esse tempo que elle redigiu a *Folha* e que escreveu as *Rimas*. As *Rimas* foram escriptas a lapis, quasi sempre antes de comer, deitado de barriga para o ar, e soffreram varias alterações quando depois foram passadas a limpo.

Eugenio de Castro, o requintado artista, o lavrante apulxonado d'esse fino oiro que são os *Oaristos*, a *Constança* e o *Sagramôr*, vive em Coimbra, no Arco do Bispo. O retrato que acompanha estas linhas representa o poeta no seu gabinete de trabalho. É o Gil Vicente, o Gil Vicente ourives, o Gil Vicente lavrante, do verso portuguez. Ninguém como elle sabe levar a filigrana até no exagero nem irisar com tão exóticos pedrarias o manto decoral da fórma.

Como trabalha? Ouvi a sua confissão: «Não trabalho methodicamente. Tenho o que poderei chamar crises de producção, separadas por periodos de apparente ociosidade, durante os quaes não deixo porém de compôr, modificar e esmerilhar o plano de novas obras. Esses periodos de relativo descanso prolongam-se ás vezes excessivamente.

«Logo que me sinto favoravelmente disposto para trabalhar, isolo-me no meu escriptorio, furto-me a toda a convivencia e escrevo então com extrema facilidade seguida e vertiginosamente, de manhã, de tarde e á noite, sendo capaz de executar n'uma semana, o que aquelles que não me conhecem de perto julgarão obra de mezes.» Quanto a emendas «os meus manuscritos poucas naturas apresentam. Quando a penna emperra, largo a, ficando á espera d'uma hora mais feliz. A minha Musa não é uma Sabina violentada; é uma Diana, que entra pelo seu pé, muito voluntariamente, na gruta de Endymião.»

De todos os seus livros publicados o poeta prefere a *Constança* e como eu lhe pergun-

tasse em quanto tempo escreveu o *Sagramôr*, respondeu-me: «Em cinco mezes: de setembro de 1894 a fevereiro de 1895. Mas n'esse periodo fiz muitas outras coisas, entre ellas



AFONSO LOPES-VIEIRA
No seu gabinete de trabalho

algumas das composições que formam o volume *Salomé e outros poemas*, publicado em 1896.» Actualmente trabalha em um poema dramatico *O anel de Polycrates* e em um livro de versos lyricos *A Sombra do Quadrante* que já está no prélo. Fuma «como um turco» e considera o publico «como um monte de seixos onde por acaso se encontra algum diamante perdido». «Cada vez me parece mais verdadeiro o verso do Goethe: *Werke des geist's und der Kunst sind für den Pöbel meht da.*»

Os seus poetas predilectos são Camões, Castilho, João de Deus, Homero, Virgilio, Petrarca, Schelley, Goethe, Leopardi, Lamartine,

Vigny e Verlaine. Conforme a disposição e a hora em que os lê, assim a preferencia por este ou por aquelle poeta ou por este ou aquelle livro.

A minha ultima pergunta foi: O que é a arte? Tinha um vivo prazer em saber que definição, depois de tantas, Eugenio de Castro daria. A sua resposta, como verão, corresponde á minha expectativa. Ouvi-a: «Para mim, a Arte é o jardim do meu espirito, um jardiminho discreto, de vastas sombras, onde me refugio e esqueço a ouvir o passado na voz das fontes. A grade com que o cerquei vestiu-se toda de trepadeiras que dissimulam a hostillidade das lanças de ferro. O portão está sempre fechado, mas abre-se hospitaleiramente, logo que um amigo chega. E das flôres que lá houver, descoradas ou brilhantes, sempre esse amigo levará, ao partir, uma corôa ou um ramo.»

Affonso Lopes-Vieira, o auctor do *Encoberto* e do *Ar Livre*, esses livros de versos maravilhosos, trabalha habitualmente em S. Pedro de Muel, perto de Leiria. A sua casa dá para o mar, o mar immenso limitado pela orla do horizonte, visto que S. Pedro é uma linda praia desartificiosa e natural. O poeta, que é um contemplativo, ama o pôr do sol. O sol ao morrer leva consigo qualquer coisa de nós. E quando, sob as ondas, elle se vae lentamente afogando, uma vaga nostalgia envolve a terra. É o scenario artistico do crepusculo, quando desabrocha a flôr tristissima da Saudade. Duas são as grandes paixões que fóra do verso abraçam a alma do poeta. A musica e, como *sport*, a photographia. Por isso, ao poente, quando o sol n'um ultimo lampejo, lá ao longe, morre, illuminando a agua, deixa o seu estertor no album photographico do poeta.

O seu trabalho é por crises: gestação sempre longa, realisação sempre facil. Emenda pouquissimo. O original, quando entra na typographia, vae naturalmente sem alterações a fazer. O *Ar Livre* e o *Encoberto* foram escriptos em dois mezes. «N'esses periodos a absorpção é absoluta, e um artista é tão feliz quando os vive, que essa felicidade é já compensação bastante do seu trabalho.» Isto demonstra o contemplativo. A eterna belleza da arte deixa-o absorto. Elle vive para ella como para si mesmo. «Amo as viagens porque ellas preparam este estado de espirito: a quietação contemplativa. Considero o Drama musical na forma originaria e absoluta do theatro gre-

go a mais alta e religiosa criação dos homens. Nunca escrevo que não sinta como a minha arte, isolada, é incompleta. «Ella sonha com a irmã perdida», diz Shakespeare. «Se Orfeu mostrasse ás feras um livro impresso, ellas devoravam-no», diz Wagner. Admiro Wagner, poeta-filosofo-musico-dramaturgo resuscitador do theatro grego, e que, com Francisco de Assis, Spinoza, Shakespeare, Eschylo, Beethoven e Ruskin, — esse Christo da Belleza — são os espiritos supremos. «Mais saber, — para mais amar», digo com Vinci. A arte pertence regenerar o mundo pela belleza. Sem a belleza, que a natureza humana encerra e só a arte apprehende, isto seria ainda demasiado doloroso para a gente o poder aceitar.»

Já nós sabemos a sua grande predilecção pela poesia e pela musica.

Elle disse-me uma occasião: «Trabalho por necessidade de harmonia.» O poeta tem muitos e variados projectos de arte e prepara alguns livros para o publico, dos quaes o primeiro a apparecer será *Santo Apollo*. Affonso Lopes-Vieira tem na sua obra um livro de prosa, *Marques*. Isso levou-me a perguntar-lhe quaes os seus romancistas favoritos: Em resposta citou-me os nomes de Balzac, Zola, Dostofewski e Camillo.

O seu gabinete de trabalho, na sua casa da Costa do Castello em Lisboa, dá para o jardim que debruça sobre a cidade. É um amplo gabinete que as estantes da Bibliotheca circumtornam e revestem inteiramente. A sua bibliotheca é das mais completas que conheço. Os classicos são nas suas primitivas edições e a lista dos modernos pôde dizer-se completa. Ao todo 7 ou 8.000 volumes talvez. É ali que, como em cella de beneditino, o poeta trabalha e foi ali que envolvido no seu amplo roupão de trabalho, eu o procurei e elle me deu estas notas, fitando demoradamente o fumo azulado de uma cigarrilha, que n'uma columna tenue e voluptuosa se



espiralava e desfazia em caprichosos arabescos pelo ar.

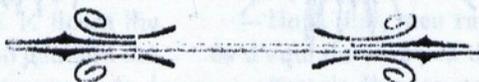
O sonho d'arte taciturnisa-o. O seu rosto mate é esphingico. Os seus olhos parecem perdidos no vago. Ordinariamente falla pouco. Tem no seu todo a vaga misanthropia «dos que passam entre turbas, solitarios». Se lhe fallarem de arte, transfigura-se. Ah! parece-me que o estou ouvindo uma noite em que ambos subiamos uma rua ladeiranta elle repetir, de-

pois de uma conversa em que a arte foi o costumado thema, o dito de Bakounine: «Tudo será destruido menos a nona symphonia de Beethoven.»

E a esphinge patenteava a labareda que a consumia.

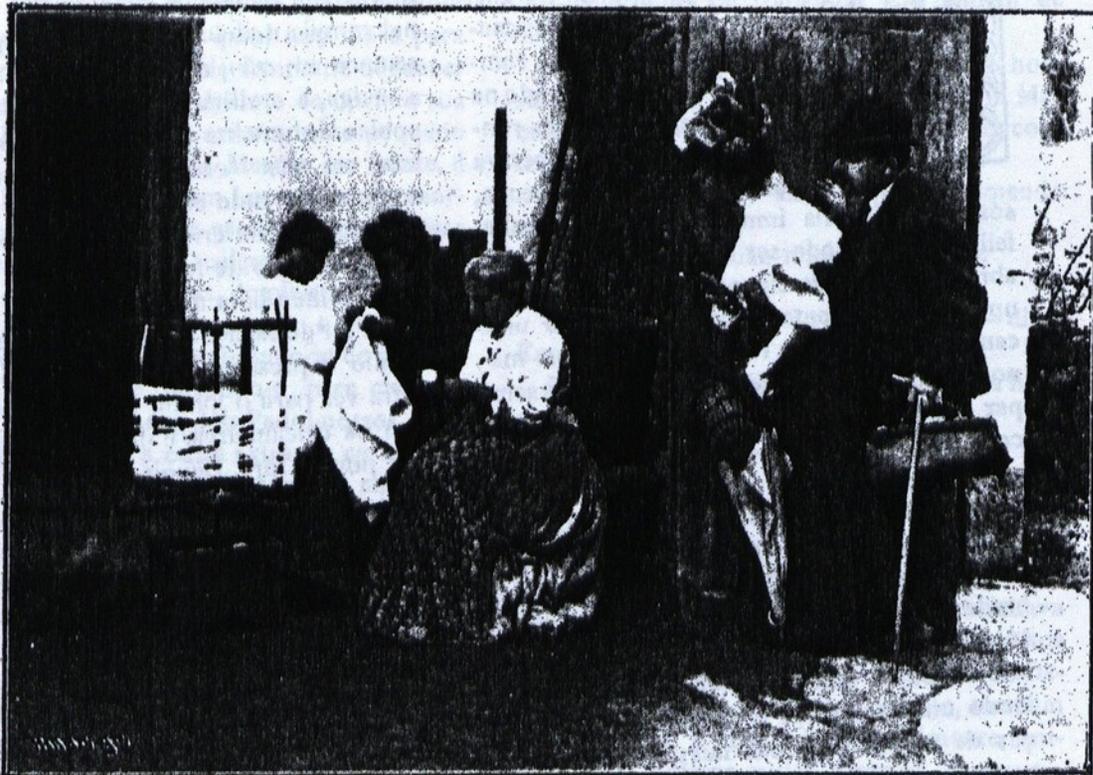
Aqui tem os leitores a resposta á pergunta que encabeça o artigo e a maneira como trabalham os nossos escriptores.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.



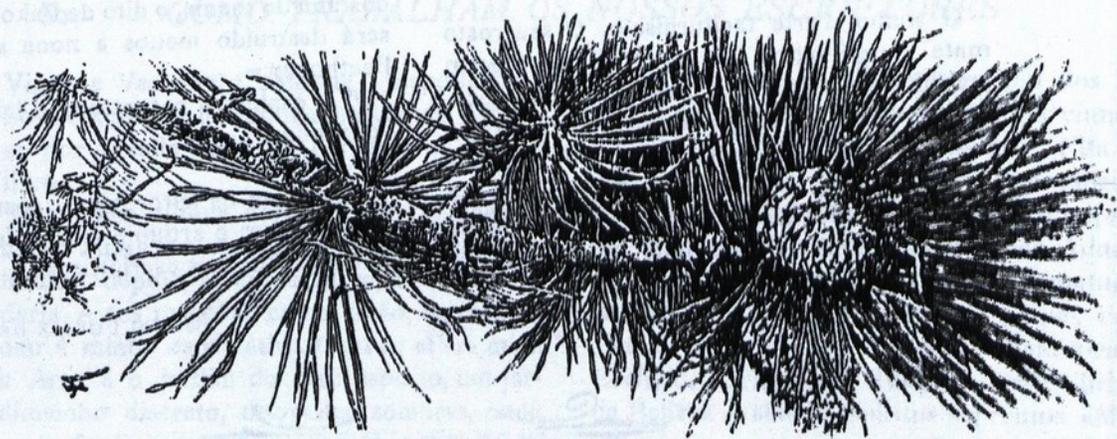
Terceiro concurso photographico

MENÇÃO HONROSA



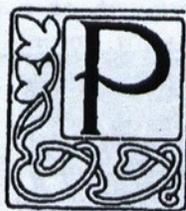
VISITA INESPERADA

Photographia do sr. Alves Junior



MIGUELA

I



ELA campina de além Burgos, á claridade difusa e encandeante que precede o romper d'iva, escarranchado na garupa de um jumento ronceiro, que nem projectava sombra nem fazia tropenda, sósinho n'aquella immensidade de Castella, feliz como o pode ser um rei, por um dia de abril, ha cousa de cincoenta annos, cavalgava um rapazote, cantarolando lá comsigo uma cantiga lamurienta e requebrada, em tom menor, que falava do Cid Campeador e da sempar Ximena. Moço era elle, e muito moço, e com um ar franzino — «gentil, imberbe e adorado,» — como d'um mancebo d'outras eras contava um velho chronista cortezão. Cobria-lhe a cabeça redonda e bem proporcionada um chapelorio de palha, muito velho e alquebrado; tinha a camisa — por signal bastante suja — aberta até á cintura, a larga *faja* escarlata enrolada umas doze vezes á cinta, entalando uma comprida e sinistra navalha; calças de algodão, pernas nuas, e pés escuros como uma casca de noz. Tudo quanto n'elle não era algodão enxovalhado ou panno vermelho, era cór de noz; mas o cabello era negro, e os olhos de um pardo claro, espertos, inquietos e atrevidos. Tinha as feições vigorosas e um sorriso que ás vezes lograva enfeitiçar. Era seu nome Esteban Vincas, e seu empenho urgente, aprazível e pio. Ia matar uma rapariga.

Enquanto cantava, vagueavam-lhe os olhos pela terra crestada de sol, e contentava o quanto via. Em remendos dispersos, a seara invernal rompia a gleba; com ella competiam, nem sempre em vão, o jolo e a sizania a grama e a ortiga, a ervilhaca da quadra linda e as papoulas da quadra vindoura. As oliveiras estavam em flôr — cada arvore em seu canteiro de estrume: tudo estava em regra. Deu-lhe de repente na vista errabunda um massiço de iris de um azulado de fumo; saltou do burro abaixo, e colheu uma mancheia.

— Flôr de espadana! disse elle comsigo, acollendo o presagio com uma risada; e pulou outra vez para o lombo do gericó, esporeou-o com os calcanhures, e de novo a poz a choutear por ali fóra. Depois reatou a cantiga:

«En batalla temerosa
Andaba el Cid castellano
Con Búcar, esse rey mouro,
Que contra el Cid ha llegado
A le guiar en Valencia...»

Pendurava a voz no final de cada verso, e inflava-se-lhe o coração com o pensamento de que a sua expedição egualava a dominante façanha do heroe.

Filho reprobado de um casal perfeitamente reprobado, ladrão de cavallo, ladrão de ovelhas, contrabandista, rufião, tudo quanto quizerem chamar-lhe, o que é certo é que, ao cantar, elle tinha um aspecto de seraphim e a voz de um anjo da Ascensão. E não admira. Não o lançavam duvidas, e capaz era elle de justificar todos os instantes da sua vida. Tinha os

maneiras de um *gentleman* e a moral de uma hyena — quer dizer, nem sombra d'ella. Não conhecia senão cousas elementares; conhecia a fome, a sede, a fadiga, a cubiça, o odio, o medo. Tinha medo da escuridão e de Jesus sacramentado — de nada mais. Nada lhe fazia saudades e nada o apiedava, pois que, quando chegava a sentir qualquer perda, acudia-lhe tambem logo naturalmente o odio de quem lh'a causava; e assim a maior uncia abafava a menor. Eis o motivo por que elle resolvera matar Miguela, porque fôra a sua requestada e porque o deixára. Tinha-o deixado ha tres dias, em plena feira de Polledo. E ficara-lhe por isso estragado o negocio; não ganhára um ceítim, porque tihna gastado o tempo todo á cata d'ella. Agora que já lhe sabia o paradeiro, apenas se demorara um dia para mandar afiar a navalha. Sabia perfeitamente onde ella estava, a que horas a encontraria, e com quem. Deus fôra bom para elle; a prova era a flôr da espadana.

Avistou n'esse momento um logarejo, e, como não pensasse em se afastar, não tardou que enfiasse pela rua, orlada de casebres de barro. Olhou para o oriente, para calcular o tempo. Ainda faltava quasi uma hora para romper o sol; tinha pois tempo de obedecer á invocação do sino rachado e de ouvir a sua missa. Deixou o burro amarrado no pequeno adro e entrou na igreja. Mesmo em frente, á porta, havia uma imagem horrenda: um enorme Christo de madeira escura, com madeixas de crina negra, no qual realçavam orbitas brancas e chagas vermelhas, dominava, pendente de uma cruz. Esteban dobrou o joelho em frente do crucifixo, e, lembrando-se do chapéu, deixou-o descahir puxando-o para cima da orelha. Resou os seus dois Padre-nossos, e em seguida procedeu a outra extranha cerimonia. Sacou da cinta a comprida navalha, abriu-a e estendeu-a em frente do crucifixo, fitou os olhos no divino martyr, e resou-lhe mais um Padre-nosso. Feito isto e recolhida a navalha, foi ajoelhar mais adiante, no chão, entre mulheres de lenço na cabeça e alguns mendigos de idade provecta, e tapou os olhos, espreitando ora o celebrante, ora a mais meça das mulheres, conforme lh'o determinava a campuinha do acolyto.

Finda a missa, o nosso juvenil vingador preparou-se para proseguir na sua jornada, quebrando o jejum. Bastou-lhe um naco de pão e uma mancheia de holotas, que elle enguliu

sentado nos degraus da igreja, examinando as mulheres á medida que ellas se encaminhavam pachorrentamente para casa. Deu-lhe no go-to uma d'ellas, desempenada e esbelta, com uma flôr nos cabellos, á laia das andaluzas. O rapaz nunca tinha postó pé na Andaluzia, mas estava convencido de que ali as mulheres eram lindas. Que maviosa palavra, Andaluzia! E demais, porque é que as mulheres usavam flôres no cabello senão para arrostarem com a admiração dos homens? N'este momento sahia o sacerdote, gorducho, bochechudo, unctuoso, offegante, mas de aspecto allivel.

— Bons dias, meu rapaz — disse elle. — Não és d'aqui do sitio; és do norte?

— Sou de Burgos, sr. cura.

Era mentira.

— Ah! sim! de Burgos? Bella cidade, grande cidade!

— Tal qual, sr. cura. Foi lá que enterraram o grande Cid Campeador.

— Assim dizem. Vejo que és letrado. E madrugador.

— Sim, sr. cura. Tive que madrugar. Ainda vou lá para o sul.

— Á procura de trabalho? És homem de bem, não é assim?

— Sim, senhor, tudo o que ha de mais honrado e christão — respondeu Esteban. — Mas não ando á procura de trabalho. Já o encontrei.

— Ainda bem! — disse o padre, tomando uma pitada.

Acenou com a mão n'um gesto vago.

— Vae com Deus.

— Aos pés de Vossa Reverendissima — disse Esteban. — Adios.

Ao todo, demorara-se no povoado uma hora e um quarto; demora importante.

II

Cousa de tres ou quatro leguas na deanteira d'elle, mas convergindo para o mesmo centro áquella distancia do nosso amigo, caminhava um inglez ainda moço, abastado, de habitos independentes e genio alegre. Chamava-se Osmund Manvers. Ia tambem a cavallo, tambem cantarolando, e madrugara igualmente, embora por motivos muito diversos. O seu cavallo era menos mau, e levava um alforge razoavelmente provido. Tinha uma camisa limpa no corpo e mais outra emmalada, um par de pistolas, um Novo Testamento e um *Don*

Quixote, calções de cotim branco, botas altas, jaquetão de flanela, e um chapéu de palha que nem era pittoresco, nem commodo, nem luxuoso. Mal se harmonisaria com a rudeza da paisagem, se acaso não se mostrasse tanto á vontade no meio d'ella como o proprio Esteban. Havia comtudo mais uma differença a notar; ao passo que Esteban parecia pertencer á terra, a terra é que parecia pertencor a Manver — a terra de Hespanha, com toda a sua vastidão incommensuravel, a amplidão enorme do territorio e a abobada enorme do ceu. Podia tomar-se por um juvenil proprietario no meio das suas terras, a miral-as a eito, um dos olhos na lavoura, outro no passaredo ou n'uma lebre a correr por entre as leiras. Uma vez por outra assobiava, mas tornava logo a cantarolar, n'uma voz porventura mais prazenteira que melodiosa, uma canção na sua lingua:

«Se eu tanto me queixo d'ella,
Que importa que seja bella?»

Não era velha a canção. Compozera a musica Henry Chorley no verão anterior áquelle em que Manvers sahira de Inglaterra, e a este tinham-lhe dado no goto tanto a toda como o sentido. Condiziam com a sua índole zombeteira, e ajudavam a cicatrizar a ferida que no coração lhe abrira Miss Eleanor Vernon, com os seus olhares de desdem. «Se eu tanto me queixo d'ella...» Estava claro! Se Eleanor Vernon lhe dava razões de queixa, que a levasse a breca e «que importa que seja bella?»

Osmund Manvers era um rapaz de aspecto agradável, de tez sanguinea, olhos pardos, com uma especie de sorriso torcido que não deixava de ser attrahente. Tinha as feições irregulares, mas um ar saudavel; era inconstante de génio, umas vezes condescendente, outras de uma teimosia inexplicavel; impetuoso e impulsivo, nunca o largava comtudo o seu sorrisinho obliquo, e a barba leve que elle deixara crescer desde que sahira de Inglaterra permitia suppôr-se que elle tivesse o queixo menos anguloso do que realmente era. Creio que a sua estatura devia exceder a mediana e que era homem vigoroso. O certo é que era nadador exímio e dado a exercicios physicos. Tinha um rendimento muito razoavel, que lhe provinha de terras no Somersethire, e d'elle viviam na abastança sua mãe viuva e duas irmãs solteiras. Curado das feridas do

coração pelas viagens, andava agora a viajar por prazer, ou, como elle declarou, para fugir do seu parochio. Por esta polida periphraze alludia elle ás suas obrigações para com a egreja e o estado no Somersetsshire.

Ás seis horas d'esta bella manhã de abril já elle se tinha fartado de cavalgar. Vinha nem mais nem menos que de Sahugun, onde tinha consumido uns tres ou quatro dias de ociosidade, a espreguiçar-se e a envaquear com os habitantes. Tinha uma certa popularidade entre elles, por ser perfeitamente simples; nunca perguntava o que não se importava de saber, e nunca recusava responder, quando evidentemente precisavam de resposta sua. Mas não pode viver a dar á turmella sobre bagagem, e assim como n'um momento de impulso lhe dera para mundriar um pedaço em Sahugun, da mesma forma de lá sahio

— Esta agora! exclamou elle, ao saer-guer-se na estrada — que diabo estou eu a fazer aqui? Nada, pela palavra toda. Foca a salar!

E sahio-se, sem esperar sequer pelo almoço. Pôz o cavallo a trote, com vontade de se adeantar no caminho antes de cair o calor, e tamhem porque lhe apetecia andar depressa; mas por volta das seis horas, já com uma hora de sol acima do horizonte, não desgostou de avistar uns companheiros e o telhado de uma egreja, e de ouvir ao longe as badaladas clangorosas e graves de um sino.

— O muezzin está chamando pelos fiéis — reflectiu elle — mas eu cá é outro sino que desejo ouvir. Aquella terra deve ser Palencia. Vou lá almoçar, se Deus quizer.

Era com effeito Palencia, povoação assaz pretenciosa, se tal palavra se pode applicar a cousas de Hespanha, as quaes são o que são, e nada mais. Era desalinhada como a paisagem, como ella desataviada e austera; mas tinha um guarda atarracado e gordo á colheita dos direitos da alfandega, cousa que não existia em Sahugun; e em frente d'elle uma enfiada de camponezes, conforme o costume, regateando o imposto da hortaliça e de criação. Á chegada do cavalleiro o funcionario levantou-se, cumprimentou, e com o olhar puchorrento interrogou-o sobre o que levava, sujeito a imposto.

— Uma camisa — respondeu Manvers, pondo a mão na mala — o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, a incrível historia de Don Quixote de la Mancha, uma escova de dentes, e um pente.

Parecia dirigir-se, em soffrivel castelhano, a um fidalgo castelhano de alta estirpe: assim o suppoz pelo menos o guarda; mas o seu sorriso de esguelha queremos crer que lhe grangeou a entrada. O guarda ergueu ao de leve a barretina.

— Vá com Deus, senhor.

— Irei — disse Manvers — mas tenha a bondade de me ensinar o caminho da estalagem.

Nomearam-lhe e apontaram-lhe a Providencia, que elle encontrou sem custo. No pateo estava um velhote a depennar uma gallinha viva, barbaridade estar contra a qual o nosso viajante já de ha muito deixava de insurgir-se.

— Faça alto n'essa horrenda tarefa, tiosinho — disse elle — pegue-me no cavallo e dê-lhe de comer.

A gallinha solta sacudiu por torça de habito aquillo que de todo ou parcialmente deixara de existir, e lá foi juntar-se ás companheiras. E viu-se logo que estava tão capaz de depenicar como os outros de a depennarem.

— Ora agora — disse Manvers ao estalajeiro, se é que era elle — dê a este cavallo meia ração de cevada, depois agua, e depois outra meia ração; mas veja lá não lhe dê nada enquanto elle não arrefecer. Faça isto tudo, e apanha uma peseta. Não faça o que lhe digo, e não apanha nada. Esta ajustado?

— Vossa Excellencia é que perde no ajuste, porque a vantagem é toda minha.

— Veremos — disse Manvers.

E entrou na Providencia para engulir o seu almoço de ovos fritos em azeite, iscas de figado, e vinho palhete.

III

Uma refeição, para a qual o freguez dera uma excellente e o estabelecimento uma pessima contribuição de espirito, segundo o zombeteiro commentario do proprio, seguida por um passeio pelas ruas assoalhadas da cidade, a qual nada apresentava de notavel senão uns restos de alvenaria romana, uma ponte e uma cathedral gothica verdadeiramente barbara, decidiu o moço inglez a affrontar o calor em vez de ficar para allí aborrecido. Se o mappa não mentia, d'ahi a legua e meia, seguindo pela estrada de Val'adolid, descobria-se um extenso sobral, e para além d'elle, na orla sudoeste, ficava o deleitoso rio Pisuerga. Ahi poderia tomar o seu banho, passar as horas de

maior calma, e comer a sua merenda, a melhor que Palencia lhe podia fornecer:

— *Muera Marta, muera harta.*

O inglez tinha o *Don Quixote* na ponta da lingua, conhecia-o melhor que a maioria dos hespanhoes.

Abasteceu a mala de pão, presunto, chouriço, vinho e laranjas; mandou aprestar o cavallo; verificou que o ancião depennador de gallinhas ganhara honradamente a gorgeta; e pôz-se a caminho com todo o seu vagar. Logo fora de portas succedeu-lhe uma aventura que lhe deu que entender até ao fim da presente narrativa, e mesmo depois d'ella.

A Porta do Sol — qual é cidade de Hespanha que não possua uma porta d'estas? — não é rigorosamente uma porta, mas um portal. As muralhas, a que elle em tempos daria entrada, ruiram na lucta com o tempo. Só uns escombros de contrafortes, uns montões de caliza, uns apagados delineamentos de um fôssco, e um acervo de entulho, denunciavam as antigas pretensões. Da banda de fora havia um trecho de charneca chamado a Alameda, espaço desalinhado e juncado de herva verde-negra, lixo e calhaus, ladeiada de acacias requemadas, e ondulada de cabeços, sobre os quaes, em idos tempos de guerra, se teriam arvorado estandartes, assestado catapultas, e por ventura algum canhão napoleonico. Foi n'um d'estes cabeços, assombreado por uma arvore, mesmo entado no seu caminho, que Manvers observou, estacando até para observar, os movimentos de um grupo de individuos, uns sete, entre rapagões e garotos, em volta de uma rapariga. Parecia estar-se travando uma especie de amoroso torneio camponio, ou porventura antes ameaçar-se um galanteio á força: o inglez viu uma Circe da Hespanha picaresca com a sua jolda de satyros á roda. Para lhes escapar aos impetos, a rapariga tinha-se sentado no cimo do moucho, e sitiavam-na meia duzia de maltrapihos em varios graus de encantamento erotico.

Não distinguu bem se ella era bonita ou feia, e muito menos se era creatura decente ou não. O que elle lhe viu foi, desgrenhado e cahido sobre os hombros, o cabello, cuja cõr era um dourado fôscico; percebeu que estava descalça; afigurou-se-lhe uma gandaeira requemada do sol, d'aquellas que todos os dias se encontram pelas feiras, saracoteando-se em frente de uma barraca, de corpete encarnado e lantejoulas, uma rapariguita sem eira nem

beira, tal qual uma bolha iridescente que vem á superficie de um pantano, quasi igual a ella no delicado e no ephemero, igual de todo no mephitico. Ao observal-a, occorreu-lhe o pensar no sem numero d'estas creaturas de um dia, predestinadas á miseria; como ellas apparecem só para peccar, carpir e desaparecer de novo, com almas dignas de salvaçãõ, mas que ninguem é capaz de salvar, e corpos que aneiam por ser amados, mas a cujo amor ninguem se rebaixa. Pois o alvo da nossa Redempçãõ não abrangeria acaso ninharias d'estas, de envolta com Santa Thereza, e a Rainha de Sabá, e mais Catharina a Grande, e mais Ma-non Lescaut? Ociosas perguntas que ao seu espirito se offereceram, sem saber porque.

Estavam descarrapuçados, sem sapatos, em mangas de cumisa, os malandrins que cercavam o objecto d'estas lucubrações; uns estirados da barriga para baixo, com o quixo apoiado nos punhos; outros, de peor indole, a arrastarem-se pelo chão, ás fosquinhas, puxando pelos cabellos da rapariga e agachando-se ao minimo palpito de que ella voltasse a cabeça; outros ainda, ucorados mais longe, atirando lhe graças pesadas. E um d'elles, sentado um pouco acima d'ella, sobre os calcunhares, tinha taes ou quaes ademanes de proprietario; porque não fazia senão vigial-os e mantinha sobre os outros dominio bastante para evitar qualquer acto que se lhe afigurasse infracção dos seus proprios direitos. Mariolão soturno e estúpido, foi o que elle pareceu a Manvers; um brutamontes espadaúdo, de maus figados, rufião por herança que devia acabar nas galés.

— Que historia é aquella? — perguntou a si mesmo o inglez — Querem ver que não é mais do que o caso de Circe com os seus cerdos tributarios? Ou talvez uma captura de satyros, o preliminar de algum attentado horrendo? Não me agrada, vamos haver em que isto para.

Estava fora de alcance da vista, atraz da orla extrema do arvoredõ. Percebeu que a rapariga estava sentada a scismar, resignando-se ou, para melhor dizer, sem fazer caso das grosseiras attenções de que era alvo; como se tivesse o pensamento em cousas mais graves, fome ou sede, por exemplo, com os cotovelos fincados aos joelhos e a cabeça pousada nas mãos. Era essa, sabia-o elle, a attitude caracteristica da rascõa. Tinha uma flôr na boca, ou pelo menos assim parecia, a julgar pela

mancha vermelha que de longe realçava; o rosto estava voltado de chapa para a cidade.

Julgou Manvers a começo que ella o tivesse visto, mas a elle pouco se lhe dava d'isso. Não lhe despertava ella particular interesse; o que lhe importava era observar os ademanes d'aquella malta que á roda se agglomerava. Que ademanes! O inglez tinha corrido mundo, e não se podia furtar ao confronto da Italia, por exemplo, e esta rude terra de Hespanha. Em que sitio d'aquella peninsula, a não ser em Napoles, se presenciaria uma scena como aquella? E qual é o povo, á excepção dos hespanhoes, entre as raças latinas, tão seguro e convicto do senhorio da terra, que trata mulheres, prisioneiros, muares, judeus e touros, ao sabor dos seus caprichos e appetites, sem dó nem vergonha? Fazer gula no dominio sobre uma mulher ou no desprezo por ella, é cousa que seria incrível n'um italiano; mas, pensando bem, reputar-se-hiu natural n'um hespanhol. Não existe outro paiz na Europa em que se possam perpetrar actos mais grosseiramente cruéis ou mais cruelmente grosseiros; e nenhum em que elles se executem com tal ar de franqueza e serenidade que chega a despojal-os de quasi toda a villania.

Meditando n'estas cousas, foi Manvers assistindo á sua realisacão; viu o malandrim que estava sobranceiro á rapariga pôr-lhe a mão em cima sem a tirar depois, como em acto de tomar posse, que os outros reconheceram recuando e pondo termo ás gaiatadas. Isto pareceu odioso a Manvers. Sentiu ferver-lhe o sangue e surpreheendeu-se a resmungar pragas:

— Raios o partam! A minha vontade... Que patife!

Mas deixou-se ficar quieto, visto que a rapariga tambem assim estava, sem se mecher, sem parecer até que desse por tal.

Animado pela sua passividade, o camponio foi-se adeantando devagar, mas a olhos vistos. Fazia esgares de entendimento aos subordinados, murmurava segredinhos ao ouvido da rapariga, assobiava modilhos sentimentaes, divertia a sucia com cantigas apimentadas. Até que afinal, tomando atrevimento ou impulsivado por uma onda de cobiça, agarrou-a pela cintura e heifou-lhe o pescoço. Então, de repente, ella pareceu despertar; teve um arriplo e como que volveu á consciencia. Sem mais tirte nem guarte, desvencilhou-se do seu perseguidor, e assentou-lhe um valente socco

a um dos lados do nariz. O rapagão recuou aos tropeções e o sangue espadanou por cima d'elle. Travou-se immediatamente uma briga, a mais desigual, a mais abominavel que se pode imaginar; porque os patifões, todos á uma, cahiram sobre o recente objecto dos seus galanteios, ao murro, á pedrada, com pragas horrendas e injurias em barda. Como ella conseguiu pôr-se em pé e aguentar-se, é que não se explica. Batia-se como uma possessa, e não desperdiçava o alento em escusadas vozes. Tudo quanto fazia era em silencio e com desespero.

Um minuto d'esta lucta — e nem tanto ella duraria — era mais que sufficiente para Manvers, o qual, já senhor de si, deitou a galope para o meio da desordem e desatou á chicotada para uma banda e outra.

— Perros! cachorros! filhos de Judas! safardanas! Abaixo as patas!

O castelhano do inglez era fluente, supposto que imaginativo, mas o que era indiscutivel era a sua esgrima de chicote.

— Apanha! — gritava elle, retalhando o cráneo de um — Toma tu! — e lá ficava outro desazado de um braço.

E assim ia acompanhando o texto de commentarios.

O principal promotor d'estes successos fôra postar-se, muito antes de elles acabarem, no cimo do outeiro, onde juntamente com os outros, desmascarou sobre o assaltante uma bateria de pedradas. Teve de ser desalojado, com grande contrariedade do cavallo de Manvers, natural de Oviedo, já farto e refarto de conhecer o effeito das pedras, visto que em Hespanha poupa-se o chicote em favor da arma mais vulgar. Mas o certo é que o mariola foi desalojado, e mais a sua escolta; no entanto, como não faltavam eminencias nem escassejavam pedras, o tiroteio continuou de mais longe, pelo seguro, e os atiradores continuaram a mostrar-se eximios.

Entremettes, a rapariga estava estiraçada a gemer, com os braços estendidos, a perna direita contundida. Da orelha escorria sangue.

IV

Manvers, ainda debaixo de fogo, desmontou com a maior serenidade que lhe foi possível, e puxou pelo cavallo afim de o abrigar das pedradas.

— Vamos lá! disse elle, curvando-se para

lhe tocar. — Tenho de te tirar d'aqui para fóra bem, vês. O bemaventurado Santo Estevam é quem tirou privilegio d'este meio de subir ao ceu. Nós ambos já viemos tarde.

Sem mais ceremonias, levantou-a, como se ella fosse um manequim de modista e pôl-a de pé, até que, depois de umas vacillações e de uns balanços de mãos, ella conseguiu firmar-se, ficando estarrecida e de olhos vagos.

— Cobra animo, menina — disse elle, agarrando-a pelo braço. — És capaz de te aguentar em cima do cavallo?

Ella acenou que sim com a cabeça.

— Então leva arriba!

E fez menção de a levantar; ella, porém, afastou-o com o braço inteiriçado, enxugou o rosto com a aba da saia, e compoz um pouco o desalinho do traje. Fez isto com todo o methodo e perfeição, com mãos habituadas a longa pratica, como uma actriz nos bastidores, prestes a entrar em scena. Não quiz consentir que elle lhe tocasse emquanto não tivesse tudo em ordem — o cabello esgrouviado, a gola do corpete, o folho rasgado da saia. Feito isto, deixou que elle a puzesse na sella, onde se escarranchou com a naturalidade de uma mulher de circo.

Era bonita, de uma belleza picante e um pouco barbara, mas muito franzina, uma creança na apparencia em que mal se distinguiam formas de mulher. Com aquella juba de ouro fosco, a tez requemada, os labios de escarlata vivo, avelados e luzidios, os olhos verde-mar, graves e brilhantes, a cachopa, logo elle percebeu, era um contrapeso embaraçoso á sua bagagem. N'aquelles olhos transparecia um saber em extremo variado, e extensas de sobra eram as manhas que davam luzimento áquelles labios; era espertinada demais para o lavrador de Somerset. Todavia, o certo era que elle não a podia deixar alli para ser apedrejada, nem elle proprio se sentia com ancias de proseguir o martyrio; não havia remedio senão perder o dia em Palencia.

Mas quando elle lhe virou a cara para essa banda, ella desatou a implorar o com grande vehemencia.

— Isso é que não, caballero, supplico-lhe, isso é que nunca! Antes ficar aqui... Pelo amor de Deus! — disse ella, barafustando por desmontar.

As pedras continuavam a voar, já duas tinham acertado em Manvers, o qual começava a perder a paciencia.

— Raios partam as pedras! E tu não te faças tola, rapariga! — e deu-lhe um empurrão nos joelhos para a aguentar na sella. — Que diabo de historia é essa com a cidade?

— É assim mesmo — explicou ella. — Cá fóra posso eu morrer; mas em Palencia é que não.

Abanou a cabeça, baixou a vista para a mão que a segurava.

— Não me é permittido.

Disse isto em voz tão grave e triste, com tão impressionante sinceridade e tão firme convicção, que Manvers não achou que responder.

— Valha-me Deus! — disse elle. — Com que então, não podes? . Bem! n'esse caso, levo-te para o primeiro convento que toparmos, entendes?

Ella fez um aceno affirmativo, sem olhar para elle.

— Para onde o senhor quizer — replicou.

Elle endireitou a pacifica cavalgadura para o sul, trepou para a garupa, e mettu a passo travado.

Como visse a cachopa mais de uma vez vacillar na sella, achou conveniente fazer uma paragem, dar-lhe uma gotta de vinho, e obrigal-a a comer um bocado de pão do seu farnel. Estes cuidados alentaram-na, e, amparada pelo braço d'elle, achou-se em estado de seguir ávante. Mas o sol já estava agora a meio caminho do meridiano dardejando sobre elles de um ceu sem nuvens; não havia viração e as moscas eram de endoidecer. A rapariga deixou pender a cabeça, como uma flôr colhida prestes a murchar. O calor subia em ondas dos torrões da gleba, e ella para a terra se inclinou de esguelha e começou outra vez a desfallecer. Elle percebeu que era impossivel expol-a mais tempo, de cabeça descoberta, á torreira percuciente do sol. Obrigou-a a beber mais uma pinga de vinho, e depois deu-lhe o lenço para ella se cobrir. N'isto, ao comprehender para que servia o lenço, ella desatou a rir pela primeira vez; e tendo-o posto por forma que lhe encapuzava o rosto e lhe ficava a matar, encarou com elle como a pedir-lhe approvação, achou-a nos seus olhos, e sorriu.

— Vejo que vae indo melhor, pequena — disse elle com os seus botões — e vejo tambem que és uma rapariga de mão cheia. Tenho tentações de te beijar, confesso, e por isso mesmo é que estou morto por me ver livre de ti.

«Se eu tanto me queixo d'ella...» Nada, nada. Manvers era um rapaz muito ajuizado no seu modo de proceder. Em todo o caso, estabeleceu-se entre os dois uma tal ou qual familiaridade. Mais de uma vez ella se virou para elle, a rir sem sombras de desagrado; e mais de uma vez elle respondeu com o seu ao riso d'ella.

Em frente de si, atravez da tremulina do ar aquecido, via elle agora a orla escura do bosque, o chaparral para onde se dirigia, e que occultava o rio a seus cansados olhos. Nunca um peregrino estropeado, errabundo no Sahará, saudou com mais cordial acção de graças o seu oasis; mas ainda lhe faltava legua e meia de caminho. Apressando a andadura, o inglez presentiu atraz de si um viajante, não pelo ouvido, porque um jumento não faz barulho, mas pela impressão extranha que todos nós experimentamos quando não estamos sós. Olhou para traz, e viu um burro com o seu cavalleiro que lhe vinha vivamente na peugada. E quando olhou, a rapariga voltou egualmente a cabeça e os hombros e olhou tambem. Immediatamente ella roteizou-se sob o seu braço e voltou vagarosamente á posição primitiva. Não disse palavra, mas elle sentiu-a tremer.

V

— Salve-o Deus! — disse Esteban.

Era elle que, bem assente na garupa do asno, com os olhos excessivamente brilhantes e os dentes jovialmente arreganhados, se enfileirava agora com a cavalgadura sobrecarregada de Manvers.

O inglez baixou a vista para elle e teve a impressão de um typo extravagante, mas não lhe passou pela cabeça indagar o conceito que Esteban fazia da sua pessoa, porque a jactancia não entrava no numero dos seus vicios. Se levasse em sua companhia um arcebispo, ou uma dama loureira, ou uma duqueza, deveria suppôr-se haver allí combinação; mas que tinha com isso um qualquer Esteban montado n'um burro? Não reparou tambem que a rapariga estava agora meio levantada na sella, com todos os musculos distendidos, rigida como a amarra de um navio virado á maré; e que tinha a cara pertinazmente perfilada com o recém-chegado.

— Bom dia, bom dia — foi a resposta do inglez. — A sua montada vae leve e a minha vae

pesada; se assim não osse, não nos teria vossê alcançado.

Esteban mostrou os dentes brancos e acenou com a mão para o largo.

— Isso quem sabe, senhor!

— Ora essa! — disse Manvers. — Sei eu, por exemplo.

Esteban encolheu ligeiramente os hombros.

— Nas estradas ha uma providencia — disse elle — e um santo patrono dos viajantes. E o que é certo — acrescentou — é que *a cada puero viene su San Martin*, e isso acontece no mundo todo.

Um tremor percorreu o corpo da rapariga. Manvers, de ordinario pouco observador d'estas cousas, fez reparo n'isso.

O seu proverbio quer-me parecer que vem fora de proposito.

Esteban deu uma gargalhadinha

— Nem por isso, se me dá licença. Era por assim dizer uma imagem, a respeito dos decretos da Providencia. Podia ser sorte sua! — me sempre na dianteira; tudo concorria a seu favor. Por outro lado, visto que assim não succedeu, é que era sorte minha alcançal-o.

— Vossê tem seus geitos de philosopho — redarguiu Manvers — e falla como um livro. Estimo muito tel-o por companheiro, pelo menos emquanto coincidirem os nossos destinos.

Esteban ergueu o sombrero.

— O que eu desejo é que a sua senhora não se incomode com a minha companhia; porque, para fallar franco, a minha ideia é gozar da sua emquanto fôr do seu agrado e do d'ella. Eu cá sou muito dado á convivencia.

— Ella que falle por si — disse Manvers.

Mas a rapariga não disse palavra; e os tres seguiram algũ tempo em silencio, ampliado ainda pelo tropear das cavalgadas, interrompido apenas uma que outra vez pelas pragas com que o inglez enxotava as moscas. E finalmente penetraram no chaparral, e Manvers deu graças a Deus pela sombra e pela perspectiva da comida e de um somno regalado.

A floresta começava a medo, com urzes, arvoredos esparsas, massiços de silva e de tojo; e logo a principio tinha um carreiro que parecia tomar a direcção que o nosso viajante escolhera. Seguiu-o pois sem hesitar, até perceber que o levava, tanto quanto a um trilho era possível, pelos sitios mais descobertos do bosque. Quando viu a cada banda as apetecidas espessuras, fundos e numerosos tunneis livres

dos golpes solares, internou-se pelo terreno não trilhado. Finalmente, chegado que foi ao que se lhe afigurou o anciado rincão, estacou.

— Agora, menina — disse elle — vou dar-te de comer e de beber, e depois dormes um somno, que eu farei o mesmo; em seguida, veremos qual o melhor destino a dar-te. Que dizes a isto?

— *Si, señor caballero* — disse ella n'um murmuro.

Manvers desmontou e estendeu-lhe os braços. Ella deixou se cahir, leve como uma penna ao cahir na agua, e modesta a mais não ser. Já não se descortinavam sombras de garri-dice; mal levantava os olhos.

Esteban parou o jumento, olhando gravemente para os companheiros, piscando os olhos espertos, rosnando uma cantiga requebrada. Estava perfeitamente á vontade, sem parecer que se considerasse importuno, e examinava tudo com escrupulosa attenção. Absorveu-se todo nos preparativos que Manvers estava fazendo para a refeição, com a mestria e o expediente de um pratico em acampamentos. Sacou do farnel presunto e chouriço, pão alvo, laranjas, queijo, tamaras, vinho com agua, sal, azeitonas, uma faca e um garfo, um prato de folha. Todos os objectos estavam embrulhados no seu papel, e muitos marcados a lapis. Dispoz-se tudo sobre uma manta, a qual se estendera evitando cautelosamente os formigueiros; parecia que nada faltava, e Esteban estava com uma fome desesperadora. Mas o inglez olhava para as mãos e dava ares de pouco satisfeito. Até que por fim alçou os olhos para Esteban que continuava embasbacado, e perguntou:

— A que distancia calcula que se pode encontrar agua?

— Agua? O rapazote poz-se a scismar. Agua? Fez um aceno de cabeça para a manta.

— Tem-n'a ahí á mão de semear, caballero. Aquella bilha palpita-me que tem agua.

— Lá isso tem — concordou Manvers. — Mas é que eu preciso mais. O que eu preciso é tomar um banho. Vou ver se encontro essa unciada ribeira.

É voltou-se para a cachopa:

— Senta-te, pequena, e come o que te apetece.

Ella mostrava-lhe agora uma physionomia de extremo terror; tão desmaiados lhe pareciam os olhos verde-mar, que o rosto assumira uma rigidez de mascara.

— Que demonio?...

E elle ouviu a resposta que se coava pela garganta resequida:

— Deixe-me ir, deixe-me ir tambem. Não quero largal-o mais.

— Que demonio?...

Com effeito! O inglez estava pasmado de a ver, desorientada de terror. Tinha uma das mãos a remecher no seio; o outro braço estava rigido, com a mão enclavinhada. Quando a abriu, via-se-lhe sangue na palma. Que demonio?... Com effeito! Depois, Manvers deu com os olhos em Esteban, que arreganhava a dentuça como um cão de fila. E foi o hespanhol quem primeiro falou.

— Creio que ella tem razão, senhor. Com o caballero é que ella devia ir — disse elle jovialmente; e acrescentou — Quem tem a perder sou eu.

Manvers olhou alternadamente para as duas cüriosas personagens, que sem duvida tratavam de evitar o reconhecimento mutuo. Ficou perplexo, e irritado tambem, maçado com aquella historia toda.

— Eu não sei o que vossê quer dizer na sua, meu amigo — disse elle para o homem — e não me importa saber quem perde ou quem ganha, ou qual é a sua opinião. E tu, pequena — dirigia-se com mais brandura á rapariga — estou que nada tens a receiar por agora. Dize lá: que esperas tu?

Ella deitou-lhe um olhar rapido, depois voltou os olhos em cata dos sitios escusos da matta. Forcejou por disfarçar a perturbação, e respondeu como violentada:

— Nada, senhor.

— O que é certo — disse Manvers — é que tu não podes acompanhar-me na minha excursão, isso não soffre duvida. Vou tomar um banho. Não ha nada que te possa metter medo, pelo menos que eu saiba; mas se na minha ausencia te sentires assustada, lembra-te que te confiei á guarda de um patricio teu. E vossê, amigo, lembre-se tambem d'isso — acrescentou elle, voltando-se para Esteban que agitava a mão n'um gesto vago.

Ella não poudo abrir bocca, mas tremeu toda como n'um arripio de frio mortal; com duas mãos tentou firmar-se, mas tremia toda. Manvers repetiu a sua objurgatoria ao rapaz:

— Tome sentido, ó amigo! — disse elle. — Não tarda que eu esteja de volta, e entretanto convidado a comer o que lhe apetercer. E confio esta rapariga á sua guarda, não se es-

queça! Ella apanhou um bom susto, e tinha razão para isso; e ficou molestada. Deixo-a a seu cuidado, com toda a confiança de que a protegerá.

Esteban reflectiu n'estas palavras, esfregando o queixo; encarou com o seu interlocutor, que estava á espera de resposta; e por ultimo encarou com a cachopa de cabellos louros e frangalhos escuros. Assumiu um ar orgulhoso, levantou-se á altura do caso, tirou o *sombrero* e estendeu-o a todo o comprimento do braço.

— Escusa a menina de estar com medo, *señor caballero*. Empenho a minha honra até que Vossa Excellencia esteja de volta. Fica em segurança como se fôra um relicario da Virgem. Vá com Deus, senhor.

Manvers, com um gesto, afastou-se em cata do rio.

VI

Apenas elle se afastou, a rapariga sentou-se debaixo da arvore onde estava a merenda, fícou os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos. Esteban deixou-se ficar muito socegado em cima do burro, fitando-a attentamente. Enrolou um *papelito*, sem a perder de vista, e accendeu o cigarro olhando-a por cima da chamma. Depois de duas voluptuosas fumaças, que lhe sahiram pelas ventas em nuvens densas, disse:

— Vinha matar-te, Miguela.

— Isso sei eu — respondeu ella por entre as mãos. — Porque não te avias?

Elle aspirou com força, levantou a cabeça, e expelliu o fumo para o ceu. Fluctuaram e espalharam-se baforadas de radioso azul. Depois replicou:

— Por uma razão... uma razão forte. Prometti ao teu amante não fazer tal.

Ella estremeceu, e fitou-o.

— O meu amante!

Esteban fez um aceno affirmativo.

— Primeiro tenho de me haver com elle. Em elle voltando, desata a comer e a beber, e depois dorme. Nunca mais ha de acordar; e eu cá fico-lhe com o cavallo.

— Estás enganado — disse ella — Eu lhe direi quaes as tuas intenções.

— Lá isso dizes — e ia enrolando outro cigarro, para accender no primeiro — Estou que dizes; mas elle não te acredita. O que faz é rir-se... e comer.

Ella levantou-se, e encaminhou-se resolutamente para Esteban, cujo jumento não bulira do mesmo sitio. Viu-lhe na cinta a navalha, mas não mostrou medo algum. Chegou-se muito a elle, com o rosto ardente, afogueado, com o olhar em chammas, e os labios escarlates entrea-bertos, mostrando os dentes. Abriu os braços, como um crucificado, e ergueu o rosto para elle.

— Pois mata-me, Esteban — disse ella — mas primeiro ouve. Aquelle sujeito não te fez mal nenhum. Livrou-me d'uma desordem em Palencia, onde eu estive em riscos de morrer, ou peor ainda. Eu nunca o tinha visto até hoje, e afora o livrar-me e o proteger-me desde essa occasião, nada mais houve entre nós. Vae levar-me a um convento. Pela cruz de Cristo, juro que tudo isto é verdade.

Elle baixou os olhos para ella, rindo com ar de escarneo.

— Para um convento, tu! Ora adeus! escusas de jurar falso, Miguela. Não, ha homem nenhum que fizesse tudo isso... de graça. O que hoje se perdeu, ganha-se amanhã: é sabido. E deixa-me sempre dizer-te: a perro velho não servem labias.

Ella tinha os olhos afogados em lagrimas, lagrimas de raiva que a faziam pestanejar e abanar a cabeça. Mas achegou-se ainda mais, n'um impeto de supplica. Tão achegada, que o seio lhe tocava no joelho d'elle. Parecia uma creatura implorando desesperadamente amor; mas não dizia senão:)

— Mata-me, mata-me!

Esteban cruzou os braços e mostrou todo o seu desprezo.

— Deixa-te d'isso, rapariga. Fiz uma promessa. E demais, julgas que eu sou parvo? Tão parvo que o perca a elle, mais ao cavallo, e que dê corda para elle me enforcar? Ora pensa lá, pensa bem! Suppõe que eu te matava agora: que fazia elle em voltando do banho? Principiava a esgravatar as duas Castellas até dar comigo, e por fim sempre me havia de encontrar. Ficava furioso, fervia-lhe o sangue, não me largava o rasto. Portanto fica socegada no teu logar, á espera que te chegue a vez.

Os braços d'ella cingiram-n'o agora, como se ella desejasse o seu amor ou a morte.

— Esteban, Esteban — murmurou ella.

E elle tinha arrepios aos recordar-se. Ella cada vez se lhe agarrava mais, com a cara premida contra o peito d'elle, rubra com a tensão da angustia.

— Larga-me, larga-me, de avergonhada — bradou elle com rudeza.

Mas ella cozia-se mais e mais com elle, e uma das mãos marinhava-lhe pelo torso como se quizesse chegar-lhe aos hombros.

— Arreda-te, Miguela — repetiu elle.

Ella, porém, arrancou-lhe da cinta a enorme navalha, e com toda a força que lhe restava enterrou-lh'a na ilharga. E ficou-se, pasmada para o que tinha feito.

Esteban soltou um grito rouco, alçou a cabeça, teve dois estremeções; depois a cabeça descahiu-lhe, e elle tombou para o lado, do burro abaixo.

Miguela deixou-o ficar por terra e dirigiu-se á manta da merenda. Lá estava á espera do inglez o seu talher rustico. Ella pôz-se de gatas, baixou a cabeça, e depoz um beijo no meio do prato. Depois, ajoelhada, mettu a mão no seio e sacou um crucifixo de latão. Levou o aos labios, passou o cordão por sobre a cabeça, e collocou tudo no prato do inglez.

Em seguida, tratou de remover o corpo, e trabalho foi esse que a afogueou de novo; mas conseguiu afastal-o da scena do picnic, e cobriu-o de urzes e folhagem, cortadas com a famosa navalha. Eram horas de se ir embora. Um derradeiro volver de olhos aos preparativos do festim, um afago saudoso ao crucifixo, e Miguela montou no jumento de Esteban e internou-se pela matta. Não tornou a olhar para traz.

VII

Manvers voltou do banho a assobiar, admiravelmente disposto. Tinha encontrado o rio, tinha nadado, depois vestira-se e pozera-se a andar devagarinho, para não aquecer de novo. Não ficou sobremaneira surprehendido por se lhe terem safado os companheiros.

— Grandes ratões! — reflectiu elle — Tinha um palpito de que elles não eram extranhos um ao outro. Provavelmente travaram-se de amores. Tanto melhor para mim!

Depois deparou-se-lhe o crucifixo no meio do prato.

— Olá!

Curvou-se para lhe pegar. Ainda estava te-pido.

— Caspité! linda acção da parte d'ella. Um toque delicado de sentimento, demais a mais d'uma rapariga bem bonita, e que, pelo que vejo, não está pervertida de todo. Ia apostar



LEVOU O CRUCIFIXO AOS LABIOS

que este crucifixo era a unica cousa que ella possuia, e sei perfeitamente que é a ultima cousa de que se desfazem mulheres d'esta laia. Estou pago e repago, e até sinto umas picadas na consciencia. Sempre quero usar-te, amigo, se é que não arranhas o pescoço de um herege.

E n'isto enfiou a cabeça pelo cordão.

— Hei de prender-te a uma corrente, em chegando a Valladolid, amiguinho — pensou elle, quando viu a cruz pendente no seu lugar.

Bebeu uma golada, trinchou uma fatia de presunto e começou a comer.

— Esta agora! — proseguiu elle nos seus commentarios. — Os patuscos não enguliram bocado nem sorveram um gole. Estavam todos alvoraçados com o namoro, ou então eram tão delicados que se escusaram de comer sem convite formal: qual das razões seria? *A maja* convidei eu; mas não me lembra se incluí o galan. Se não incluí, a cousa mete-se pelos olhos. Ella não quiz comer sem elle, e elle não quiz comer sem mim. Pobre diabo! eu que lhe estava com asca, não sei porquê. Se torno a topar com elle, convido-o para jantar, olé se convido!

Acabada a merenda, encheu e accendeu o cachimbo, tomou somnolentemente umas fumaças, e deitou-se a dormir. Nada o incomodou durante tres horas, nem mesmo a nuvem densa de moscas, cujo zumbido por sobre um massiço vizinho não deixaria dormir quem tivesse o somno mais leve. Tão ferrado estava no somno, que nem sequer ouviu um som de passos pela matta, nem o sussurro de remechar na terra.

Eram quatro horas quando acordou; sentou-se e olhou para o relógio. Bocejou e espreguiçou-se sem cerimonia, e de repente deu pela presença de um frade, com uma ampla tonsura no cabello escuro e uma bella barba, o qual estava a cavar a pouca distancia. O frade, que estava á espera de ser descortinado, parou na tarefa, enterrou a pá no chão, e dirigiu-se para o inglez, fazendo uma venia.

— Boa tarde, *caballero* — disse elle. — Meu nome é Frei Benito, para o servir, do convento de Nossa Senhora das Angustias, que fica aqui perto. Não tive remedio senão fazer serviço de coveiro; mas poderá fazer-me o obsequio de velar o corpo emquanto eu faço a encommendação?

Entre os amigos de Manvers em Cambridge

e n'outros sitios, corria que elle não era capaz de se expressar senão por diversas especies de riso; que se rira á nascença, que havia de rir na occasião em que ajustasse o casamento, e que com certeza disfarçaria n'uma gargalhada o estertor da morte. Eu não creio que em tão apertados limites elle confinasse as suas emoções; e certo é que elle não se riu ao ver os olhos pasmados e nevoentos de Esteban Vincas, em muda appellação para as copas das arvores e para o ceu azul. Pelo contrario, empallidaceu deveras e quedou-se estarecido.

— Santo Deus! que é isto? — foi a sua absurda pergunta.

Frei Benito explicou o que sabia. Tinha apparecido uma rapariga, a cavallo n'um burro, na igreja do convento, onde elle adregava estar velando o Santissimo Sacramento. Ao que dizia, estava com grande urgencia de confissão, mas não mostrava medo. Contou que tinha matado um homem para salvar um *caballero* que lhe tinha prestado um grande serviço, nem mais nem menos que salvar-lhe a vida com perigo da sua propria.

— Se duvida — disse ella — vá á matta, a tal sitio. Ha de lá encontrar esse sujeito a dormir. Tem um crucifixo que era meu. O morto está alli perto, tendo ao lado a navalha d'elle, com que eu o matei. Agora — acrescentou — absolva-me, reverendo padre, porque eu tenho de me pôr andar, antes que a guarda civil saiba do caso.

— Senhor — disse gravemente Frei Benito — não quero que imagine que eu estou violando o sigillo da confissão. Pelo contrario, foi a propria penitente quem me recommendou com todo o empenho que o procurasse e lhe contasse toda a historia. Ainda por obediencia a ella, cumpre-me perguntar-lhe se é esta a verdade.

Manvers mostrou o crucifixo.

— A verdade nua e crua — disse elle. — Vou arranjar uma corrente para este crucifixo. Deus do ceu! que terra esta! E cuidei eu que ella era uma mulher perdida!

— Todas as terras são o mesmo pouco mais ou menos, estou convencido — accudiu Frei Benito — visto que Deus as fez todas de uma vez, e pôz o homem para ser senhor de todas ellas, e tirou a mulher de uma ilharga d'elle. O sitio d'onde ella foi tirada, dizem que nunca cicatriza de todo, emquanto não a pozem lá outra vez; e mesmo assim, nem sempre se fecha a cicatriz. Sendo pois este o plano

d'este mundo, não nos compete a nós mettermo-nos em contendas por causa das suas manifestações. Agora, *señor caballero*, se está prompto, vamos a isto. Não lhe peço mais que uma mancheia de terra no momento proprio.

—Frei Benito — disse Manvers, extendendo a mão — quer aceitar esta insignificancia? Creio que não vinha fora de proposito uma missa por alma d'este pobre diabo.

— Pelo contrario! — replicou o frade — não pode vir mais a proposito. Tel-a-ha, prometto-lhe eu.

— Magnífico! Ora agora, poderá dizer-me uma cousa? Que caminho levou a rapariga?

Frei Benito abanou a cabeça.

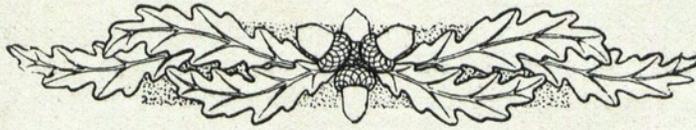
— *No lo sé*. Apareceu-me na egreja, fallou é sumiu-se tal qual o anjo da Morte. Mas foi-se com a absolvição, porque o seu peccado era perdoavel e justa a sua causa. Que Deus a acompanhe!

— Assim seja — disse Manvers — ella ficou-me com o lenço.

Saltou no cavallo e poz-se a caminho de Valladolid. Uma cousa lhe dava uma tal ou qual alegria: o pensar que cada um dos dois tinha guardado uma recordação do outro. Vezes sem conto scismou n'isto durante a jornada.

Trad. de Henrique Lopes de Mendonça.

MAURICE HEWLETT.



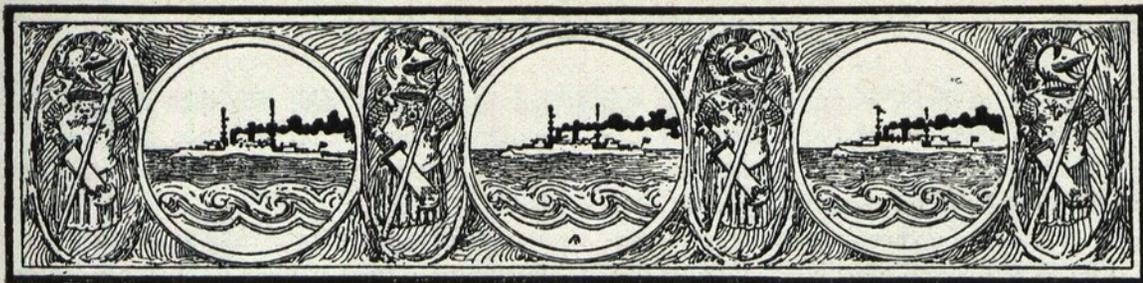
ESPIRITUAL

Não sei o que tu és, ó Cheia de Doçura,
Que ao meu catre velaste em horas de agonia:
Que a minha Alma trouxeste o pão-de-cada-dia,
Ficando alli depois divinizada e pura!

Se és mulher e possues tão candida magia,
Vales mais do que um Anjo — olhado n'essa altura!...
Mulher?! Serás... Não sei, meu Culto de Ventura!
Sei só que ao pé de ti cresce a minha Alegria...

Mulher — deusa ou rainha — o que importa afinal?!
Divinamente bella em teu sorriso albente,
Chamem-te Anjo-Mulher — pela pureza ideal...

Mais: inveje uma Santa o teu perfil risonho...
P'ra mim has de ser sempre e sempre, eternamente,
O Lyrio divinal do meu Jardim de Sonho!



Marinhas de guerra

CEM annos apenas separam Trafalgar de Tsoushima, quasi quatro seculos medeiam entre a memoravel victoria do grande almirante inglez e o tambem celebre encontro de Hervé de Primoguet com Thomaz Knight, e comtudo, se compararmos os instrumentos de combate nestas tres epochas differentes, sem duvida que a «Victory» e a «Bucentauro» se parecem mais com o «Régente» e com o «Cordelière», do que os navios de Nelson e de Villeneuve se parecem com o «Mikasa» e com o «Suvaroff»; e do mesmo modo, se olharmos não já para os barcos de guerra, mas sim para os de commercio ou de passageiros, tambem, com certeza, acharemos mais semelhança entre os transportes dos cavalleiros de S. João de Jerusalem e as nossas naus da carreira da India, no primeiro quartel do seculo XIX, do que entre estas e os actuaes paquetes transatlanticos das linhas allemãs e inglezas. É que a arte das construcções navaes não tem n'estes ultimos tempos caminhado só a passos de gigante; tem-se precipitado em corrida vertiginosa, e impossivel é prever por agora onde parará, se é que alguma vez ha de parar.

Quando se trata da marinha mercante, e se attenta no seu fim essencialmente pacifico e civilizador, não ha sombras no quadro; o progresso é aqui *progresso*, na mais lata accepção da palavra, e ninguem perante elle deixará de bemdizer os estudos feitos, os esforços empregados e as sommas dispendidas para chegar, n'este campo, aos quasi inverosimeis resultados que estamos presenciando: e, com

effeito, esses magnificos barcos de 35:000 toneladas, que regularmente e em poucos dias transpõem o Atlantico, sem se preocuparem com as suas possiveis furias, e que transportam, não só commoda mas luxuosamente, no seu bojo enorme, milhares de passageiros, são uma d'estas maravilhas do genio e da industria humana que se podem admirar sem reservas, e louvar sem reticencias. Imponente é tambem, mais imponente ainda porventura, o espectáculo que nos offerecem os soberbos navios e as poderosas esquadras dos tempos que vão correndo. Pelo lado pittoresco, as robustas naus e as airosas fragatas da primeira metade do seculo passado, com as suas brancas alchachas, a guinda dos seus mastros, o enramado do seu aparelho e a alvura do seu largo velame, nada tinham a invejar aos couraçados e cruzadores dos nossos dias, e as vinte e sete naus de Nelson quando, cobertas de panno que o vento bonançoso mal enfunava, perseguiram á vista da costa da Andaluzia a esquadra de Villeneuve, eram de certo bem mais formosas que os monstros de aço empenachados de fumo negro, com que Togo esperava os russos nas aguas japonezas. Mas apenas sob o ponto de vista esthetico é que a velha marinha teria o primeiro logar, e esses navios que foram no seu tempo a suprema expressão da força, que foram, e seriam ainda hoje, se podessemos vel-os resurgir, o enlevo dos olhos de todo o homem do mar, fariam, como machinas de guerra, uma triste figura ao lado d'aquelles que vieram depois. O proprio combate naval que era ha cem annos o manejar da artilharia

numa coberta arejada, e que tinha tanta vez por epilogo a cavalheiresca abordagem, a luta corpo a corpo, em frente do inimigo, ao sol, entre os destroços da mastreação e os estilhaços da borda, e ao crepitar da fuzilaria, perdeu o feitiço pittoresco e brilhante de outr'ora, e no navio de hoje, sinistra caixa de ferro que se faz em pedaços, ou se afoga rapidamente, rasgado pela explosão de um torpedo, debalde se procurará o glorioso aparato da morte do «Vengeur».

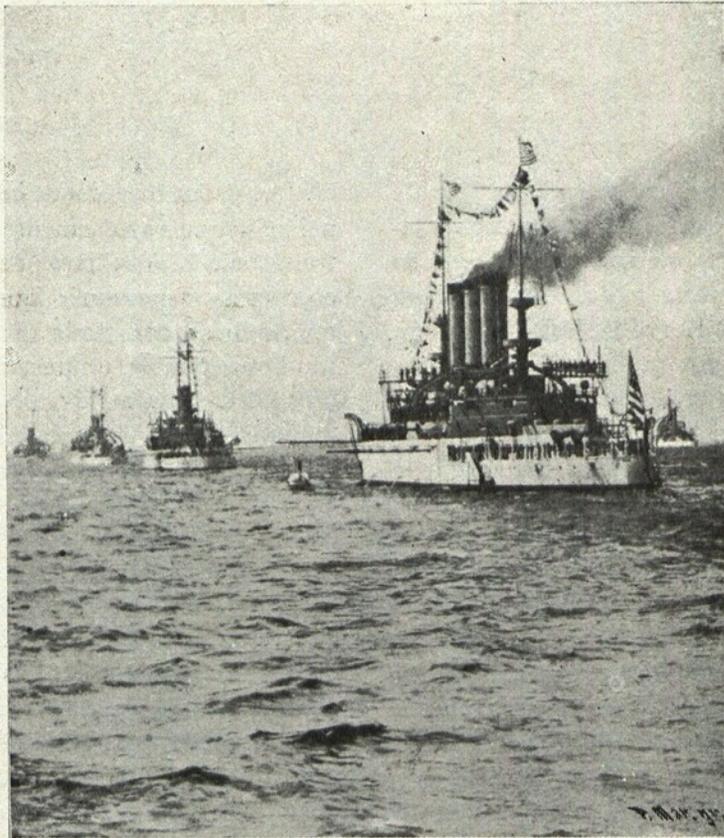
A guerra é sempre a guerra, em qualquer epoca que seja, e em qualquer theatro em que se desenrole, mas os recentes aperfeiçoamentos do material naval tornaram-na mais mortifera, deram-lhe um caracter mais sombrio, e dispoetisaram-na por assim dizer, se poesia se pode achar n'esta brutal necessidade: e comtudo, atraz d'essas muralhas d'aço, tantas vezes inefficazes apesar da sua enorme resistencia, n'esses compartimentos fechados, que nem deixam ver aos combatentes o

inimigo que combatem, é necessario que mais robusta seja ainda a coragem, maior o sangue frio e mais arreigado o sentimento do dever, por isso mesmo que falta a embriaguez da parte espectacular e a visão da gloria, que precisa de ceu, de espaço, de luz e de ar livre para se desenhar com todo o seu esplendor na mente do soldado e do marinheiro. Admiremos os progressos evidentes, incontestaveis, maravilhosos mesmo da marinha de guerra dos tempos que vão correndo, mas como fatalmente hão de vir á ideia a taes

sombras do quadro, não lhes concedamos o elogio incondicional que nos merece o progresso igualmente esplendido da sua pacifica irmã.

Ser forte no mar é hoje um dos mais importantes, senão o mais importante factor da grandeza e do poderio das nações; e como o elemento essencial e indispensavel d'esse força é a organização de uma poderosa marinha militar, as grandes potencias gastam sommas fabulosas nos seus armamentos navaes, e d'ahi a prodigiosa actividade das industrias que

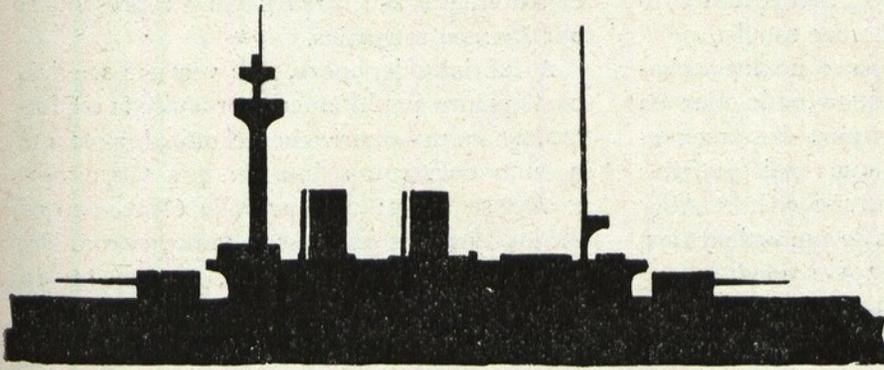
tem de construir, armar e provisionar centenas de navios cada vez mais complexos, e mais formidaveis cada anno, a fim de que o provavel adversario numa lucta futura não se ache mais bem preparado no momento critico, pelo menos no que toca á perfeição das armas com que tem de combater. Esta emulação guerreira, que tem plena rasão de ser no momento e nas circumstancias actuaes, manifestou-se quasi exclusivamente



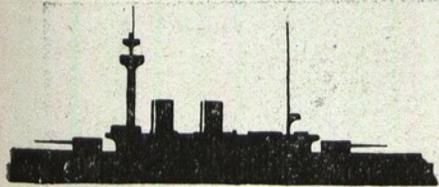
A DIVISÃO AMERICANA DE COURAÇADOS
Vista de bordo do «Mayflower» (navio chefe)

entre a França e a Inglaterra no ultimo quartel do seculo xviii e no principio do seculo xix, mas hoje e ainda mais depois de 1870, ha que contar com outros factores de primeira ordem: o novo Imperio Allemão, a Italia unificada, os Estados Unidos da America, que já pensam em mais que na stricta applicação da doutrina de Monroe, a Russia, que só ultimamente teve de renunciar ás suas velleidades de expansão para lá da Siberia, e que não se sabe em que pensará, quando as circumstancias lho permittirem,

Tonelagem relativa das principais marinhas do mundo



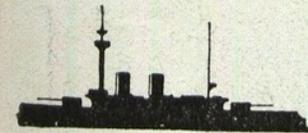
adnought», que só á sua conta trará 18:000 toneladas, e que ficará sendo o mais poderoso navio de guerra do mundo, em quanto todavia não apparecerem os quatro japo- neses de 19:000 toneladas que já estão, ao que parece, no estaleiro. Para manter esta formi- davel esqua- dra, os nos- sos alliados dispendem



para com- pensar os seus ultimos de- sas- tres, e por



ultimo, no extre- mo oriente, o ex- tra- nho



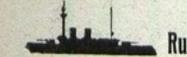
Japão, emprehen- dedor, tenaz, esperto, guerreiro e ambicioso,



que, por as- sim dizer,



de um salto tomou lugar entre as potencias de primeira ordem, e que é mais um, e não dos menos impor- tantes, a pretender a sua parte no dominio dos mares.



Russia

Consideremos primeiro os gigantes, como é justo, mas depois de rapidamente os passarmos em revista,



Austria

lancemos tambem os olhos para os pequenos, para aquelles que isoladamente pouco valem, mas que podem um dia ser tambem um elemento de equilibrio no prato da balança onde figuram os colossos, e cuja amisade poderá, em não raras circumstancias, ser procurada, ainda pelos mais poderosos.

A tout seigneur tout honneur: na cabeça do rol apparece-nos como verdadeira rainha dos mares a velha Inglaterra cujo poder naval é representado por 1.821:600 toneladas de deslocamento total e effectivo dos seus navios de guerra, entre os quaes figuram 63 couraçados de 1ª e 2ª classe, sem contar outros ainda em acabamento, e neste numero o «Dre-

33.389:500 libras, que tal foi o orçamento da marinha em 1905; e, com quanto nestas uni- dades de combate não figurem navios pro- priamente velhos, a Inglaterra resolveu ulti- mamente pôr de parte mais de cem barcos diversos, relativamente novos e com pouco uso, por entender que já não tinham verda- deiro valor militar, e que não valia a pena gastar dinheiro com o que não fosse de pri- meira qualidade. Bastam estes dados e esta nota final para dar ideia do que vale no mar o Imperio Britannico.

Depois da Inglaterra, a sua visinha, antiga rival e recente amiga, occupa ainda um bonito lugar, o segundo mesmo, se bem que haja por lá pontos fracos que não se encontram do outro lado da Mancha.

A tonelagem total dos navios de guerra francezes é 829:600 toneladas, entrando n'este numero 39 couraçados menos homogeneos e menos poderosos que os inglezes, porquanto os maiores (typo «Republique») são apenas de 14:865 toneladas, em quanto que o «Lord Nelson» e o «Agamemnon» são de 16:000, mas esta inferioridade vae até certo ponto ser atenuada com a construcção em breve prazo, senão já começada, de tres navios de 18:000 toneladas, isto é, da força do «Dreadnought». Tem ainda a França um nucleo importante de bel- los cruzadores, e é a nação mais rica em tor- pedeiros e submarinos.

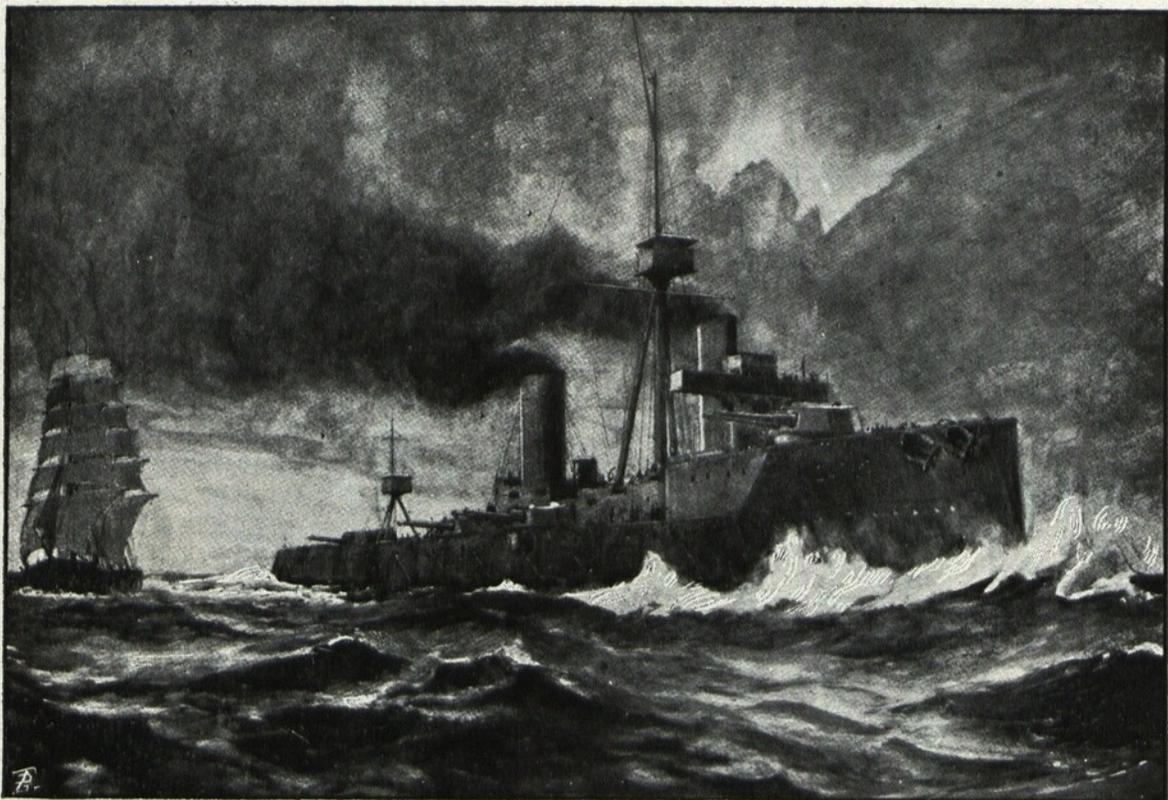
Para encontrarmos agora a marinha de guer- ra que se segue em importancia (pelo menos pelo que diz respeito á tonelagem total, que não talvez sob outros pontos de vista) teremos de atravessar o Atlantico e de ir procural-a ao Novo Mundo. A nova esquadra dos Estados Unidos é representada por 751:500 toneladas, e figuram nella 28 couraçados, sendo os maio- res de 16:000. É uma marinha que tem cres-

cido rapidamente: desde a ultima guerra com a Hespanha os Estados Unidos construíram já, ou estão construindo, 23 couraçados cujo deslocamento total é de 320:000 toneladas.

Voltemos á velha Europa, e no litoral banhado pelas aguas do Baltico e do Mar do Norte vamos encontrar os portos e arsenaes que foram o berço de uma das mais perfeitas marinhas de guerra da actualidade. A Allemanha construindo navios de typos definidos, e segundo planos seriamente estudados, conseguiu ter hoje, na opinião, que se deve ter

mente dito, hoje conta 12 no numero dos seus navios de guerra, que são em geral excellentes, e a sua força naval é representada por 362:000 toneladas.

A marinha japoneza, que vem em seguida, com quanto perfeitamente organizada e adestrada, não era numericamente muito importante quando começou a luta de que tão aiosamente se sahiu; mas acabada ella, como os navios tomados aos russos compensaram largamente as perdas soffridas, a esquadra do Japão augmentou consideravelmente o seu



O COURAÇADO INGLEZ «DREADNOUGHT»

O mais possante navio do mundo

por insuspeita, de um official francez: *a esquadra mais homogenea e talvez a mais militar de todo o mundo*. Esta bella esquadra, que conta já 37 couraçados, desloca ao todo 613:940 toneladas.

Deixamos o Baltico e o Mar do Norte, singremos pelo Atlantico, e passando o estreito de Gibraltar vamos encontrar nas aguas mais tepidas e mais azues do Mediterraneo e do Adriatico, uma bella marinha moderna que rapidamente tomou logar entre as primeiras da Europa. Ainda não ha muitos annos que a Italia não possuia um só couraçado propria-

effectivo, e é no momento actual bastante superior á do seu adversario de ha pouco. Nas 352:900 toneladas de deslocamento total dos navios japonezes (dos quaes 8 são couraçados de esquadra) não se contam os que estão em construcção, mas quando estes, que são muitos, estiverem em serviço, o Imperio do Sol Nascente possuirá, em todo o sentido, uma das mais formidaveis marinhas do mundo e á qual apesar de moderna, não faltam já tradições.

Depois da recente, e para ella tão desastrosa guerra, a Russia, que figurava como uma

das nações mais poderosas no mar, desceu muito na escala, uma parte dos seus navios perdeu-se totalmente em combate, e outros cahiram em poder do inimigo e tremula-lhes hoje no penol a bandeira japoneza, de modo que a marinha russa só pode ser ainda collocada ao lado das mais importantes, embora em situação relativamente modesta, se se levarem em conta os navios que para ella se estão construindo, e que são na verdade de primeira ordem. Contando com esses, o Imperio Moscovita figura com 322:000 toneladas, e terá 15 couraçados em serviço, quando os já começados poderem servir. Dos navios actuaes alguns pertencem á esquadra do Mar Negro.

A Austria conta-se ainda n'este rol dos que possuem grandes marinhas; os seus 13 couraçados (velhos alguns) e o seu total de 155:760 toneladas ainda representam uma força naval que não é para desprezar mesmo isoladamente, e que será um factor importante entrando n'uma alliança.

As figuras seguintes onde os comprimentos dos navios representam aproximadamente as tonelagens totaes para cada nação, podem dar uma ideia da importancia relativa das mais fortes marinhas de guerra, mas só n'este ponto de vista, que evidentemente não é o unico sob o qual a questão se pode encarar.

*

E' preciso advertir que nesta conta de tonelagens totaes não entram senão os navios que tem valor militar, unicos que podem figurar como elementos de comparação, quando se trata de marinhas de primeira ordem; os outros, que são ainda numerosos, tendem dia a dia a desaparecer. O navio de combate por excellencia, é o couraçado propriamente dito, o correspondente á antiga nau de linha, e ao qual verdadeiramente se pode applicar o nome inglez de *Man of war*; segue-se o cruzador couraçado, mais veloz, mas que no resto cada vez se aproxima mais do couraçado de esquadra, e a seguir os destroyers, os navios do typo a que os ingleses dão o nome de *scout*, e que se distinguem pelas grandes velocidades que podem attingir (25 milhas), e por ultimo os torpedeiros e os submarinos. Os cruzadores simplesmente *protegidos* vão sendo abandonados, se bem que ainda em Inglaterra se tenham construido alguns recen-

temente; e do mesmo modo, os destroyers tendem a substituir os torpedeiros d'alto mar propriamente ditos. Emquanto' aos submarinos, ainda não deram as suas provas, mas continuam a estar na ordem do dia, e é a França que, preocupando-se com a defeza da sua extensa fronteira maritima, vae na vanguarda, visto que possui 55 d'estes problematicos barcos de diversas grandezas e sistemas, em quanto a Inglaterra não tem por agora senão 35. Sem discutir o valor que podem ter em combate estas differentes unidades, parece opinião assente que estará mais bem armado aquelle que tiver *maior numero de navios maiores*; se não é axiomático é quasi, e em quanto ao resto, porque ha um resto que não é o menos importante a considerar, esse não depende do material, mas é sim função do que valer o pessoal.

A mais numerosa esquadra, contando os melhores e mais bem armados navios, de pouco ou nada servirá se quem anda lá dentro não estiver por qualquer circumstancia em condições de tirar partido d'ella: é tambem axioma, e porventura mais evidente que o primeiro.

Ainda uma nota curiosa antes de deixarmos as grandes marinhas. Os orçamentos para cada uma das quatro nações mais poderosas no mar foram em 1905, segundo diz o *Naval Annual*:

Inglaterra	33.389:500	libras
França	12.722:752	»
E. Unidos	20.617:830	»
Allemanha . . .	11.424:845	»
	<hr/>	
	78.154:927	»

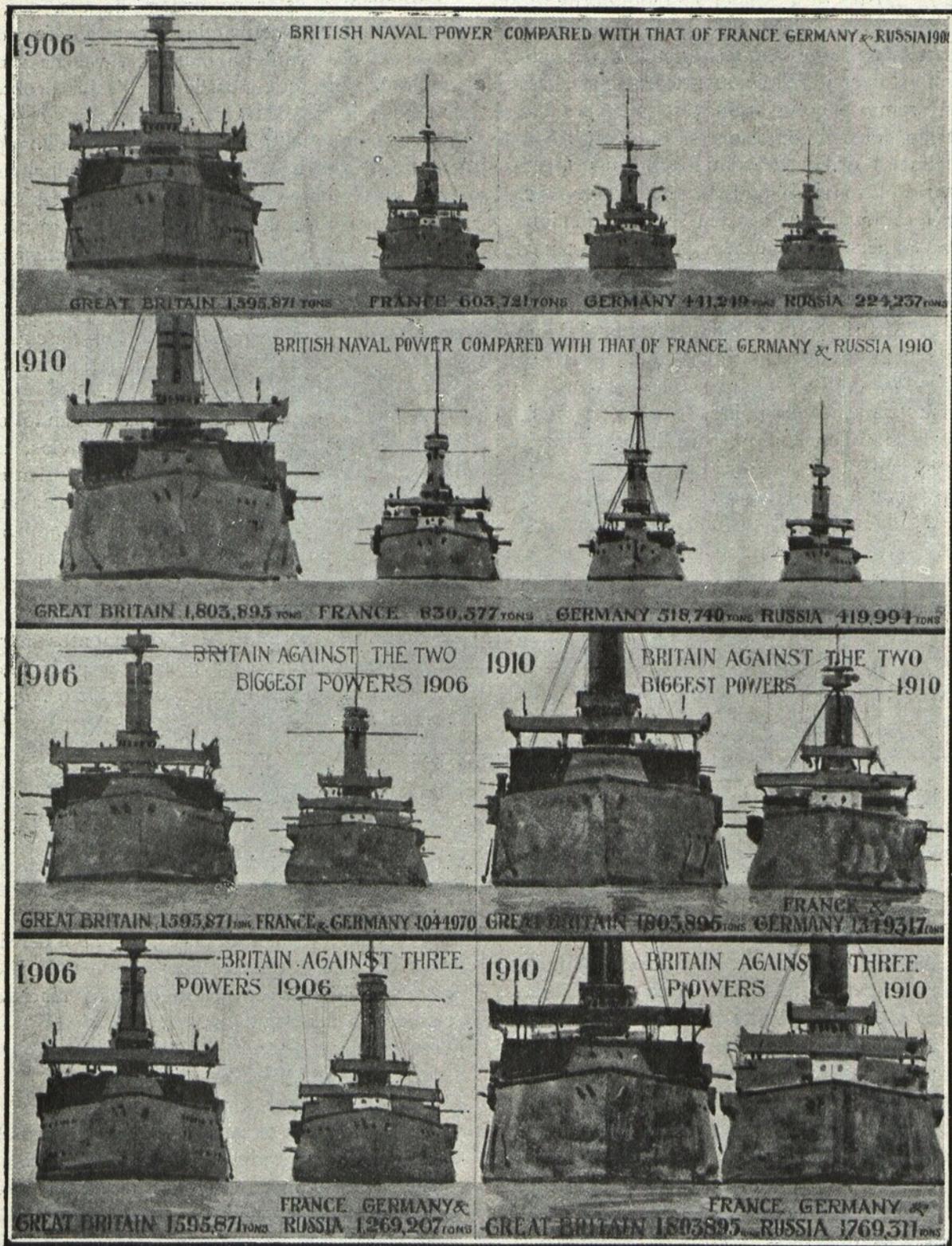
Ora como uma libra pesa 7^g,988, e a densidade do oiro é 19,26, segue-se que tudo isto corresponderia a um cubo de oiro macisso cuja aresta fosse igual a 3^m,2.

*

Vejamos agora os pequenos. Se affastarmos os olhos das formidaveis esquadras que rapidamente acabamos de passar em revista, e os volvemos para a nossa visinha Hespanha, se formos ainda mais longe, para o norte até á Hollanda ou á peninsula Scandinava, para leste até á Turquia, e para oeste até ás republicas da America do Sul, nada ahi acharemos no genero *marinha de guerra* que não se

chame pequeno em relação ainda mesmo ás ultimas que considerámos, e que não seja absolutamente insignificante quando compa-

rado com as primeiras : e com efeito, estas de que se trata agora não fariam melhor figura ao lado da Inglaterra do que fariam junto



O PODER NAVAL DE INGLATERRA COMPARADO COM O DA FRANÇA, ALLEMANHA E RUSSIA EM 1906

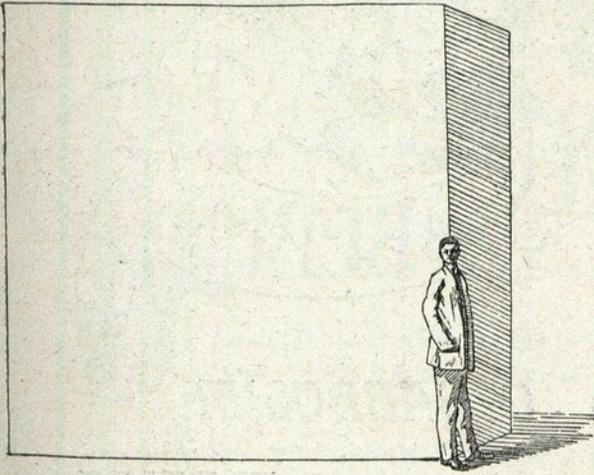
O PODER NAVAL DE INGLATERRA COMPARADO COM O DA FRANÇA, ALLEMANHA E RUSSIA COMO SERÃO EM 1910

A INGLATERRA CONTRA AS DUAS POTENCIAS MAIS FORTES EM 1906

A INGLATERRA CONTRA AS DUAS POTENCIAS MAIS FORTES EM 1910

A INGLATERRA CONTRA TRES POTENCIAS EM 1906

A INGLATERRA CONTRA TRES POTENCIAS EM 1910



ORÇAMENTOS ANNUAES DE MARINHÁ DA INGLATERRA,
FRANÇA, ESTADOS UNIDOS E ALLEMANHA

O cubo representa a quantidade de ouro gasto annualmente pelas quatro potencias com a sua marinha, com parado com a estatura de um homem.

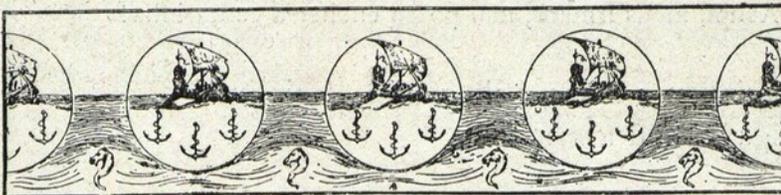
d'ellas a Bulgaria, o Mexico ou Sião. Mas se não ha vantagem em comparar termos tão desiguaes, tambem não vale a pena fazer comparações entre os pequenos, como acabamos de fazer entre os grandes. Aquelles que teem muito e do melhor, e que não tiram os olhos dos seus rivães em aspirações, para se não deixarem distanciar, para conservarem um logar adquirido, ou adquirirem um melhor se possivel fôr, tambem tratam de se equilibrar, e as comparações que se fizerem teem assim razão de ser. Mas quem tem menos ou pouco, terá de escolher o que mais lhe convém, nos limites restrictos que não pode ultrapassar, e conforme o papel que naturalmente tem de desempenhar. D'este modo a Hespanha, hoje por assim dizer sem colonias terá de organizar a sua marinha em vista da defeza da parte que lhe pertence na Peninsula e de mais umas poucas cousas que lhe ficam ao pé da porta, em quanto que nós e a Hollanda teremos de pensar além d'isso, e que mais não seja por uma questão de policia, nos nossos respectivos dominios coloniaes. A Grecia não tem colonias,

como não as tem a Suecia, mas os gregos para occuparem no Archipelago um logar condigno, e para se defenderem nas proprias aguas, do inimigo provavel que é o seu visinho turco, não precisarão talvez de navios semelhantes aos pequenos, mas bons couraçados suecos, que foram feitos especialmente para a defeza dos fiords que tão abundantemente recortam a costa da Suecia.

Como se vê das rasões expostas, o confronto, pelo menos entre alguma das marinhas secundarias não teria maior interesse, e ocioso seria faze-lo. Nós occupamos um d'estes logares modestos, como não póde deixar de ser, pois que actualmente só aos ricos e grandes é que é licito occupar outros. O Japão, depois da guerra em que fez tão boa figura, alcançou, é certo grande parte do que pretendia, mas pecuniariamente nada obteve para compensar as despezas feitas, e agora quer ir para diante, construindo em casa, ou mandando construir fóra navios carissimos, e gastando assim sommas enormes que no futuro sempre incerto não obterão talvez resultado renumerador, e que se tornarão, assim despendidas, numa causa de ruina. Quer talvez o que não pode.

Nesta simples resenha quasi sem commentarios, das forças navaes mais importantes não caberia fazer hypotheses sobre combinações politicas, allianças, e possiveis, ou provaveis agrupamentos d'essas forças em caso de conflagração; do mesmo modo que, passando ao nosso caso particular, não será aqui logar para discutir o que poderemos e deveremos ter para conservar uma honrosa situação. Modesta deverá ella ser pela força das circumstancias, e mal nos não fica; nulla é que não, e se outras razões mais praticas, mais positivas e mais actuaes não houvesse, bastaria para o povo portuguez o dever de não abdicar nunca as suas gloriosas tradições maritimas.

CELESTINO SOARES.





Era uma vez uma rapariga que tinha sete irmãos.

Os irmãos eram casados, mas as mulheres não faziam a comida, porque levavam a vida a trabalhar no campo, e queriam então muito mal á cunhada, que passava a vida em casa, com muito descanso, tratando da cozinha e podendo ir á despensa todas as vezes que lhe apetecia.

Combinaram, por isso, umas com as outras, armar-lhe um laço e chamaram uma fada que conheciam.

E uma das mulheres pediu á fada que á hora do meio dia, quando a cunhada ia buscar agua á fonte, fizesse com que desaparecesse a agua e voltasse depois muito devagarinho, mas sem entrar para a cantara que a rapariga levava, até que por fim crescesse tanto que a cercasse por todos os lados, não a deixando fugir.

Ao meio dia, quando a rapariga foi buscar agua, encontrou a fonte completamente secca e desatou a chorar. Mas d'ali a um instante a agua começou a correr muito devagarinho. E por mais que a rapariga quizesse encher a cantara, não pode, e no entretanto a agua foi subindo e chegou-lhe aos tornozelos.

Ella, assustada, quiz fugir mas não pode, e gritou para os irmãos:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega aos tornozelos!
Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua foi sempre subindo e chegou-lhe aos joelhos.
E a rapariga, sem poder fugir, tornou a gritar:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega aos joelhos!
Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua continuou a subir e chegou-lhe á cintura.
E a rapariga tornou a gritar:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega á cintura!
Acudi, meus irmão, não posso encher a cantarinha!»

A agua continuou a subir e chegou-lhe ao pescoço.
E a rapariga tornou a gritar:

«Acudi, meus irmãos, a agua já me chega ao pescoço!
Acudi, meus irmãos, não posso encher a cantarinha!»

A agua cresceu ainda mais e cobriu-a toda.
E a rapariga, já a afogar-se, gritou com muita força:

Acudi, meus irmãos, a agua já me passa acima da cabeça!
Acudi, meus irmãos, principia a encher-se a cantarinha!»

A cantarinha encheu-se e foi para o fundo juntamente com a rapariga, que se afogou.

E então a fada tornou a rapariga n'uma fada igual a ella e levou-a consigo.

D'ali a tempos surdiu da agua, na bacia da fonte onde a rapariga se tinha afogado, a haste de um bambu, que foi crescendo, crescendo.

Quando o bambu já tinha grande altura, passou pela fonte um violeiro e disse comsigo:

— Com aquelle bambu fazia-se um lindo bandolim!

Passados dias voltou com uma

machadinha e já ia para cortar o bambu, quando sentiu uma voz dizer-lhe:

— Vê bem o que fazes. Não cortes junto á raiz. Corta mais acima!

O violeiro ia obedecer, quando ouviu:

— Vê bem o que fazes. Não cortes tanto acima, corta junto á raiz!

Assim ia fazer o violeiro e ouviu outra vez:

— Vê bem o que fazes. Não cortes junto á raiz, corta mais acima!

Sem saber quem estava a caçoar com elle, cortou, muito zangado, o bambu junto á raiz e levou-o para casa. Quando o bambu seccou, fez com elle um bandolim, que tinha umas vozes tão suaves que era mesmo um gosto ouvir-as.



D'ali a dias passou-lhe á porta um tocador ambulante muito pobrinho, e pediu-lhe com tanta ancia que lhe vendesse o bandolim, para ir ganhar a sua vida, que elle lh'o deu quasi de graça.

E o tocador, na primeira terra onde parou, poz-se a tocar e juntou-se muita gente em roda, ficando todos com vontade de chorar só de ouvirem o bandolim, e alguns até choraram, porque os sons eram tão tristes como a voz de uma pessoa que está n'uma agonia mortal.

Houve muito quem lhe quizesse comprar o bandolim, mas o tocador não esteve por isso, apesar de, ás vezes, lhe prometterem muito dinheiro; até que um dia, n'uma estalagem onde passou a noite, lhe deram uma bebida que o fez dormir muitas horas. Quando acordou, já não viu o bandolim, mas não pode saber quem lh'o tinha tirado e abalou mais triste do que a noite.

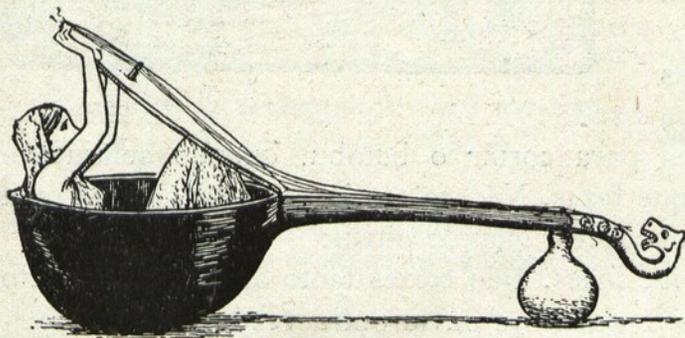
O bandolim foi vendido a um viandante, que passou por ali tempos depois e que o deu de presente ao filho mais velho. O rapaz era doido por musica e levava, d'ahi por deante, horas e horas mettido no meio de um arvoredado fechado. Se lhe perguntavam o que tinha estado a fazer, logo respondia: «Estive a tocar o bandolim. Não ha outro como elle.»

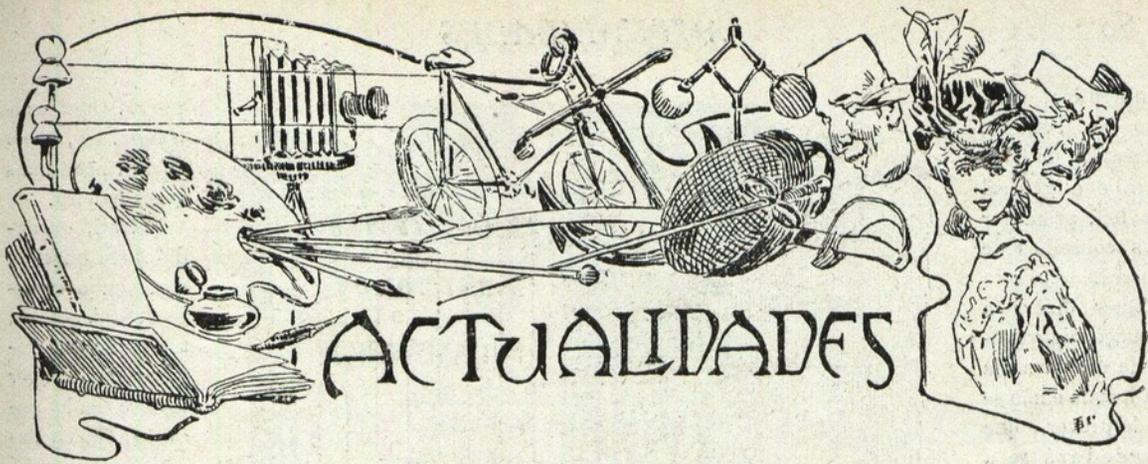
O pae, desconfiado de que o filho estivesse no tal sitio com alguma namorada, foi espreital-o e viu a tampa do bandolim levantar-se e apparecer uma rapariga muito linda, que depois se tornou do tamanho de uma pessoa e cahiu nos braços do tocador.

Entendendo que o destino lhe mandava aquella nora, e que outra melhor não havia de alcançar, casou o filho com ella, o que deu muita alegria a ambos.

E uma vez os sete irmãos passaram por ali e conhecendo a irmã perguntaram-lhe o que era acontecido. E ella contou-lhes todo o mal que lhe tinham feito as cunhadas, mas pediu aos irmãos que não as castigassem.

Os irmãos nunca mais quizeram ver as mulheres, que morreram de raiva por serem abandonadas, ao passo que a rapariga sahida do bandolim magico viveu até bastante velha, sempre muito feliz, em companhia do marido.





Grandes topicos

A crise russa **O** governo russo deliberou que as eleições para a futura Duma se realizem a 19 de fevereiro proximo. Todavia, dando-se d'esta maneira ar de respeitar a pseudo-constituição e de seguir o caminho do progresso, o czarismo vae do mesmo passo recorrendo a todos os velhos e odiosos meios para encravar esse mesmo progresso. Assim, o numero das suas victimas, nos ultimos cinco mezes, eleva-se, segundo a *Tribune*, de Londres, a 20:000, quinhentas das quaes foram passadas pelas armas em execuções summarias, e as restantes mettidas nas fortalezas do imperio ou deportadas para a Siberia. Entre os prisioneiros e deportados contam-se bastantes dos membros da antiga Duma que maior opposição fizeram ao governo, assim como innumerous influentes eleitoraes que não vivem em cheiro de santidade governamental.

Comprehende-se o plano: tendo repellido os constitucionaes-democratas, unico partido que podia dar um governo viavel e com o qual, de resto, tinha probabilidades de salvação, o czarismo procura agora

dispôr as coisas por forma que a Duma seja constituída á sua imagem e semelhança, afastando do acto eleitoral todos os elementos que teme.

cil, senão impossivel, obter a solidariedade de um povo escravizado e, comquanto na apparencia calmo, no fundo sacudido pelo espirito de rebellião caracteristico da época presente e que na Russia é espalhado aos quatro ventos por milhares de agitadores servindo-se de milhares de processos. Além d'isso, tendo conseguido, sempre em obediencia ao seu plano, dividir os constitucionaes democratas, essa manobra deu-lhe em resultado ir uma grande parte d'esses, apesar de tudo amigos do throno, engrossar as fileiras socialistas.

Por outro lado, o partido revolucionario que nos ultimos mezes se mostrava relativamente calmo, resolveu entrar de novo em lucta acesa. Um manifesto da sua commissão executiva, publicado em meados de dezembro, declarava «que o exterminio dos homens tidos como responsaveis pelo actual regimen ia continuar até ao desaparecimento do ultimo vestigio da autocracia». E, de facto, desde então

ha já a registar o assassinato de quatro importantes personagens da politica russa: o general Litvinoff, o conde Ignatieff, chefe do partido



OS TEMPOS ESTÃO MUDADOS

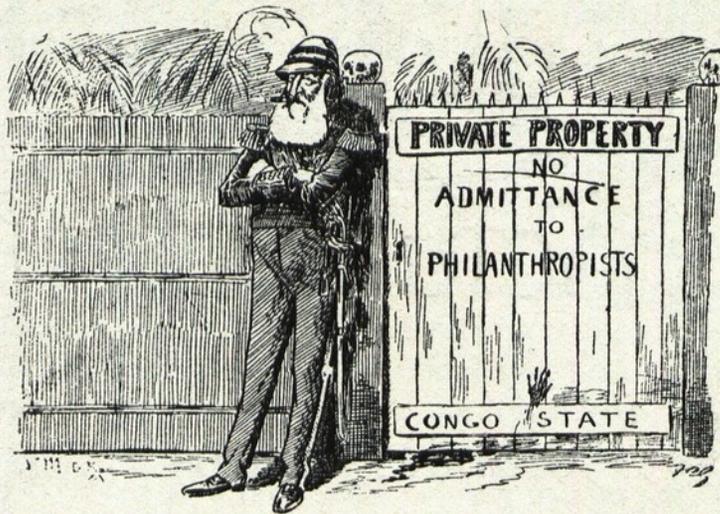
O Czar costumava brincar com as creanças; agora as creanças pregam-lhe sustos de tremer

Do «Wahre Jacob»

É de crer que mais uma vez se engane. Já a fallecida Duma foi para elle uma terrivel surpresa, demonstrando-lhe que é muito diffi-

autocrático, o barão de Launitz, successor de Treppoff, e o general Pavloff, promotor dos conselhos de guerra.

Quer dizer: a situação agravava-se de dia para dia na Russia e não se pôde prever o que succederá se a futura Duma fór, como o governo pretende, uma entidade passiva, ou se, não o sendo, elle tiver a má ideia de a dissolver.



PROPRIEDADE PARTICULAR

Não se admittem philanthropus

Das «Caricaturas Politicas» de Carruthers Gould

Marrocos e as potencias **D**ISSÉMOS no anterior numero dos *Serões* que a questão de Marrocos, que parecia ter ficado liquidada na Conferencia de Algeciras, entrara de novo, nos ultimos tempos, em uma phase aguda e de tal maneira grave que se receava isso originasse o regresso aos antigos tempos em que a paz europea esteve por causa d'ella seriamente ameaçada.

Quem não tenha seguido com attenção a politica marroquina ha de suppôr que essa *rechida* se deveu a quaesquer novas exigencias das nações europeas, ou a qualquer novo acto de insensatez do Maghren, e decerto muito admirado ficará quando lhe dissermos que ella foi provocada



UMA DESCOBERTA ASTROLOGICA

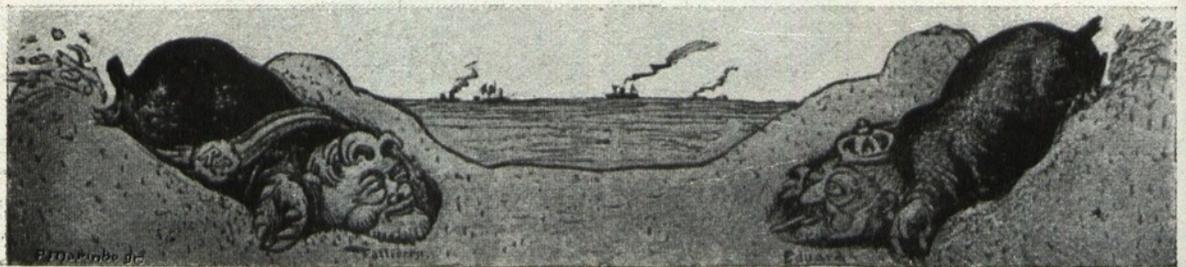
O centro do mundo d'onde são repellidos todos os pessimistas

Do «Lustige Blätter»

por... um salteador! E, com effeito, nada mais verdadeiro.

Raisuli, o bandido em questão, começou a fazer-se notar ha annos, roubando na região de Tanger todo o gado que encontrava nas estradas ou mesmo nas propriedades particulares. Um bello dia deliberou augmentar a sua esphera de acção, e passou a aprisionar europeus.

As suas primeiras victimas foram o cidadão americano Verdicaris e o subdito inglez Varley. A pedido dos Estados-Unidos e da Inglaterra, a França metten-se a negociar a libertação dos captivos, mas as negociações foram laboriosissimas e só alguns mezes depois, suppondo-se uma potencia a tratar com outra potencia, fez saber ao ministro dos estrangeiros marroquino que as condições por elle exigidas eram: substituição do governador de Tanger; uma indemnisação de 350:000 pesetas; nomeação de Raisuli como governador de certas povoações que deviam passar a ser autonomas; libertação de alguns prisioneiros e promessas de prisão de determinados individuos, etc. Por muito extraordinarias que estas condições pareçam, o certo



O TUNNEL DO CANAL

As excavações vão progredindo rapidamente; não tarda que as toupeiras se possam agatantar.

«Do Lustige Blätter»

é que foram aceites. Dias depois os dois europeus estavam em liberdade e Raisuli era nomeado *pachá!* Apenas se viu investido do poder, o nosso homem perdeu completamente a cabeça e refinou nos seus actos de banditismo que chegou a praticar mesmo em frente dos edificios das legações estrangeiras. A tal ponto chegaram as coisas que em 19 de dezembro o corpo diplomatico de Tanger enviou ao Mughzen uma nota reclamando terminantemente a destituição de Raisuli. Mas, como sempre, o Maghzen tergiversou procurando protelar a solução do conflicto.

Foi então que a França e a Hespanha, d'accordo com as outras potencias, enviaram ás aguas de Tanger duas esquadras com ordem de obrigarem pela força o governo do sultão a proceder immediatamente. E elle assim fez, atemorizado com o aspecto que a questão tomava. Todas as tropas disponiveis, sob o comando do proprio ministro da guerra, entraram em Tanger e, passando aos campos limitrophes, deram combate ás forças de Raisuli, derrotando-as completamente ao fim de alguns dias de viva lucta. No momento em que escrevemos, o celebre bandido encontra-se refugiado nas montanhas com meia duzia dos seus partidarios que, de resto, estão, segundo se diz, negociando com o governo a entrega do seu chefe.

Entretanto, as esquadras continuam em Tanger — para o que der e vier, e a França e a Hespanha estão organisando activamente a policia marroquina que deve ficar prompta a funcionar dentro em um mez.



UM REI NO SEU "ESTADO LIVRE"

John Bull (vendo o rei Leopoldo a correr com sacos de borracha) — Mau! estas fracas barreiras de nada servem; é preciso arranjar baias mais seguras para lhe deter as venetas.

Do «Daily Chronicle»



O OURO QUE ROLA

- 1 — O allemão (apresentando ao russo um sacco de ouro) — Caro amigo, podes contar sempre commigo.
- 2 — O russo (apresentando o ouro allemão ao persa) — Aqui tens o ouro. Em troca o que eu peço é...
- 3 — É que não permittas ao allemão que tenha influencia nenhuma no teu paiz

Do «Ulk»

Pela Persia **D**ois factos acabam de dar-se na Persia que fizeram incidir novamente sobre esse paiz as atenções e todo o mundo. Foram elles, chronologicamente: a outhorga de uma constituição e a morte do *shah* Mouzaffer-ed-Dine.

Como é sabido, Mouzaffer-ed-Dine era o soberano oriental que melhor conhecia a Europa, tendo-a visitado innumeradas vezes. Foram, sem duvida, essas visitas que influíram no seu espirito, levando-o a dar á Per-

sia uma nova organização que melhor correspondesse ás necessidades do tempo presente. De resto, isso mesmo lhe estava sendo já exigido pelas proprias classes cultas do seu imperio, incluindo a nobreza que, ao contrario do que succede na Russia, se mostra, não diremos dominada, mas bastante imbuida das ideias modernas.

Assim, Mouzaffer-ed-Dine promulgou uma constituição creando uma Assembléa nacional composta de 162 membros, á approvação da qual teem de ser submettidas as leis, e estatuinto a responsabilidade dos ministros.

Mas pouco tempo depois de constituida a Assembléa nacional, a doença do *shah* aggravou-se, tendo por isso de assumir a regencia do reino o principe herdeiro Mohamed-Ali-Mirza. E' este tido por bastante reaccionario, e o facto é que, apenas tomou conta do poder, propoz á camara a creação de um Senado constituido por 60 membros, 30 dos quaes escolhidos entre os funcionarios, 10 entre os representantes da tribu imperial



A EGREJA CATHOLICA EM FRANÇA

De «L'Asino»



MUZZAFER-ED-DINE

Shah da Persia, fal. a 8 de Janeiro

e os restantes eleitos pela nação. Este projecto causou logo grande agitação na Persia, porquanto se comprehendeu que uma camara alta assim formada visa a restringir a acção da camara electiva.

Era n'este pé que se encontrava a politica persa quando, em 9 de janeiro, Mouzaffer-ed-Dine falleceu, contando 52 annos. Seu filho, que immediatamente subiu ao throno, nasceu em 31 de julho de 1872.

O throno
da Servia

PEDRO Karageorgevitch que subiu ao throno da Servia em consequencia do assassinato do rei Alexandre, parece não estar, á hora presente, muito seguro no logar onde o collocaram os regicidas de 1903.

Com effeito, a dar credito aos correspondentes dos jornaes inglezes em Vienna e em Belgrado, uma grande agitação anti-dynastica lavra

em todo o territorio servio. Já ha muito tempo que no espirito publico se manifestava uma profunda antipathia pela familia real, tendo como causas determinantes, por um lado, o soberano desinteressar-se dos negocios publicos, consentindo, para que o deixem em paz, em que os politicos mais mal vistos disponham do paiz a seu bel-prazer; por outro, as façanhas de toda a ordem praticadas pelo principe herdeiro que, segundo opiniões auctorisadas, está atacado de alienação mental.

Mas a irritação publica contra o rei subiu de ponto quando ultimamente se teve conhecimento de um enorme escandalo em que o seu nome está envolvido e que o *Standard* de Londres se encarregou de divulgar no occidente europeu.

Foi o caso que o governo apresentou á camara dos deputados um projecto de lei auctorisando um emprestimo para a compra de canhões. Afirmou-se logo que, do dinheiro d'esse emprestimo, o rei receberia tres milhões de francos, destinados ao dote da princeza Helena que brevemente vae casar com um principe italiano. Sabendo que um deputado ia levantar essa questão no parlamento, o rei impoz o silencio do perturbador ao governo e este não achou melhor maneira de o conseguir do que comprando o chefe do partido socialista para que elle provocasse uma gréve de typographos. Com effeito, no dia em que o deputado em questão se referiu ao caso na camara, a gréve dos typographos era completa e



MOHAMED-ALI-MIRZA

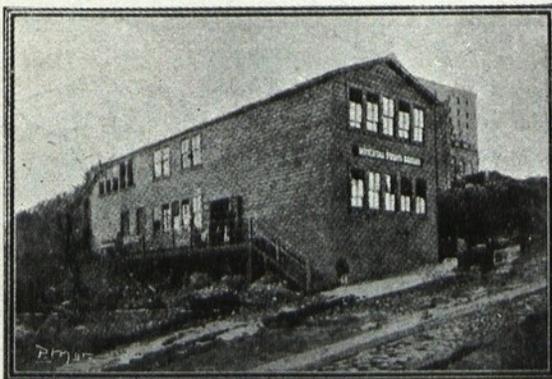
O novo Shah da Persia

durante duas semanas nenhum jornal poude sair, nem sequer o «Diario official». Assim se obteve que o projecto fosse approvado sem o povo ter conhecimento do escandalo a tempo de o impedir.

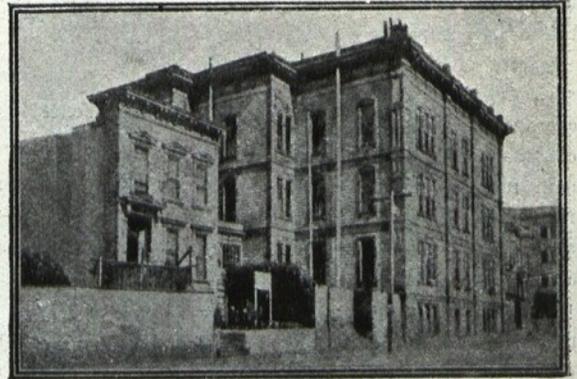
Mas agora que já o sabe, tendo mesmo feito por isso graves manifestações nas ruas, o rei encontra-se seriamente embaraçado: ou não assigna a nova lei, pondo em chéque o governo que o salvou; ou a assigna e arrosta com uma revolução que, segundo todas as hypotheses, estalará no dia em que elle dér esse passo.

A Egreja e
o Estado
em França

O conflicto travado em França continua a excitar geral alvoroço no mundo civilizado. O Papa mantem a sua attitude intransigente, e o governo procura evitar que os catholicos cinjam a corôa do martyrio. Eis a summula da situação.



*A escola chinesa de S. Francisco,
para onde queriam obrigar os japonezes a mandar os filhos*



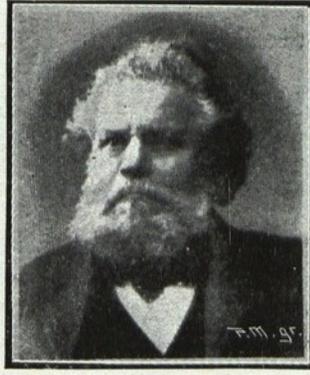
*A escola principal,
onde os japonezes não foram admittidos*

UM_CURIOSO CONFRONTO

Vida na sciencia e na industria



O PROFESSOR THOMSON



O PROFESSOR CÀRDUCCI



O PROFESSOR MOISSAN

Premio Nobel de 1906

O premio Nobel **F**or a seguinte a distribuição este anno dos premios Nobel, cada um dos quaes tem o valor approximado de 35 contos de réis: Premio da paz, a Theodoro Roosevelt, presidente dos Estados-Unidos; chimica, ao professor Moissan, de Paris, pelas suas experiecias na isolação da fluorina, investigações sobre a natureza d'este elemento e applicação do forno electrico aos trabalhos scientificos; physica, ao professor Thomson, de Cambridge, pelas invêsti-gações porfiadas sobre a natureza da electricidade; medicina, aos professores Golgi, de Pavia, e Ramon y Cajal, de Hespanha, pelas suas obras sobre a anatomia do systema nervoso; litteratura, ao professor Giosué Carducci, de Bolonha, um dos mais notaveis entre os modernos poetas italianos.

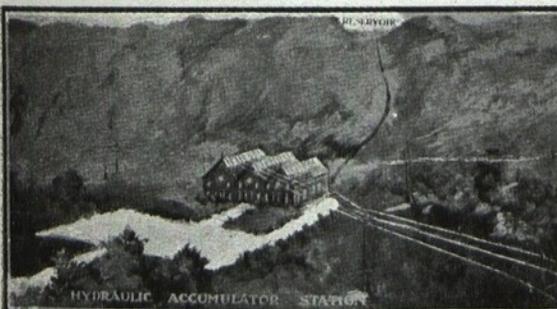
A força **A**s cataractas Victoria, de que se occuparam os Serões, no seu numero 5 da presente serie, a proposito da grande ponte que as transpõe, vão ser aproveitadas como força motriz para as minas de ouro do Rand e para outros usos industriaes. Os iniciadores d'este gigantesco plano são Lord Kelvin, Mr. André Blondel, de Paris, o professor dr. Klingenberg, de Berlim, o dr. E. Tissot, de Basiléa. A ideia não é nova. Já fôra suggerida a Cecil Rhodes pelo engenheiro sir Charles Metcalfe, o qual com sir Douglas Fox, fez o projecto do caminho de ferro do Cabo ao Cairo. Mas só depois da construcção da ponte se começou a dar-lhe o devido peso.

Consiste o plano em captar a agua do rio acima das cataractas e conduzil-a por um canal que deve

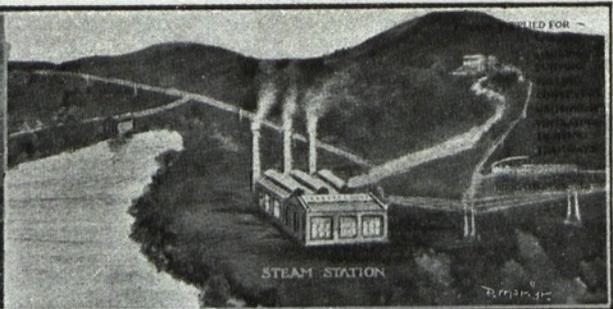
passar sob a linha ferrea e acercar-se novamente do rio na orla da garganta. D'ahi correrá em tubos de aço por uns 115 metros até á casa onde estão installadas as turbinas. A agua desaproveitada vasar-se-ha no leito profundo do rio. Rodas de rapida rotação fornecerão uma corrente sufficiente para produzir uma força de 50:000 cavallos, a qual será transmittida atravez de umas 600 milhas de territorio africano por meio de portas de ferro galvanizado. Em varios pontos se installarão estações de accumulção para evitar perdas de energia.

Balão dirigivel
Lebaudy

O balão dirigivel *Patrie*, de Lebaudy, ao qual já fizemos referencia, fez ultimamente importantes experiencias mi-

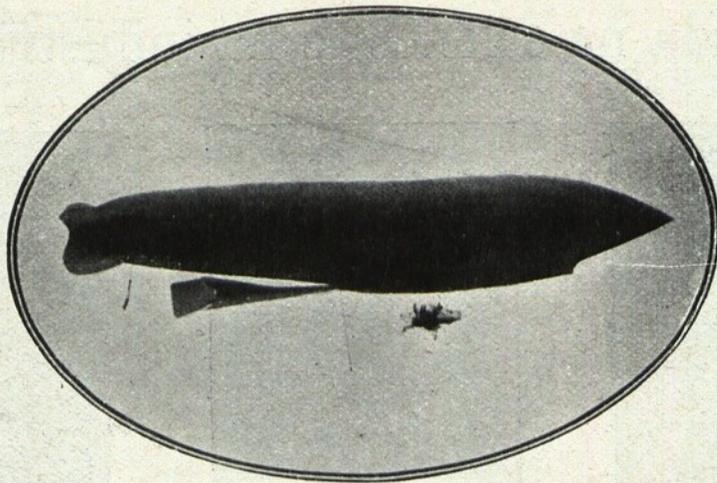


Estação hydraulica de accumulção



Estação do vapor

litares em Moissan com exito favoravel. Manobrou acima das nuvens e operou descidas rapidas afim de tirar photographias e de lançar projecteis. Parece pois, que o exercito francez pode contar n'elle com mais um excellento valioso instrumento de guerra.



O BALÃO DIRIGIVEL «PATRIE»

O Niagara do Brazil **A** cerca de seis dias de jornada de Buenos-Ayres, quasi na intercessão das fronteiras do Brazil, Paraguay e Republica Argentina, acham-se as admiraveis cataractas do Iguazu, pouco conhecidas pelos viajantes e rivalisando em magnificencia com as do Niagara e as do Zambeze, tão celebradas. A catadupa supe-

rior cae de uma altura de 60 metros, e depois o rio precipita-se n'uma serie de prodigiosas cataractas pelos dois lados de uma ilha. Logo abaixo d'esta ilha ha um novo salto de 23 metros. O espectaculo é um dos mais imponentes do mundo inteiro. Para se avaliar a importancia d'esta cataracta pelo confronto com as duas a que nos referimos, basta dizer que as

duas cataractas do Niagara, a dos Estados-Unides e a da Ferradura, tem respectivamente 47 e 44 metros de altura. e 326 e 907 metros de largo; a cataracta Victoria do Zambeze tem 109 metros de alto, e de largura 1780 metros. Ora a do Iguazu tem a altura de 69 metros com 3 milhas e meia de extensão.

A energia d'esta extraordinaria cataracta anda por 14 milhões de cavallos.

Navegação aerea **N**as duas estampas que inserimos, reu-nem-se todos os principaes typos de navegação aerea, até hoje apresentados. A primeira refere-se ás



CATARACTAS DO IGUAZU

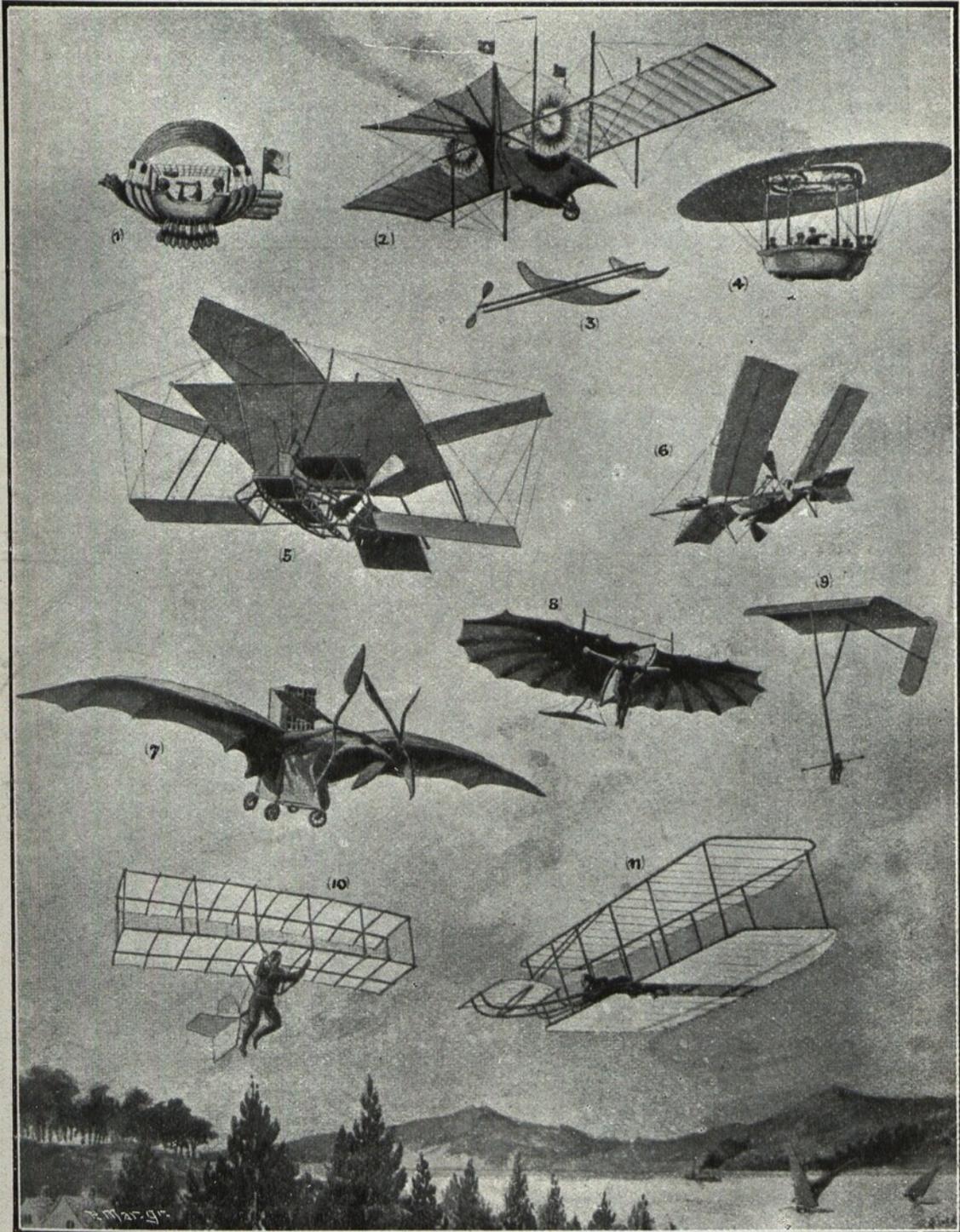
machinas voadoras dos dois seculos precedentes. São os seguintes os typos apresentados: 1. O germen do aeroplano, a *Passarola* do padre Bartholomeu Lourenço, ensaiada em Lisboa, em 1709; 2. A carruagem da Companhia de Transito Aereo, de uma gravura de 1843; 3. O aeroplano brinquedo de

Penaud, 1871; 4. A machina voadora de Caballero de los Olivos, 1895; 5. Machina voadora de Sir H. Maxim, 1893; 6. Aerodromo do professor Langley, 1896; 7. O *Avion*, machina voadora do governo francez, 1898; 8. Deslisador alado de Pileher, 1899; 9. Deslisador de Hargraves, 1899; 10. Deslisador de

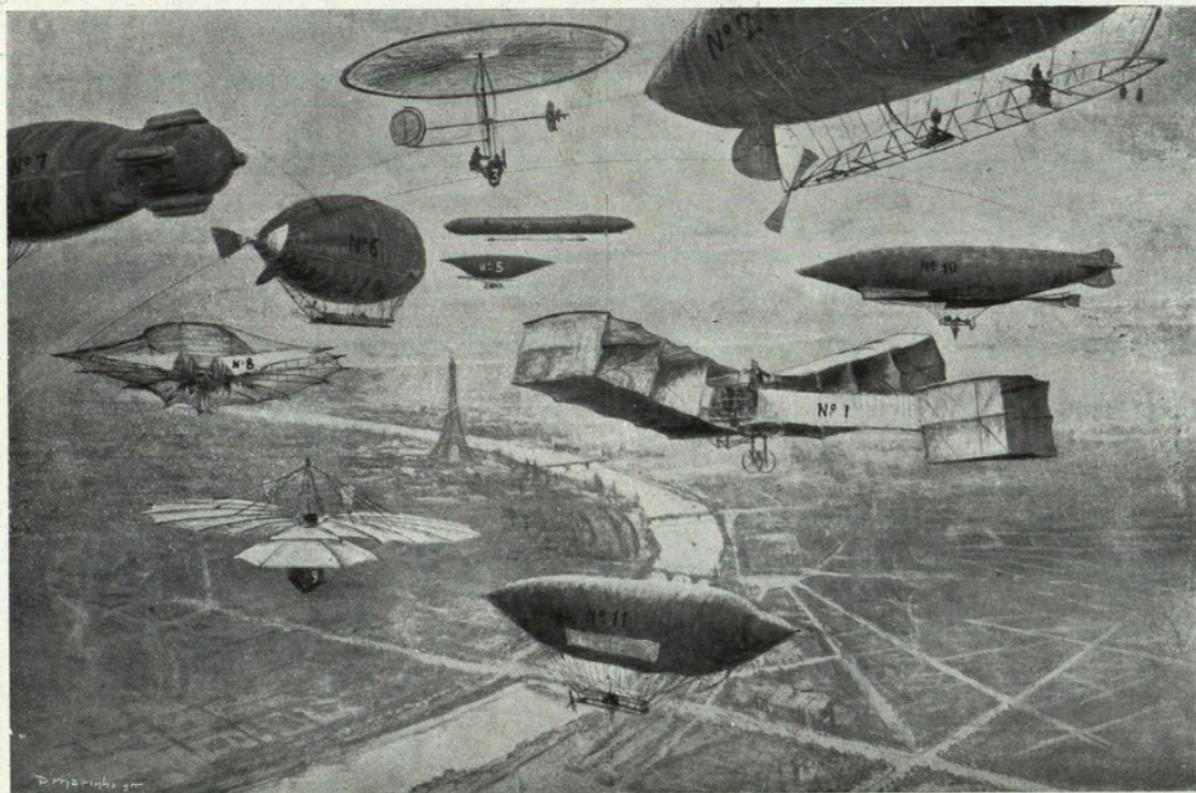
Chanute, 1902; 11. Aeroplano dos irmãos Wright, 1904.

A segunda estampa apresenta alguns typos de machinas voadoras modernas. São, conforme a sua numeração, as seguintes:

1. O novo aeroplano de Santos Dumont; 2. O *Santos Dumont VI* balão dirigivel em que o insigne



AS ANTIGAS MACHINAS VOADORAS



aereonauta brasileiro fez a primeira ascensão em Paris, a 12 e 29 de julho de 1901, tendo naufragado a 8 de agosto de 1901 e ganhou o premio Deutsch de 100:000 francos a 19 de outubro de 1901; 3. Invento de Henri Villard, de Paris, ideia suggerida de uma umbrella de 7 a 8 metros de diametro, que revolve rapidamente como um motor; 4. Aeronave do conde Von Zeppelin, que fez ascensões no lago de Constança a 2 e 17 de julho e 21 de outubro de 1901; 5. Aeronave de Lebaudy *Le Jaune*, que ascendeu em Seine-et-Oise a 12 de novembro de 1903; 6. Aeronave de Ricardo Severo *Pax*, antecessor da outra *Vau-giraud*, que explodiu e cahiu de uma altura de 400 metros, causando a morte de Severo e do seu ajudante, em 12 de maio de 1902; 7. A nova aeronave Deutsch; 8. Aeronave *Ezekiel*, suggerida ao Rev. B. Cannon, de Pittsburg, por uma passagem de Ezequiel (iii, 19); 9. Machina de Mr. Gustave Whitehead, imitando as aves, actuando o mecanismo das azas sobre um automovel que permittia percorrer a terra; 10. A *Patrie* de Lebaudy; 11. A aeronave de Mr. Leo Steven.

A casa «*Monolithica*» **H**A muito que lá por fóra se manufacturam portas, janellas, varandas, etc., em grandes quantidades, promptas para se collocarem nos logares proprios; não tardará que se façam encomendas de casas de dimensões sortidas, sendo apenas preciso o terreno para as instalar, promptas a receberem a mobilia.

Na America tem-se desenvolvido extraordinariamente a construcção concreta e reforçada; e agora propõe-se Thomas A. Edison a construir (melhor diriamos a *fundir*) um edificio completo de uma só peça. Fazem se modelos metalicos correspondendo ás varias peças da estructura, e quando se quer proceder á construcção, esses moldes aparafuzam-se uns aos outros convenientemente, de modo que formem uma matriz completa do edificio projectado. Então introduz-se n'elle uma substancia em fusão até

a encher de todo. D'ahi a alguns dias, quando a massa está bastante solidificada, tiram-se as secções do molde, e fica uma casa solida. A ideia do inventor é que todas as peças do edificio, fogões, chaminés, padieiras, embelezamentos architectonicos, escadas, pias, inclusivamente canalisações de gaz e de agua, fiquem completas de um só jacto.

Produção de phosphorescência nos animaes **C**om respeito á phosphorecencia dos animaes, affirma o professor Mac Intosh ser ella produzida por quatro methodos distinctos: 1.º por cellulas especiaes que segregam um mucos phosphorecente; 2.º por cellulas especiaes que são phosphorecentes sem secreção visivel; 3.º por tecidos ordinarios sob a acção nervosa; 4.º por bacterias. A mais extraordinaria caracteristica é a ausencia absoluta do calor. Para produzir a luz do pyrilampo, embora fria, seria precisa, por processos ordinarios, a não ser pelo tubo Geissler, uma temperatura superior a 1:000 graus centigrados; e é esta notavel economia de energia na natureza que induz á esperança de maior efficacia na illuminação artificial.

Uma torrente sem desaguardouro **U**ms dos cursos de agua mais extraordinarios do mundo existe na Africa Oriental. Corre na direcção do mar, mas nunca o attinge. Mesmo ao norte do Equador, a poucas milhas do Oceano Indico, corre por um deserto fora, onde desaparece de subito completamente.

A luz dos pyrilampos **O**rgan luminoso dos pyrilampos reside no abdomen. É uma secção arredondada, sob a qual existe uma substancia gorla que produz um brilho phosphorecente, como resultado de uma lenta alteração chimica. Pode-se considerar esta luz um farol de amor, o qual attrahe os machos

alados e activos durante as horas de obscuridade, por isso que os pyrilampos tem habitos nocturnos.

Os olhos do macho são extraordinariamente grandes e desenvolvidos, sem duvida com o fim de o auxiliarem na busca da fêmea, brilhante, mas indolente.

Pedra-bomes artificial **É** uma recente invenção germanica. É fabricada misturando areia e barro. Tem diferentes graus, adaptando-se para a limpeza do couro, da esculptura e até da madeira e do metal. É muito mais duradoura do que o producto natural.

A mais valiosa rozeira do mundo **A**TRIBUE-SE a uma rozeira existente na cidade allemã de Hildersheim a espantosa idade de mais de mil annos. Apesar d'isso, cobre-se ainda de flores na estação propria. Ha annos um inglez offereceu por ella a quantia de 50:000 libras, que foi recusada.

A arvore mais alta **É** o grande eucalypto de Gipland, na Australia, o qual tem 150 metros de altura.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na *tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia*, etc., mas os meios de ministrall-a nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophosphitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos, preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

Terceiro concurso photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA



A' HORA DA CALMA

Photographia do sr. Luiz A. Marques de Souza — Porto